



UNISUL

UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA

RENATA MARTINS

**CENTRALIDADE DO TRABALHO:
UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE DESCENDENTES DE ALEMÃES E
DESCENDENTES DE AÇORIANOS NA GRANDE FLORIANÓPOLIS**

Palhoça

2010

RENATA MARTINS

**CENTRALIDADE DO TRABALHO:
UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE DESCENDENTES DE ALEMÃES E
DESCENDENTES DE AÇORIANOS NA GRANDE FLORIANÓPOLIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Psicologia da Universidade do Sul de Santa Catarina, como requisito à obtenção do título de psicólogo.
Área de concentração: Psicologia e Trabalho.
Linha de pesquisa: Processos de trabalho e saúde do trabalhador.

Orientadora TCC II: Prof^a Michelle Regina da Natividade, Msc.

Orientador TCC I: Prof. Pedro Antônio dos Santos, Msc.

Palhoça

2010

AGRADECIMENTOS

Talvez este seja um dos momentos mais esperados da conclusão deste trabalho, pois, embora muito conhecimento tenha perpassado este ano de desenvolvimento de projeto e de pesquisa, muitas pessoas marcaram minha história durante este processo e por isso, preciso agradecê-las.

Em primeiro lugar agradeço à minha mãe, Maria Helena Martins, que por meio de seu exemplo, força e amor extremo, me apresentou o mundo, sempre contemplando as possibilidades boas e ruins dele, fazendo de mim alguém apaixonada pela vida, mas de olhos sempre abertos à realidade.

Ao meu esposo Leonardo Moraes Villanova, por me acompanhar nestes tantos anos de graduação que, por meio do seu amor quase incondicional, soube me apoiar e caminhar comigo, demonstrando muita cumplicidade e compreensão em todos os momentos da minha vida, fazendo minha história sempre mais feliz e divertida.

À minha irmã Paola, que a partir de um amor forte, me deixa feliz a cada dia, pois, sabendo que a tenho em minha vida, mesmo à distância, sinto-me absolutamente confortável por isso. Também agradeço ao meu irmão Diego, que me apresentou o mundo do trabalho e, por meio de nossa experiência neste mundo, me ensinou que o amor de irmãos ultrapassa as mais expressivas diferenças. Ainda agradeço à minha cunhada Graziela, que por meio de seu carinho, influenciou, indiretamente, minha escolha profissional.

Aos meus sogros Antônio e Juliana, que a partir de um carinho paternal, acreditaram em meu sonho, me apoiando, portanto.

À minha amiga Roberta Campedelli, que por meio de seu apoio e carinho desde a nossa infância, acompanha meus momentos de crescimento como se fosse uma irmã.

Aos sobrinhos e afilhados Maria Eduarda, Caetano, Caetana, Ana Luísa e Venâncio, que a partir de uma inteligência pura, me ensinaram a ser tia e perceber que a construção de nossas histórias começa muito mais cedo do que se pode imaginar.

Aos meus cunhados Bernardo e Michele, que abraçaram conosco um sonho e foram grandes amigos em um momento singular de minha história.

Às grandes amigas que me acolheram em Florianópolis: Sharon, Patrícia, Marcela, Nádia, Janúcia, Isadora, Esther, Caroline e Ludmila. Minha vida não teria sido a mesma sem o carinho e amor que recebi de vocês.

À minha orientadora, professora Michelle Regina da Natividade, que se mostrou muito mais que uma orientadora, se mostrou uma amiga. Caminhou ao meu lado, compreendeu minhas aflições e dividiu sua vida comigo, estando, muitas vezes, mais tempo com nosso grupo do que com sua própria família. Obrigada Michelle, do fundo do coração.

Ao professor Vanderlei Brasil, profissional que admiro profundamente, que por meio de sua participação em minha banca de qualificação, contribuiu muito com minha pesquisa.

À professora Carolina Bunn Bartilotti, que por meio de sua experiência e contribuição na primeira etapa desta pesquisa, me permitiu admirá-la ainda mais enquanto profissional e pessoa. Carol, percebi que é difícil encontrar pessoas como você.

Ao professor Lúri Novaes Luna, por sua participação no momento da escolha do tema desta pesquisa. Obrigada professor, por me proporcionar uma aproximação tão prazerosa e realizadora.

Às companheiras e grandes amigas do grupo de TCC e estágio do Programa Gestão de Pessoas: Denise, Aline e Cidiane. Companheiras de caminhada que fizeram a diferença neste último ano de graduação. Agradeço cada sorriso, cada “puxada de orelha”, cada abraço, foi especial ter a companhia e amizade de vocês durante este percurso, tenho certeza que nossa história é longa.

Às colegas do Programa Gestão de Pessoas do presente semestre, colegas e amigas especiais que agregaram muito em nosso trabalho, em nossos dias, em minha vida, são elas: Mariana, Liliane, Rafaela. Desejo que vocês tenham a mesma sorte que tivemos ao recebê-las, vocês são um presente.

Às colegas do estágio na clínica: Fabiana, Adriana, Izabel e Simone. Minhas quartas-feiras nunca mais serão as mesmas. Agradeço cada silêncio, cada comentário, cada questionamento. A cumplicidade de vocês me fez compreender a responsabilidade que atender pessoas confere à nossa profissão.

À professora Maria Ângela Giordani Machado, por dividir comigo sua experiência, ensinando-me a clinicar, compreender e refletir sobre os prazeres e desprazeres que nossa atividade pode proporcionar a nós mesmos.

Agradeço aos meus queridos funcionários: Luciane, Nilda, Geysel, Filipp, Maycon, Elias e Clarice, que a partir de seus respaldos, disponibilidade, carinho e comprometimento, permitiram que eu estivesse ausente de nossa empresa, me deixando sempre tranqüila, com a certeza que estava tudo muito bem cuidado por lá. Pessoal, não sei se teria sido possível sem vocês. Obrigada!

E por último, agradeço aos meus sujeitos de pesquisa, pessoas especiais, que disponibilizaram seu tempo e dividiram suas vidas comigo, permitindo que eu refletisse sobre suas histórias, abrindo suas intimidades e colaborando com o desenvolvimento da ciência psicológica.

RESUMO

A presente pesquisa buscou discutir a centralidade que o trabalho ocupa na vida das pessoas, levando em consideração a questão cultural. Desta forma, foram escolhidos como sujeitos desta pesquisa, descendentes de alemães e descendentes de açorianos, uma vez que estas populações representam, majoritariamente, a imigração na região da Grande Florianópolis. Sendo assim, relacionar a centralidade atribuída ao trabalho para as duas populações foi o objetivo que se buscou com esta pesquisa. Para que este objetivo fosse alcançado, foram entrevistados dois descendentes de açorianos e dois descendentes de alemães que residem na Grande Florianópolis. Esta pesquisa baseia-se na concepção marxista de trabalho, além dos principais fundamentos da psicologia histórico-cultural. Caracterizou-se como uma pesquisa qualitativa e exploratória, tendo como delineamento o estudo de caso. Para a coleta de dados utilizou-se entrevista semi-estruturada, além de uma Escala de Valores. A Escala de Valores serviu para comparar as falas dos participantes, durante as entrevistas, com os valores que estes atribuem às diversas facetas da vida. A partir da análise de conteúdo das entrevistas, foram estabelecidas categorias de análise para cada participante e, posteriormente, estas foram fundamentadas teoricamente. Além disso, foram comparadas as análises completas das duas populações, com o intuito de relacionar a centralidade do trabalho entre as etnias. Ao fim deste processo constatou-se que tanto descendentes de alemães quanto descendentes de açorianos atribuem centralidade ao trabalho, no sentido de conferirem ao ato laboral, o valor de uma, dentre tantas facetas da vida. Entretanto, a magnitude da centralidade tem relação com diferenças culturais de cada população, além da significação individual que cada pessoa vislumbra a partir de seus valores e crenças.

Palavras-chave: Centralidade do Trabalho. Sentidos do Trabalho. Açorianos. Alemães.

Dedico este trabalho aos professores que pela minha vida passaram e, por meio de suas experiências, dividiram comigo seu tempo e, conseqüentemente, suas vidas, permitindo com isso que eu me tornasse uma acadêmica ainda mais apaixonada.

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO	7
1.1 PROBLEMÁTICA.....	7
1.2 OBJETIVOS	13
1.2.1 Objetivo Geral	13
1.2.2 Objetivos Específicos	13
1.3 JUSTIFICATIVA.....	14
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	18
2.1 TRABALHO	18
2.2 CENTRALIDADE DO TRABALHO	22
2.3 OS DESCENDENTES DE AÇORIANOS EM SANTA CATARINA	25
2.4 OS DESCENDENTES DE ALEMÃES EM SANTA CATARINA.....	30
3 MÉTODO	34
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	34
3.2 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS	35
3.3 PROCEDIMENTOS.....	36
3.3.1 De seleção e contato com os participantes	36
3.3.2 De coleta e registro dos dados	38
3.3.3 Organização e Análise dos Dados	38
3.4 PERFIL DOS PARTICIPANTES.....	39
4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	41
4.1 FERNANDO – O ALEMÃO ORGANIZADO.....	41
4.1.1 Trajetória Profissional	43
4.1.2 Centralidade do Trabalho	53

4.2 SALETE – A ALEMÃ CAPRICHOSA.....	57
4.2.1 Trajetória Profissional	58
4.2.2 Centralidade do Trabalho	71
4.3 ROBSON – O AÇORIANO EMPREENDEDOR.....	78
4.3.1 Trajetória Profissional	79
4.3.2 Centralidade do Trabalho	92
4.4 CATARINA – A AÇORIANA DE BEM COM A VIDA.....	100
4.4.1 Trajetória Profissional	101
4.4.2 Centralidade do Trabalho	108
4.5 ALEMÃES E AÇORIANOS: EXISTEM DIFERENÇAS?	111
4.5.1 Fernando e Robson.....	111
4.5.2 Salete e Catarina	114
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	119
APÊNDICES	131
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	132
APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA	133
APÊNDICE C – ESCALA DE VALORES	134

1 APRESENTAÇÃO

O Curso de Psicologia da Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL proporciona duas opções ou núcleos orientados (“Psicologia e Trabalho Humano” e “Psicologia e Saúde”) que definem a área de atuação do aluno junto ao estágio curricular, bem como a formulação da linha de pesquisa para o trabalho de conclusão do curso. Desta forma, o desenvolvimento da pesquisa está vinculado ao Núcleo Orientado Psicologia e Trabalho Humano e, especificamente, ao “Programa Gestão de Pessoas”, no qual a pesquisadora se insere.

Foi no âmbito desse programa que nasceu a presente pesquisa, que tem por objetivo discutir aspectos relacionados à centralidade do trabalho e diferenças culturais no que tange ao mundo do trabalho e às relações humanas.

1.1 PROBLEMÁTICA

De acordo com De Masi (2001), as pessoas que ocupavam o alto das pirâmides sociais por milhares de anos – os aristocratas, os clérigos, os fazendeiros, os intelectuais – na verdade eram os que menos trabalhavam. Não era por meio do trabalho que se obtinha riquezas e prestígio. O que assegurava a posição social era o nome da família, a posição na hierarquia da Igreja, a proteção às artes e letras. No fim do século XVIII, entretanto, com a industrialização se estabelecendo, os camponeses se tornaram trabalhadores “subordinados”, a natureza não mais ditava as horas e o tempo de trabalho, mas agora as regras empresariais e ritmos das máquinas passaram a fazê-lo.

Portanto, o trabalho assumiu centralidade na vida das pessoas, a partir das grandes revoluções do século XVIII, especialmente a partir da Revolução Industrial. Antes do século XVIII, as pessoas trabalhavam para a sua própria subsistência. Com o espírito do capitalismo o trabalho ocupa lugar central na vida das pessoas, e, neste momento, passa a dar sentido à vida, tornando-se a atividade central comparativamente às demais atividades e relações humanas.

Para Marx (1985) é o surgimento da sociedade burguesa que estabelece este novo modo de ver o mundo, esta mudança de paradigma frente à nova realidade do trabalho, a realidade capitalista. Para Codo (1998), embasado na perspectiva marxista, o trabalho se caracteriza pela transformação da natureza com o objetivo de produzir manufaturas e/ou serviços e que, tal transformação, seja geradora de significados para o indivíduo que a executa. Desta forma o trabalho se caracteriza como um processo de mão dupla em que o homem transforma a natureza e com tal atitude, transforma-se também.

É interessante perceber que, a concepção aqui apresentada, coloca o homem no lugar de agente, o que pode ser visto no trecho que segue:

O trabalho é aquilo que implica, do ponto de vista humano, o fato de trabalhar: gestos, *saberfazer*, um engajamento do corpo, a mobilização da inteligência. A capacidade de refletir, de interpretar e de agir às situações; é o poder de sentir, de pensar e de inventar. (DEJOURS, 2004, p. 28).

Identifica-se ainda este olhar no trecho de Marx:

Antes de tudo o trabalho é um processo que participam o homem e a natureza, processo em que o ser humano com sua própria ação, impulsiona, regula e controla seu intercâmbio material com a natureza. Defronta-se com a natureza como uma de suas forças. Põe em movimento as forças naturais de seu corpo, braços e pernas, cabeça e mãos, a fim de apropriar-se dos recursos da natureza, imprimindo-lhes forma útil à vida humana. Atuando assim sobre a natureza externa e modificando-a, ao mesmo tempo modifica sua própria natureza. (1985, p.202)

Desta forma, pensar sobre trabalho é pensar a complexidade humana. É pensar no quanto é fundamental a interação e cruzamento de dados e informações especificamente humanos - como a origem, a história, a cultura e tudo que diferencia o ser humano de outros seres vivos – características estas que possibilitam ao humano uma complexa relação dele com o mundo e com o trabalho que executa. O trabalho, neste sentido, também pode ser percebido como um dos principais meios de participação social, ou ainda, uma forma de se relacionar socialmente. O ser humano que trabalha é também um indivíduo histórico e cultural, indivíduo que traz consigo todas as crenças e valores que aprendeu desde a infância. Destaca-se aqui a ideia de trabalho como significante desta existência, bem como da história de cada um.

A partir do exposto acima não se pode refutar a transformação que a humanidade vivenciou no que se refere ao mundo do trabalho. A nova ordem econômica, instaurada a partir da segunda metade do século XVIII transformou, gradualmente, as formas de viver e trabalhar das pessoas desta época. Após o século XVIII até os dias atuais o mundo do trabalho constituiu-se de forma bastante oportunista, onde os trabalhadores foram extremamente explorados e suas subjetividades, na maioria das vezes, deixadas de lado. Neste contexto, conforme afirma Antunes (1999a), uma crise iniciou-se por meados dos anos 70 do século XX. Nesta crise, a lógica taylorista-fordista - lógica da produção em massa nas indústrias, da verticalização do poder, da brutalização do trabalhador como homem que não pensa – demonstrou sinais de esgotamento. Diante desse cenário, as relações de trabalho se enfraqueceram. O modelo de produção não mais atendia às necessidades do mercado, apresentando inclusive, decréscimo na economia das empresas.

Sob este cenário de transformações é que o envolvimento do trabalhador se mostra essencial. Com a chegada da lógica toyotista ao mercado de trabalho, a exigência, agora, se vira para o comprometimento das pessoas para com suas empresas, o que pode ser visto quando Antunes (1999a) afirma que “[...] para isso era preciso envolver o trabalhador neste processo, dar ao trabalhador a aparência de que efetivamente dispunha de autonomia para pensar no que é melhor para a empresa.” (p.56)

Sendo assim, a centralidade do trabalho passa a ser vista, também, como principal “requisito” para os trabalhadores. Ora, para se ter o comprometimento esperado é fundamental que o trabalho ocupe lugar central na vida destes funcionários. E, dessa forma, faz-se necessário esclarecer o que é esta centralidade.

Centralidade do trabalho é entendida como o grau de importância que o trabalho tem na vida da pessoa em um determinado momento. É formada por um construto complexo composto por um componente valorativo – a centralidade absoluta do trabalho –, que mensura o valor atribuído a este dentro da vida dos sujeitos (Qual a importância do trabalho na sua vida?) e identifica em que medida o trabalho é central para a auto-imagem. O outro componente é a centralidade relativa do trabalho, influenciada pelos ciclos vitais do sujeito, e que mede a relação do trabalho com outros momentos importantes da vida. (TOLFO; PICCININI, 2007, p. 39).

As autoras discutem as diferenças sobre a centralidade absoluta do trabalho e a centralidade relativa do trabalho. Neste sentido discute-se o trabalho como constituinte da formação da identidade individual, percebendo a importância que o trabalho tem para as pessoas, e, também, considerando que esta importância pode variar de acordo com diferentes momentos da vida do sujeito.

Entretanto, falar de centralidade do trabalho é pisar em terreno arenoso. É falar de algo que não possui definição unânime e desta forma se faz necessário caracterizar de qual centralidade estaremos falando.

A tese da centralidade do trabalho, ao mesmo tempo em que postula uma posição central para o trabalho na sociedade vigente e em seu dinamismo social, é crítica em relação à sociedade do trabalho vigente e negativa em relação à tendência evolutiva da mesma; tendência dominada pelo processo de acumulação capitalista que aliena os homens do próprio processo de reprodução material de sua vida. (MAAR, 2006, p.27)

Maar (2006) aponta a centralidade do trabalho social, discussão esta bastante presente na atualidade haja vista que há teorias sobre o fim da sociedade do trabalho. No entanto, é fundamental apontar qual a perspectiva da centralidade do trabalho está sendo abordada nesta pesquisa. A discussão aqui presente diz respeito à centralidade do trabalho assinalada por Tolfo e Piccinini (2007), a qual identifica os sentidos individuais para o trabalho e não a centralidade do trabalho na sociedade, esta última apontada como categoria social passível de extinção. Embora esta segunda não seja o foco aqui, é interessante pontuar que a centralidade social do trabalho está também relacionada à centralidade individual do trabalho, pois, conforme Marx (1985) é por meio do trabalho que o ser humano se constitui e constitui, também, a sociedade, ou seja, a sociedade só existe porque existem os homens e vice-versa.

No entanto, aborda-se aqui, brevemente, a centralidade social do trabalho e as discussões sobre seu fim, para que se possa compreender o contexto como um todo e não apenas por meio da contextualização de um de seus partícipes: os seres humanos. Deste modo, apesar das diversas teses sobre a centralidade do trabalho, autores como André Gorz e Claus Offe, conforme apontado por Prieb (2000), afirmam que, com a transformação do mercado de trabalho, sua centralidade está chegando ao fim. Neste sentido, para tais autores, as “mudanças na estrutura ocupacional; mudanças na natureza e hierarquia das funções, aumento do

desemprego, inovações tecnológicas e organizacionais no processo de trabalho” (AUGUSTO, 1998, p.88) indicam o fim da sociedade do trabalho.

Para Augusto (1998) as argumentações trazidas por Offe precisam ser relativizadas, uma vez que este afirma que o trabalho produtivo é somente o trabalho que pode estar submetido à lógica fordista de produtividade. Ou seja, para os teóricos do fim do trabalho e de sua centralidade, as formas de produzir atuais e a era da produção de serviços são incompatíveis com a lógica do mercado capitalista. “Não se trata aqui de negar a especificidade das atividades do setor de serviços em face da produção industrial. Trata-se sim de apontar que a definição de racionalidade utilizada por Offe para definir o trabalho “produtivo” é muito restrita.” (AUGUSTO, 1998, p.91).

Neste sentido, pode-se pensar que o único trabalho passível de chegar ao fim é o trabalho capitalista, o trabalho remunerado. E, sendo assim, o trabalho que faz do homem um transformador da natureza em seu benefício para sua sobrevivência, não se extinguirá.

Desta forma, diante da reestruturação produtiva, crise contemporânea da qual sucintamente discutiu-se até aqui, pode-se pensar na questão central da presente pesquisa. Ao relacionar o trabalho como forma de transformação da natureza para produzir algo necessário para si, sendo o homem que trabalha, um homem que carrega consigo sua cultura, suas crenças, seus valores e seus aprendizados, faz-se possível refletir acerca dos aspectos culturais que influenciam diretamente esta realidade descrita por Antunes (1999a) e da qual as pessoas fazem parte e convivem nas suas rotinas de trabalho.

Para Weber (1996) a concepção de trabalho e de aquisição de bens materiais tem ligação direta com a cultura e a história das pessoas, especialmente no que diz respeito à religião. O autor afirma que católicos e protestantes possuem visões diferentes no que diz respeito ao mundo do trabalho, tendo em vista que os primeiros consideram o ato laboral como um castigo, enquanto que os segundos, como um meio para se chegar aos objetivos, tanto materiais, quanto espirituais. Sendo assim, a relação com os sujeitos da pesquisa se estabelece a partir dos seguintes aspectos: primeiro diz respeito à presença predominante de descendentes de alemães e descendentes de açorianos na região da Grande Florianópolis e, segundo: entre estes dois povos há, historicamente, maior crença na religião católica entre os açorianos e, na religião protestante, entre os alemães. A região da Grande

Florianópolis, que aparece constantemente nesta pesquisa, pode ser compreendida a partir de que

A Mesorregião da Grande Florianópolis é onde se localiza a capital do estado de Santa Catarina, possui 21 municípios divididos em três microrregiões, que são: Florianópolis, Tabuleiro e Tijucas. Sua área é de quase 7.041,0 km², sua população é de 960.660 habitantes e o PIB per capita de R\$ 8.332,26. A microrregião de Florianópolis é uma das microrregiões do estado brasileiro de Santa Catarina pertencente à mesorregião Grande Florianópolis. Sua população foi estimada em 2006 pelo IBGE em 842.627 habitantes, área total 2.488,592 km². Está dividida em nove municípios: Antonio Carlos, Biguaçu, Florianópolis, Governador Celso Ramos, Palhoça, Paulo Lopes, Santo Amaro da Imperatriz, São José e São Pedro de Alcântara. (RAITZ, 2009, p.3)

Contextualizada a questão geográfica exposta nesta pesquisa, volta-se a lógica da realidade do trabalho na atualidade, pois, além dos aspectos trazidos por Weber (1996), nesta pesquisa se faz possível refletir acerca da influência das diferentes culturas para pessoas inseridas em organizações de trabalho. Sendo assim, é importante perceber a diversidade de etnias que compõe a colonização do Estado de Santa Catarina e, além disso, o quanto as pessoas migram de seus locais de origem para diferentes novos lugares. Portanto, multiplicam-se ainda mais as possibilidades de etnias diferentes dentro de um mesmo contexto de trabalho, bem como suas formas de ser, de agir e de pensar.

Além disso, quando se fala em gestão de pessoas dentro das empresas, especialmente na gestão estratégica, aspectos que dizem respeito à diversidade dos trabalhadores precisam ser levados em consideração para uma efetiva gestão estratégica, pois, “o modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural [...]” (LARAIA, 1997 apud TREVISAN, 2001, p.17). Desta forma, assim como a cultura organizacional deve ser compreendida e levada em consideração, a compreensão e contextualização das pessoas que da empresa fazem parte, se torna fundamental para que o psicólogo das organizações e do trabalho trabalhe de forma coerente e eficiente.

Sendo assim, a partir dos aspectos levantados no que se refere à realidade das empresas, à complexidade dos trabalhadores e ao dinamismo do mercado de trabalho, aspectos estes que ilustram a realidade do trabalho contemporâneo, a pesquisa visa responder: *Qual a centralidade atribuída ao*

trabalho por descendentes de alemães e descendentes de açorianos que residem na região da grande Florianópolis?

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo Geral

Relacionar a centralidade atribuída ao trabalho por descendentes de alemães e descendentes de açorianos que residam na região da Grande Florianópolis.

1.2.2 Objetivos Específicos

1. Identificar o sentido do trabalho para os descendentes de alemães que residem na Grande Florianópolis.
2. Identificar o sentido do trabalho para os descendentes de açorianos que residem na Grande Florianópolis.
3. Compreender a centralidade do trabalho entre os descendentes de alemães que residem na Grande Florianópolis;
4. Compreender a centralidade do trabalho entre os descendentes de açorianos que residem na Grande Florianópolis.
5. Descrever a trajetória profissional dos descendentes de alemães que residem na Grande Florianópolis;
6. Descrever a trajetória profissional dos descendentes de açorianos que residem na Grande Florianópolis;

1.3 JUSTIFICATIVA

O psicólogo do trabalho tem a responsabilidade de estar atento às modificações do mercado de trabalho e, a partir disso, ocupar-se de pesquisas que possibilitem e inovem o campo das intervenções junto ao trabalhador. A dinamicidade humana requer constante atualização de quem estuda seu comportamento, bem como a realidade que este sujeito está inserido. Desta forma, para se falar de pessoas e, mais especificamente, destas pessoas em suas atividades de trabalho, é fundamental que se contextualize suas histórias, culturas e hábitos no que diz respeito ao ato laboral. Sendo assim, compreender as diferenças culturais e realidades históricas de duas etnias – açoriana e alemã- permite refletir e contextualizar o comportamento destes sujeitos, dentro ou fora das organizações de trabalho.

No senso comum é habitual ouvir que a relação com o trabalho é diferente para pessoas que vivem em cidades de colonização açoriana e de colonização alemã. Algumas pessoas chegam a dizer que os ilhéus são indolentes, tal como aponta Lacerda (2003), enquanto outros afirmam que os alemães têm extremo “gosto pelo trabalho”.

Quando se buscam fatos históricos da relação sobre os dois grupos – alemães e açorianos - constata-se diferença na forma de se referir ao trabalho. Um exemplo pode ser traçado no livro de Caruso e Caruso (2000) que se refere à pesca da baleia em seu índice, mas somente no desenvolvimento mais profundo do texto permite vislumbrar que esta, em Santa Catarina, foi uma das primeiras grandes organizações de trabalho e, também, a principal atividade da época que promoveu um desenvolvimento acentuado na região. Já com relação aos alemães, intitulam um de seus capítulos de: “Enxadas, Joinville, Desterro¹, Itajaí e Blumenau” referindo-se às regiões colonizadas por alemães como terra de trabalho, terra onde se faz uso da enxada.

Relacionar as particularidades da cultura de um povo e seu trabalho tem grande relevância social, tendo em vista que, tanto o trabalho como a cultura, são fatores determinantes na construção da identidade das pessoas e,

¹ Embora Desterro esteja no título, os autores referem-se ao longo deste capítulo à colonização alemã no Estado de Santa Catarina, incluindo a influência sobre a cidade de Desterro.

consequentemente, de um grupo social. Refletir sobre as particularidades de cada cultura pode contribuir para intervenções mais completas (uma vez que contextualizam as crenças e valores das pessoas, o modo como estas se relacionam com o trabalho e como aprenderam e construíram seus sentidos no que diz respeito ao ato de trabalhar), considerando o pensamento de Morin (2001) para a qual, em função da forma de trabalhar, os indivíduos elaboram o que pensam e como percebem sua liberdade. A autora sustenta que “o processo de trabalho assim como seu fruto, ajuda o indivíduo a descobrir e formar sua identidade.” (p. 73). Dessa forma, tendo em vista que o trabalho é fator central em nossa sociedade e que as pessoas que a constituem são responsáveis pelo futuro, especialmente no que diz respeito à forma de educar e trabalhar, é possível pensar, a partir da presente pesquisa, em uma contribuição de cunho social, sendo possível refletir, inclusive, em questões de políticas públicas no que diz respeito à educação e formação dos futuros trabalhadores. Neste sentido, a ideia é refletir acerca da educação e, portanto, contextualizar para tais crianças que o sentido do trabalho não precisa ser meramente relacionado à lógica capitalista de produção. Pode-se, a partir da educação, promover reflexão às futuras gerações a respeito do trabalho abstrato e concreto, percebendo que todo trabalho pressupõe um valor-de-uso e que este não está, necessariamente, atrelado a um valor-de-troca e, então, contempla-se suas possíveis repercussões, tais como o valor real do trabalho e do tempo de não trabalho, por exemplo.

A relevância social está ainda relacionada à contribuição de cunho político e cultural, no sentido de se pensar e possibilitar novas discussões relacionadas ao jeito de viver e trabalhar que cada sujeito escolhe, possibilitando uma abordagem histórico-cultural sobre o trabalho, levando em conta as culturas de origem das etnias específicas que habitam a região da Grande Florianópolis. O cuidado com as diferenças e o respeito às pessoas e às culturas, especificamente no que se refere ao sentido do trabalho, moldam o presente projeto, pensando sempre de forma sistemática e criteriosa.

Com relação à contribuição científica, que pôde ser levantada por meio das ideias de Antunes (1999b); Aranha (1997); Codo (1998); Marx (1985); Morin (2001), sobre a realidade capitalista do mundo do trabalho, seus sentidos e conceitos, além das discussões referentes à centralidade do trabalho apontadas por Lessa (2002); Maar (2006); Prieb (2000); Tolfo e Piccinini (2007), nesta pesquisa

estão relacionadas à possibilidade de se produzir mais conhecimentos, partindo da hipótese de que cada ser humano tem um sentido para o trabalho e, desta forma, deve ser respeitado em sua essência. Sendo assim a linha de pesquisa aqui proposta tem o objetivo de desenvolver possibilidades de intervenção do profissional psicólogo, para que este promova respeito às individualidades de cada trabalhador.

Há que se pensar, ainda, que o mercado de trabalho mudou. Com as novas tecnologias e a competitividade cada vez mais acirrada, por vezes é quase um tabu falar de respeito às singularidades. Com a velocidade da informação e a produtividade como centro das organizações e serviços, torna-se intolerável questionar a forma de trabalho posta diante da atual realidade: não se pode questionar o trabalho desmedido. Neste contexto é fundamental não parar, render ao máximo, estar atento à concorrência e ter uma idéia inovadora antes de todos. Os trabalhadores precisam ser polivalentes, deixar “os problemas lá fora” e, além de tudo, ser absolutamente enérgicos. É a este olhar que o psicólogo não pode habituar-se. Obviamente os objetivos organizacionais precisam ser levados em conta e, inclusive, valorizados ao nível que merecem. Compreende-se que a produtividade e o lucro são fundamentais às empresas e, desta forma, estar atento a estas necessidades é também dever do psicólogo das organizações que, diante desta realidade, precisa estar no papel de mediador dos interesses das empresas e os interesses de seus empregados.

Sendo assim, é fundamental que os psicólogos do trabalho atentem a tal realidade e isso, hoje, só é possível promovendo pesquisas que permitam vislumbrar o mundo do trabalho de forma contextualizada, não apenas sentados à mesa, em uma pequena sala dentro da empresa. É fundamental ir a campo, ver o que acontece com as pessoas, como elas se relacionam com o processo e o produto do seu trabalho. Isto tudo tanto pelos parâmetros da “classe-que-vive-do-trabalho” como denomina Antunes (1999b), quanto dos altos executivos destas mesmas empresas, dos profissionais liberais, dos autônomos, do setor de serviços entre tantos que não se reduzem, apenas, às paredes da empresa.

Já em relação às diferenças culturais - neste caso alemãs e açorianas – objetiva-se, além de evidenciar as diferentes origens do homem que trabalha no estado de Santa Catarina, também desmistificar crenças de senso comum, ou ainda, comprometer-se com a singularidade e bem estar das pessoas, quaisquer que sejam as escolhas que elas façam. Como bem fala um comercial na televisão: “Se o seu

estar-bem é ficar em casa, fique.” Sob este olhar, o bem estar é subjetivo e, por isso, não há fórmula que ensine as pessoas a este fim. Por esta subjetividade, tão enraizada à construção da identidade, é que o estudo de diferentes culturas se torna relevante. Onde quer que se esteja, haverá pessoas das mais diversas etnias.

No que diz respeito à relevância pessoal, em função dos fatos constatados ao longo da história da pesquisadora enquanto empresária e, especialmente, em virtude de sua experiência junto ao mundo do trabalho, esta se mobiliza intensamente para entender e pesquisar o porquê algumas pessoas escolhem o trabalho como centro de suas vidas e outras não. Questiona-se sobre as mobilizações que cada sujeito tem com relação ao mundo do trabalho e mais especificamente aos motivos que levam as pessoas a assumirem jornadas extenuantes, enquanto outros vivem melhor trabalhando menos. Neste sentido justifica-se a relevância pessoal da pesquisa, sem a qual seria inviável buscar respostas para inquietações de uma sociedade a qual a pesquisadora pertence. Visto isso, a proposta deste trabalho é buscar o desenvolvimento de material científico, possibilitando – por meio de publicações na área – teorizações e discussões que possibilitem intervenções para o trabalhador, ao mundo do trabalho e ao bem estar deste trabalhador, por parte da ciência psicológica.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste item do projeto serão discutidos fenômenos relevantes relacionados à linha de pesquisa descrita até este momento. Tais assuntos serão abordados na seguinte perspectiva: Trabalho; Centralidade do Trabalho; Cultura Açoriana e Cultura Alemã.

2.1 TRABALHO

Falar de trabalho é falar de pessoas, somente é possível entender o ser humano se compreendermos o trabalho, pois, por meio dele é que o homem mostra-se e sobrevive, modificando a natureza. Para Aranha (1997) a subjetividade é construída a partir do trabalho, a autora afirma que ao mesmo tempo em que o homem produz coisas, ele se torna humano. Podemos, neste sentido, perceber que

À medida que o trabalho muda o jeito de ser, de pensar e de agir de cada ser humano e de cada cultura, torna-se condição de humanização e instrumento da liberdade, porque é pelo trabalho que o homem viabiliza a realização de seus projetos (e desejos) no mundo, ao mesmo tempo que se torna propriamente humano. (ARANHA, 1997, p. 23)

A forma de trabalhar, entretanto, se modificou com a nova realidade do mercado de trabalho. O mesmo homem que modificava a natureza para a subsistência, agora com o avanço das tecnologias e a intensificação do capitalismo, também se modificou. Para Natividade (2007) as relações de trabalho e as características do mundo do trabalho vão se modificando historicamente. A autora traz a discussão de que o que se modifica não são apenas os produtos do trabalho e sim as relações de produção, em função da época histórica e tipo de sociedade. Sob este aspecto, faz-se necessário refletir a respeito das relações de produção que, segundo Marx (1985), constituem o modo de se relacionar com o trabalho e com tudo que predispõe o ato de trabalhar. Um exemplo das relações de trabalho pode ser contextualizado a partir da exploração e, mais especificamente, a mudança na

forma da exploração. Ora, o jeito de explorar os trabalhadores mudou desde a época de Taylor, por volta de 1911, em que a visão de homem era de “homem-boi”, homem que não precisava pensar, não precisava se relacionar e precisava aproveitar o máximo do tempo possível para produzir. Os aspectos humanos não eram abordados na era da Administração Científica, conforme afirmam Wagner e Hollenbeck (2002).

Entretanto, algumas escolas da administração modificaram a visão de homem, possibilitando uma visão mais ampla. Um exemplo é a escola das Relações Humanas, a qual contemplava, por meio das pesquisas de Elton Mayo, a necessidade dos trabalhadores de estabelecer relações sociais dentro do ambiente de trabalho, as quais também foram explicitadas por Wagner e Hollenbeck (2002). Estas foram mudanças que aconteceram no início do século passado e que evidenciam o quanto as mudanças são históricas e têm relação direta com a época e tecnologias disponíveis. Dessa forma, podemos refletir sobre as mudanças no contexto do mundo do trabalho. Neste sentido, alterando a materialidade, altera também a subjetividade, todavia, não se aponta aqui uma dicotomia, visto que elas caminham juntas, pois, só há homem porque há sociedade e vice-versa.

Para Marx (1985, p.204) “o que distingue as diferentes épocas econômicas não é o que se faz, mas como, com que meios de trabalho se faz.” Os meios de trabalho, neste sentido, são os utensílios e ferramentas que se utiliza para desenvolver o trabalho e estas, não há discussão, mudaram evidentemente. Documentos que antes levavam dias para chegar de um lugar a outro, hoje podem ser encaminhados via *e-mail* e, com um rápido clique no *mouse*, pode ser instantânea a chegada da informação. A informatização dos setores de produção também reduz tempo e atividades, permitindo produzir muitas manufaturas simultaneamente e com alta velocidade, reduzindo o número de trabalhadores nas indústrias.

Tal mudança nos meios de trabalho, conseqüentemente, modifica o processo de trabalho como um todo. O processo de trabalho é composto, conforme Marx (1985), pelos meios de trabalho já citados acima; pela atividade, caracterizada pelo trabalho em si e, também, pelo objeto de trabalho, ou seja, a matéria-prima que se modificará para se transformar em produto.

Nesse processo, o homem exercerá uma atividade sobre um objeto por meio da utilização de um instrumento de trabalho, com o intuito de alcançar determinado fim. Sendo assim, com base nesse conceito genérico, o processo de trabalho finaliza quando se conclui o produto, o qual é um valor-de-uso, pois foi realizado para suprir necessidades humanas. Contudo, essas necessidades também são históricas; vão se transformando e se alterando conforme o homem vai transformando a natureza e a si mesmo. (NATIVIDADE, 2007, p. 7)

Para Codo (1985) somente o trabalho humano é passível de exploração e, dessa forma, faz-se possível transformá-lo em lucro. Ou seja, a única forma de se produzir mais valor – ou como utilizado por Marx mais-valia - é por meio da exploração da força de trabalho. Uma vez produzido um artefato este tem um valor-de-uso, que se caracteriza pelo valor da matéria-prima somado ao valor da mão-de-obra, os quais caracterizam o “custo” desse produto (além de estarem relacionados ao suprimento de determinada necessidade). No entanto, ele não será comercializado por este valor, para que se obtenha lucro é necessário que se estabeleça um valor-de-troca. Neste caso o objetivo não é simplesmente a satisfação de uma necessidade e sim uma possibilidade de obter ganho com a produção. Neste sentido “o trabalho, modo de sobrevivência do homem, transformou-se em modo de exploração de um homem pelo outro.” (CODO, 1985, p. 29).

É sob a perspectiva da discussão do valor real do trabalho que se faz possível refletir sobre o significado do trabalho. Podemos pensar que o trabalho é, ao mesmo tempo, um modo de sobrevivência e um modo de exploração a partir das idéias de Codo (1985). Aranha (1997) corrobora o autor ao afirmar que o trabalho é forma de liberdade e, ao mesmo tempo, forma de prisão. Sendo assim é indiscutível refletir sobre o lugar do trabalhador neste contexto. A realidade da alienação no mundo do trabalho serve de referência para o sentido de trabalho que um sujeito possui. Codo (1985) afirma que é impossível obter satisfação com a tarefa executada se esta não é tida como um todo, se o trabalhador não acessa o produto final de sua tarefa, impossibilitado, desta forma, de apropriar-se do que faz. É a ausência de significado no processo de trabalho, neste sentido, um *signo que não fica*. Com essa ausência o trabalhador torna-se alienado. “Dito de outra forma: para obter satisfação na sua atividade, o operário precisaria exercê-la não como um robô, uma marionete, mas como um ser humano que pensa, compreende, imagina, inventa e escolhe.” (ARANHA, 1997, p.25).

Para Codo (1998) a identidade é constituída em função da relação com os outros, com o mundo. O trabalho, neste sentido, é uma condição humana mediada que também constrói a identidade. O prazer tem significado na relação do homem com o mundo, uma vez que não se age como animais, não se buscam coisas apenas para satisfazer necessidades fisiológicas. Todas as atitudes humanas são sempre repletas de significados. Come-se, bebe-se e têm-se amigos “[...] por raiva, poder, prestígio, submissão.”(CODO, 1998, p.85). O trabalho, para Codo (1998), localiza-se nesta mesma concepção de sentidos. O autor afirma que somente o ser humano é capaz de atribuir sentido ao que produz, sentir prazer executando uma tarefa.

Neste momento é importante salientar a diferença entre sentidos e significados. Diversos autores, tais como Coutinho (2009), Tolfo e Piccinini (2007), Morin (2001) abordam a questão dos sentidos atribuídos ao trabalho. Para tanto, salienta-se que são

[...] os significados como construções elaboradas coletivamente em um determinado contexto histórico, econômico e social concreto. Já os sentidos são uma produção individual dos sentidos coletivos, nas experiências cotidianas. É importante ressaltar as transformações porque passam os sentidos e os significados, uma vez que são construídos em uma relação dialética com a realidade. (TOLFO ET AL 2005 apud COUTINHO, 2009, p. 193)

Diante dessas abordagens pensemos então: qual o sentido do trabalho para o homem contemporâneo, homem que testemunha as mudanças que fazem parte de sua vida? Para Antunes (1999b) a classe trabalhadora, na atualidade, é heterogênea, ou seja, inclui todos aqueles homens e mulheres que vivem da venda da força de trabalho.

Uma noção ampliada da classe trabalhadora inclui, então, todos aqueles e aquelas que *vendem sua força de trabalho em troca de salário*, incorporando, além do proletário industrial, dos assalariados do setor de serviços, também o proletariado rural, que vende sua força de trabalho para o capital. Essa noção incorpora o *proletariado precarizado*, o *subproletariado moderno*, *part time*, o novo proletariado dos Mc Donalds [...] (p. 199)

A discussão, neste momento, pende para o lado da possibilidade de designar, como contextualiza Codo (1985) um “*signo que fica*” ao trabalho. Diante da

realidade atual do mercado de trabalho, refletir sobre as possibilidades de dar sentido aos atos produtivos se faz necessário, visto a precarização das relações de trabalho e a repercussão desta na vida dos trabalhadores. Tolfo e Piccinini (2007) afirmam que uma vida dotada de sentido só é possível por meio da própria realização no trabalho. As autoras argumentam a partir das ideias de Antunes (2000 apud TOLFO; PICCININI, 2007, p.40) que “se o trabalho for autodeterminado, autônomo e livre, será também dotado de sentido ao possibilitar o uso autônomo do tempo livre que o ser social necessita para se humanizar e se emancipar em seu sentido mais profundo”.

Assim, refletir sobre trabalho e os sentidos atribuídos a ele se faz fundamental para a contextualização da presente pesquisa, uma vez que as pessoas que trabalham estão o tempo todo em contato com os significados ao seu redor e, conseqüentemente, produzindo e ressignificando coisas para construir, ininterruptamente, seus respectivos sentidos.

2.2 CENTRALIDADE DO TRABALHO

A centralidade do trabalho da qual se fala neste trabalho tem seu ponto chave na perspectiva de trabalho como um dos aspectos que ocupa o centro da vida. Neste sentido, a identificação dos sentidos do trabalho permitirá verificar a compreensão do trabalho e o lugar que este ocupa diante das demais esferas da vida das pessoas.

Antunes (1999b) afirma que uma vida cheia de sentido encontra no trabalho seu primeiro momento de realização. Entretanto o autor contrapõe que o sentido da vida não se resume exclusivamente ao trabalho. “Na busca de uma vida cheia de sentido, a arte, a poesia, a pintura, a literatura, a música, o momento de criação, o tempo de liberdade, têm um significado muito especial.” (ANTUNES, 1999b, p. 143)

Já Lessa (2002) traz a discussão das diferentes linhas de pensamento sobre a centralidade do trabalho e, neste sentido, discute-se agora, a centralidade ontológica do trabalho a qual aborda o que Marx já discutiu em O Capital. Falar em

centralidade ontológica do trabalho é falar que o homem só se reconhece quando se identifica como um ser mais que puramente biológico. Neste caso, o homem se reconhece como um ser que produz; um ser que trabalha e que, por isso, se diferencia dos outros seres vivos. Segundo Lessa (2002) essa dimensão discute que o homem para existir enquanto tal deve, necessariamente, produzir pelo trabalho os bens materiais indispensáveis à sua reprodução. Ainda o mesmo autor discute a bipolaridade no que diz respeito ao trabalho. Ao mesmo tempo em que o trabalho permite ao ser humano ser um ser social, este também possibilita a reprodução das individualidades. Para Lessa (2002) não pode haver existência social sem trabalho, ainda que certamente esta não se resume a ele. E é sob este olhar que a centralidade ontológica do trabalho se desdobra, ou seja, “se refere diretamente ao debate acerca da natureza humana”.

A próxima concepção de centralidade do trabalho, também discutida por Lessa (2002), é chamada pelo autor de “Centralidade do Trabalho e Vida Cotidiana”. Nesta percepção, aborda-se a idéia de trabalho e espaço total de vida². Sendo assim, é possível pensar que o trabalho ocupa uma de tantas esferas da vida de um indivíduo. Mas sob o olhar do autor, isso não diz respeito a um desejo dos homens e sim de uma realidade.

Tanto pela divisão do trabalho crescentemente complexa que introduz mediações novas e cada vez mais heterogêneas, como ainda pela mais recente expansão do setor de serviço, historicamente tende a diminuir a proporção do trabalho socialmente disponível a ser colocado direto na transformação da natureza (LESSA, 2002, p.162).

Neste sentido, Prieb (2000) traz os principais autores que discutem o fim da centralidade do trabalho, entre eles, destacam-se: Schaff, Gorz, Aznar, Offe, Habermas, Rifkin “que, apesar de discordarem em inúmeros aspectos analíticos, visualizam, à sua maneira, o fim do trabalho e, em conseqüência, da classe trabalhadora nos tempos modernos”. A discussão deste “fim” é bastante controversa, haja vista que este “fim” estaria relacionado somente ao sistema de produção capitalista e às inovações tecnológicas, não contemplando o sentido do trabalho como gerador de valor de uso. De acordo com Prieb,

² A expressão “Trabalho e Espaço Total de Vida” foi utilizada por Walton em 1973, quando o autor delineou oito categorias conceituais para a avaliação de qualidade de vida no trabalho. A categoria aqui utilizada, diz respeito ao equilíbrio entre tempo de trabalho e tempo para as demais atividades da vida. (KUROGI, 2008).

Esses autores constatarem que, com toda a série de inovações tecnológicas em curso nos últimos 30 anos, a classe trabalhadora estaria fadada ao desaparecimento e, junto com ela, estaria ocorrendo a perda da importância do seu papel histórico de criadora de riqueza no modo de produção capitalista. (2000, p. 1)

Neste caso é possível refletir a respeito do fim do trabalho abstrato, aquele que gera valor-de-troca, é este trabalho, por vezes fetichizado, como denomina Marx (1985), que se pode pensar que se encontra em crise, porque as mudanças estão localizadas no sistema capitalista de produção e nas novas realidades do mercado de trabalho, como aponta Prieb (2000). Ora, o ser humano jamais deixará de exercer seu trabalho concreto, aquele pelo qual se obtém artefatos e serviços indispensáveis à sobrevivência, aquele pelo qual se manufatura produtos com valor-de-uso. Caso isso acontecesse poder-se-ia afirmar que não apenas o trabalho chegaria ao fim, mas a própria humanidade. (MARX, 1985; NATIVIDADE, 2007; PRIEB, 2000).

Mesmo com todas essas transformações, é possível defender a permanência da centralidade do trabalho na sociedade contemporânea; todavia, essa centralidade apresenta-se com níveis cada vez maiores de exploração, intensificação do tempo e do ritmo de trabalho. Sendo assim, a chamada crise no mundo do trabalho pode ser relacionada com a instabilidade, imprevisibilidade, heterogeneidade, complexidade e fragmentação. (NATIVIDADE, 2007, p. 20)

Assim, neste subcapítulo foram levantados aspectos referentes à centralidade do trabalho. Para tanto, cita-se as diferentes ideias no que se refere a esta centralidade. No entanto, o objetivo aqui é destacar o trabalho como um dos aspectos importantes da vida, levando em consideração que este seja o principal organizador das demais facetas da vida. Além disso, as exposições acerca da crise do mercado de trabalho e as argumentações sobre seu fim ou não, servem para contextualizar a realidade que os trabalhadores estão vivenciando, uma vez que, mesmo não se acreditando na extinção do trabalho, as pessoas que atribuem a ele papel central, vivem a instabilidade e as angústias inerentes a qualquer momento histórico de transformação.

2.3 OS DESCENDENTES DE AÇORIANOS EM SANTA CATARINA

Segundo Caruso e Caruso (2000) a chegada dos açorianos em Santa Catarina, especialmente à região de Florianópolis, se deu na época das grandes navegações portuguesas. Os autores afirmam que o opressivo regime feudal e os terremotos e condições vulcânicas do arquipélago dos Açores, em Portugal, promoveram, mais intensamente, a vinda dos casais para o extremo sul do Brasil. A coroa portuguesa, em 1748, estimula este povo a ocupar a região ainda desabitada pelos colonizadores, fornecendo terras, sementes e ferramentas, visto que uma das principais atividades deles em seu país de origem era a agricultura, além da pecuária.

Portanto, emigrou para o Brasil, antes e depois da convocação, grande número de açorianos,

até porque o Arquipélago sempre foi uma região de emigração; uma região difícil de habitar; terras feitas do vulcanismo e dos terremotos. Pouca expansão para agricultura. Não havia quase contato com o mundo. Suas ilhas estavam isoladas. E, na sua maioria, muito pequenas. Quem vivesse nessas ilhas estava fora do mundo. Recebiam notícias muito esparsas quando algum navio passava; era uma população que vivia ignorada no mundo. Com isso, podia se oferecer uma oportunidade a essas pessoas em ter agora um apoio da Coroa Portuguesa para, através de custeio do transporte, custeio de alimentação, entrega de terras, entrega de ferramentas, todo um contexto de um programa colonizatório muito bem desenhado, buscar melhor alternativa de vida. (PEREIRA, 2007, p. 11)

Deste modo, em oito anos vieram, aproximadamente, seis mil pessoas, entre adultos e crianças. Nesta época, algumas regiões do Estado de Santa Catarina eram disputadas entre Portugal e Espanha e, por esse motivo, a ilha de Santa Catarina foi fortificada, tornando-se a base militar mais poderosa do sul do Brasil.

Conforme Pereira (2007), esta ocupação da Ilha de Santa Catarina se deu haja vista que Portugal e Espanha firmaram um acordo que, quem ocupasse a região teria sobre ela o domínio, o chamado *uti possidetis*, que não significava um acordo propriamente dito, mas um princípio. E foi sob esta consigna a convocação dos casais açorianos. Por obter sucesso nessa convocação Portugal cria, então, o Governo da capitania de Santa Catarina e o brigadeiro José da Silva Paes foi o

primeiro governador deste estado em 1738. O objetivo da coroa portuguesa não era apenas ocupar a região litorânea de Santa Catarina, mas a região do Rio Grande do Sul que se estendia até as fronteiras do Uruguai, no entanto isso não ficou explícito para evitar confronto com a Espanha, conforme afirma Pereira (2007).

O autor ainda sustenta a idéia de colonização e não ocupação, haja vista que, de uma maneira ou de outra, a cultura dos colonos acaba sendo imposta³ aos locais, uma vez o que o edital de convocação solicita esta postura. “Deveriam ao organizar as vilas e as moradas, obedecer posturas, ou ordenações como se denominavam a época, para a construção das casas, das Igrejas e inclusive no traçado das ruas e praças.” (PEREIRA, 2007, p.14).

Já sobre a cultura açoriana, Lacerda (2003) utiliza-se de autores como Araújo (1989; 1999); Gerber (1998) e Serpa (1997) para explicar a visão de “praiano indolente” muito discutida no que diz respeito ao povo de origem açoriana que vivia em Florianópolis. Tal idéia é engendrada a partir da modernização sanitária da cidade, momento que se verifica a conduta inadequada da população no que se refere à questão de higiene. Mas também “em paralelo, tal imagem era registrada nos discursos eclesiais, no contexto do processo de romanização da Igreja neste período, contra as resistências oferecidas pelo povo praticante do catolicismo popular de origem luso-brasileira” (SERPA 1997 apud LACERDA, 2003, p. 1).

No entanto, em meados do século XX, ainda segundo Lacerda (2003), esta idéia foi deixada de lado, haja vista uma necessidade de resgate cultural a partir de um conceito de valorização da brasilidade. Intelectuais e lideranças locais identificaram a necessidade de resgatar as tradições e cultura locais. E é sob esta égide que o termo “manezinho”, que em sua origem tinha significado pejorativo, tornou-se positivo.

Lacerda (2003) propõe uma hipótese a se investigar, o fenômeno de etnização da identidade, visto que

Investe em mecanismos agenciadores como a reconexão com as raízes (os Açores), a marcação de um passado pioneiro, com ênfase numa epopéia fundadora (a saga dos imigrantes açorianos do século XVIII); a seleção de tradições, na forma de novas pautas de eventos evocativos e a difusão de um repertório cultural; a valorização da auto-estima pelo orgulho de ter uma

³ O autor afirma que embora muitos estudiosos designem a colonização como forma de apropriação das terras e imposição de culturas, não necessariamente isto tenha ocorrido em Santa Catarina, uma vez que a região tinha pouquíssimos habitantes antes da chegada dos açorianos.

origem, uma identidade e tradições próprias; enfim, de ter uma diferença de identidade a que se possa dar valor próprio em face dos outros. (2003, p. 3)

Neste sentido, é possível identificar uma série de fatores que justificam o resgate da história e origem dos açorianos, até então não percebida por eles, conforme trecho acima. Ora, embora a colonização açoriana e construção no Estado de Santa Catarina possa ter sido diferente do que a colônia portuguesa esperava, houve ali uma origem, uma história e, obviamente, algo a se orgulhar, independente da crença de colonos de outros países.

No entanto, esta mudança foi construída em alguns anos e, conforme afirma Lacerda (2003) houve um incentivo visando abolir estereótipos e disputas simbólicas. Para isso, o autor recorta um depoimento oral, dado por um senhor chamado Francisco, no I Congresso de História Catarinense, ocorrido em 1948 em Florianópolis, que segue:

Na época o que havia era comemorar o centenário de Blumenau, que seria em 1950, Joinville que seria em 1951. Eram coisas que já se conversava em meados dos anos 40. E você sabe que Florianópolis, no período, durante a Segunda Guerra Mundial até o ano de 1962, viveu um momento de parada, um amortecimento de seu crescimento e do seu desenvolvimento. Havia um *slogan* que dizia assim: 'Florianópolis cidade que seduz. De dia falta água, de noite falta luz'. O porto estava sendo desativado, que era o sustentáculo. Bom, com isso, resultou num olhar para a colonização alemã; de se acirrar, se acentuar o pensamento de que se o Brasil tivesse sido colonizado por alemães e ingleses, e não por portugueses, estaria muito melhor desenvolvido. Então havia uma espécie de inferioridade em Florianópolis. E isso era atribuído a colonização portuguesa, a colonização açoriana. Ora, a repressão ao grupo alemão aqui em Santa Catarina, foi realmente algo fantástico. Talvez não tanto pelo receio de que os alemães pudessem dar apoio ao nazismo e a penetração do nazismo da Alemanha em todo Brasil, mas talvez já um pouco essa descarga social de um certo complexo de inferioridade daqui dessa região portuguesa sobre os alemães. Eu atribuo um pouco disso, uma resposta talvez, uma reação. Porque o alemão debochava de nós: são os "barriga verde"; "comedor de berbigão"; são tudo uns manezinhos, são todos uns amarelos, indolentes, não trabalham; "nós aqui é que produzimos; o alemão é que produz, é que trabalha. Então isso era freqüente. Comentários até na imprensa. Isso fez mexer um pouco com os brios. E nós tivemos aqui algumas lideranças intelectuais importantes que procuraram discutir esse problema. Eu citaria Henrique da Silva Fontes, acho que é o principal personagem; José Arthur Boiteaux, que faleceu pouco antes do Congresso e Lucas Alexandre Boiteaux. Quando se aproximam esses eventos de Blumenau, disseram: - porque também não realizamos um evento que estude melhor o que foi a vinda dos açorianos, já que fariam 200 anos? Preocupávamos com o desenvolvimento da comunidade. Dentro das respostas para o caos em que Florianópolis se encontrava, veio a idéia do Congresso. No Congresso se discutia o que que houve, porque que a cidade não se desenvolve? Foram para o Congresso com essa idéia que a colonização açoriana teria sido um fracasso (...) Durante o congresso, aqueles que pensavam em fracasso resultaram em

decepção, porque mudaram o ângulo de observação. Então agora tinha que se buscar o que é que tem de positivo, que respostas vamos encontrar, vamos resgatar nossas origens, abrir os arquivos. Aí então logo em seguida, em 1950, a Faculdade Catarinense de Filosofia, essa gente foi dar aula e começaram a escrever trabalhos. (LACERDA, 2003, p. 6)

E a partir do Congresso, conforme Lacerda (2003, p. 6) “tendo sido o “homem do litoral” positivado como um “homem de tradição” tratava-se de consolidar o seu papel histórico, [...] que demandava urgentes esforços de registro e pesquisa”.

Dessa forma a expressão “manezinho” se transporta de negativa para positiva e, a partir de então, são criados núcleos de pesquisa para o desenvolvimento de trabalhos referentes à valorização da cultura açoriana, como é o exemplo do NEA – Núcleo de Estudos Açorianos, que acontece até hoje na UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina.

E diante de tais perspectivas, há que se pensar, ainda, a respeito da religião de origem dos colonos açorianos em Santa Catarina. No século XVI, com o advento da Reforma Protestante, surge uma nova possibilidade de fé e religião. A Igreja Católica de Roma era, até então, hegemônica no que diz respeito ao poder político, conforme afirma Vicentino (1997). Para o autor a principal causa de protestos referentes à Igreja Católica dizia respeito à inviabilidade do movimento mercantilista que precedeu o advento do capitalismo, já que a Igreja defendia a venda por “justo preço”, sem a possibilidade de lucro. Também aparece como causa da Reforma a condenação da usura (acumulação de capital com a cobrança de juros), além das pesadas taxas cobradas por parte de Roma, e, desta forma se tornou inviável manter tal hegemonia. “Assim, os ideais dos novos grupos que surgiam e se dedicavam a atividades produtivas capitalistas se chocavam com as teorias religiosas católicas [...]”. (VICENTINO, 1997). Ainda segundo Vicentino (1997), Martinho Lutero, na Alemanha, liderou o movimento que questionou a supremacia da Igreja Católica, fundando assim o Luteranismo, o qual se caracterizava, principalmente, pela defesa da “teoria da predestinação, da fatalidade da salvação, negando os jejuns apregoados pela Igreja, as indulgências e outras práticas”.

Dessa forma a Igreja Católica se viu obrigada a reformular seus preceitos e foi então que aconteceu a Contra-Reforma em prol do controle da expansão reformista. Vicentino (1997) afirma que muitas das causas que levaram à Reforma foram anuladas. “Além disso, os países em que a Contra-Reforma foi mais atuante –

Portugal e Espanha, sobretudo – foram também as nações que deram início às expansões marítimas e ao colonialismo.” (VICENTINO, 1997, p. 204). Foi assim que a fé católica chegou às novas terras (Santa Catarina, especialmente para nós aqui) haja vista que os jesuítas a trouxeram por meio da educação para as colônias que surgiram a partir de então. Nesse contexto a colonização da região de Florianópolis pelos açorianos trouxe consigo a bagagem predominantemente católica.

Pouco antes da chegada dos primeiros açorianos ao litoral catarinense, segundo Caruso e Caruso (2000), os índios carijós que aqui estavam e negros africanos trazidos pelos portugueses eram escravizados para as lides domésticas e nos campos. Além disso, a primeira grande organização de trabalho que se desenvolveu na região foram as armações de baleeiras, onde a pesca da baleia foi altamente desenvolvida. “O óleo de baleia era usado para iluminação, lubrificação mecânica e na fabricação de tintas e vernizes.” (CARUSO E CARUSO, 2000, p.111) Também se utilizava o óleo para a iluminação de vias públicas e casas. Tais empresas eram de propriedade, geralmente, de portugueses da Metrópole que pagavam, na forma de monopólio, pelo direito à pesca. Todas as necessidades da empresa eram resolvidas no local. Desde o açougue para cortar toucinho, até as oficinas de conserto de ferramentas e moradia para os trabalhadores, tudo era centralizado nas armações. As primeiras grandes empresas de Santa Catarina – as armações de baleeiras - eram como cidades, eram autônomas e não dependiam de nenhum serviço externo para funcionar. Os trabalhadores eram escravos e índios em numerosa quantidade. No entanto, a pesca entrou em crise, especialmente em função da má administração e da concorrência de outros países, que não permitia aos animais chegar às águas catarinenses, conforme afirmam Caruso e Caruso (2000).

É sob os aspectos históricos desenvolvidos acima, que foi possível contextualizar a origem dos açorianos, uma das populações desta pesquisa. A forma de ser e trabalhar deste povo, na atualidade, está diretamente vinculada à realidade de colonização e ao país de origem deles, pois, por meio de suas construções históricas, engendradas por diferentes aspectos que influenciaram esta vinda para o Brasil, é que se faz possível compreender os açorianos hoje, sujeitos carregados de múltiplos e históricos sentidos, haja vista as peculiaridades da colonização e suas ressignificações destas.

2.4 OS DESCENDENTES DE ALEMÃES EM SANTA CATARINA

Nesta etapa da pesquisa serão levantados aspectos referentes à história da colonização alemã no Estado de Santa Catarina. Para tanto, é importante salientar que a história do trabalho no estado de Santa Catarina foi construída por três modos de produção, em três momentos diferentes conforme afirma Sachet (1997). O primeiro é do tempo das capitânicas hereditárias, época em que o índio foi escravizado e resistiu. Escravos vieram da África para substituí-los na mão-de-obra trabalhadora. No segundo momento, com a vinda dos açorianos, “instala-se a mão-de-obra subsidiada pelo Poder Público” (SACHET, 1997, p. 41), momento da cultura de subsistência. E finalmente, no terceiro momento, por volta de 1829, o trabalho se torna espontâneo e livre, com a chegada dos alemães em São Pedro de Alcântara.

A colonização alemã em Santa Catarina aconteceu quase 100 anos após a colonização açoriana. Por volta de 1828, segundo Caruso e Caruso (2000) é que a primeira colônia alemã é povoada. Os mesmos autores afirmam que após 350 anos de exploração e comércio de escravos os fazendeiros chegam à conclusão que poderiam gastar menos dinheiro explorando os colonos – mão-de-obra branca e livre. E sob este contexto, os alemães que deixaram seu país de origem (em virtude dos impostos extorsivos diante de suas pequenas propriedades, os quais facilitavam, com isso, endividamento ou ainda perda total ou parcial de suas terras) chegam à região de Santa Catarina.

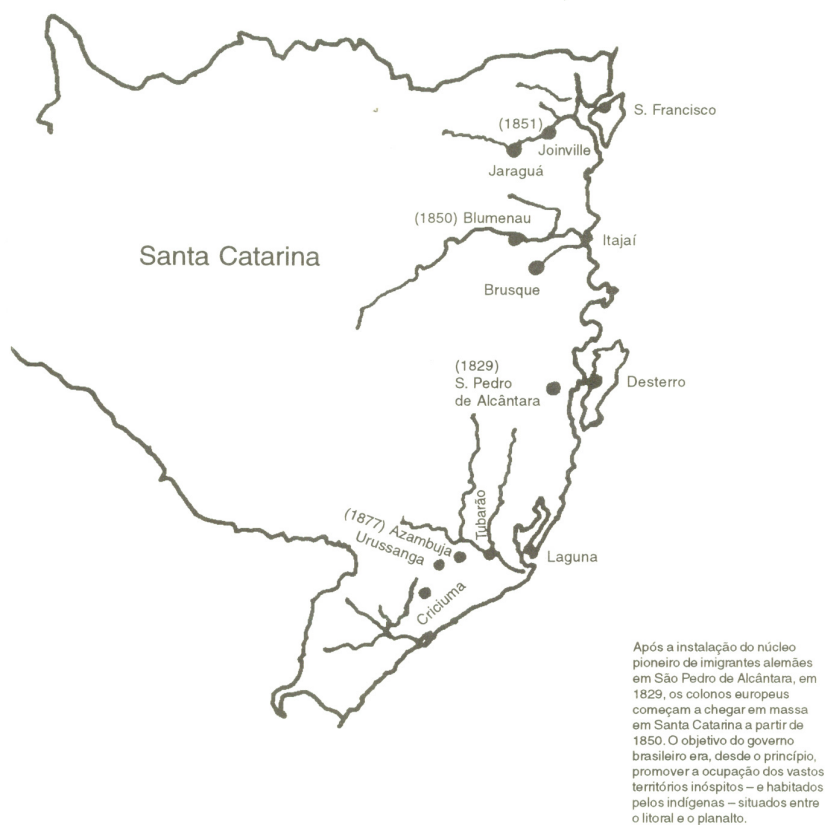
O governo do Brasil tinha interesse por estes colonos europeus, haja vista que havia a necessidade de uma ligação entre planalto e litoral na região que se destinaria aos colonos. O que interessava ao governo brasileiro era estabelecer nas áreas de floresta das províncias meridionais colonos que fossem pequenos proprietários livres, conforme afirmam Caruso e Caruso (2000). Mas o objetivo era “que cultivassem as terras da mata com auxílio das respectivas famílias e que não estivessem interessados nem no trabalho escravo, nem na criação de gado” (WAIBEL 1958 apud CARUSO e CARUSO, 2000, p.211). O núcleo pioneiro em São Pedro de Alcântara aqui em Santa Catarina, datado de 1829, usou como estratégia ocupar a região que ia do Litoral à região do Planalto. E, foi a partir de então, que a colonização alemã veio em massa para o Estado, mais especificamente a esta

localidade. Caruso e Caruso (2000) afirmam que em virtude das características topográficas dessa região (montanhosa e irregular), os colonos se espalharam pelas regiões vizinhas, cidades que hoje são conhecidas como Blumenau, Brusque, Joinville, entre outras.

Para a região de São Pedro de Alcântara, em 1829, segundo o historiador Oswaldo Cabral (1970 apud CARUSO e CARUSO 2000, p. 196)

foram enviadas 166 famílias alemãs, num total de 523 pessoas. Quatro anos depois, lançados os fundamentos da colônia alemã por Hermann Blumenau, a região como um todo, já possuía quarenta casas, dois engenhos de açúcar e dois de mandioca, e já fabricava a própria cerveja.

O Mapa abaixo apresenta a região ocupada pelos colonos alemães após sua chegada à São Pedro de Alcântara, demonstrando, então, as regiões próximas à esta cidade e para as quais os colonos se deslocaram.



A colonização alemã possui um contexto mais avançado que a açoriana, no que diz respeito às técnicas comerciais e industriais, haja vista que os colonos alemães somente vieram para Santa Catarina no século XIX, após a Revolução Industrial. Caruso e Caruso (2000) notam que

A formação da economia catarinense coincide com a imigração europeia no Estado. Até a vinda dos açorianos, em 1748, aqui não havia nem população. É quando se inaugura a pequena atividade familiar, de subsistência, e com pequenos excedentes exportáveis. Contudo, será apenas no século XIX, com a revolução industrial, que italianos e alemães se impregnarão de técnicas e conhecimentos científicos necessários à indústria e à moderna economia de mercado. No entanto, [...], a economia de Santa Catarina desenvolverá características especiais, na medida em que se vai articulando com os pólos mais dinâmicos de outra região do país. (p. 319)

Neste sentido, é possível identificar as diferenças tão díspares quando nos referimos aos alemães e açorianos no estado de Santa Catarina. Ora, como pode um povo trazer mais do que sua cultura e realidade para um novo país se, anteriormente a isso, ele aprendeu somente o que lhe coube? Caruso e Caruso (2000) afirmam que os alemães, já capitalistas, não traziam recursos materiais ao Brasil e sim “uma mentalidade industrial e determinados conhecimentos técnicos que os diferenciavam completamente daquelas populações que tinham chegado anteriormente e que se contentavam com uma modesta economia de subsistência” (p. 323).

Entretanto, conforme Sachet (1997), a colonização europeia para o sul do Brasil não raras vezes se equivocou, pois, no caso dos alemães, enviou para cá pessoas da Alemanha urbanizada, a maioria delas com ofícios já industriais e, então, exigiu delas que trabalhassem com agricultura e, ainda, em uma região montanhosa, com muitos índios, mata fechada e animais ferozes. Estes aspectos dificultaram a vida dos colonos alemães que para Santa Catarina vieram. Apesar dos descontentamentos destes, alguns seguem para regiões próximas e conseguem prosperar. Em 1854, São Pedro de Alcântara já possui 1.500 habitantes e por meio da produção agrícola supre a Capital.

A realidade de um colono está diretamente ligada aos costumes, hábitos e crenças de seu país de origem. Como já dito anteriormente, os alemães vieram ao Brasil quase 100 anos após os açorianos e, dessa forma, também vivenciaram na Alemanha, a Reforma Religiosa. Sendo assim, os alemães que para a nova terra se

deslocaram faziam parte de uma nova realidade, especificamente falando, de uma religião contrária à Igreja Católica, o Protestantismo.

Weber (1996) traz a discussão de que, no mundo ocidental, a maioria absoluta de pessoas bem sucedidas economicamente tem suas origens na religião protestante.

Isto porque, entre os diaristas, os católicos denotam maior tendência para permanecer no artesanato, tornando-se, conseqüentemente, muitas vezes, mestres-artesãos, enquanto os protestantes são mais atraídos pelas fábricas, onde preenchem as camadas superiores de mão-de-obra especializada e as posições administrativas (WEBER, 1996, p. 22)

O autor argumenta uma explicação para a sua tese. Ele acredita que essa atitude, tanto de católicos, quanto de protestantes, está vinculada às “peculiaridades mentais e espirituais adquiridas no meio, especialmente do tipo de educação propiciada pela atmosfera religiosa do lar e da família”. (WEBER, 1996, p. 22).

Neste sentido, a partir dos escritos de Weber (1996) é possível constatar que para os católicos o trabalho se caracteriza por uma forma de se render aos pecados mundanos, enquanto que para os protestantes a atividade laboral se caracteriza por algo que dignifica o ser humano.

Sendo assim, na medida em que são levantados diferentes aspectos das realidades tanto açorianas, quanto alemãs, torna-se possível discutir e relacionar o sentido do trabalho para estes sujeitos que têm sua origem nas histórias aqui levantadas. Obviamente seria possível discorrer um tratado sobre a colonização no Estado de Santa Catarina. No entanto, o objetivo aqui se refere à contextualização, para que o leitor possa compreender a origem das pessoas que foram convidadas à participar desta pesquisa.

3 MÉTODO

Segundo Marconi e Lakatos (2000, p. 46) o método se caracteriza pelo “conjunto de atividades sistemáticas e racionais, que com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo [...] traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões do cientista”. Dessa forma se faz necessário escolher o método mais adequado ao tipo de pesquisa que se deseja desenvolver.

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Esta pesquisa estudou os sentidos e a centralidade do trabalho entre descendentes de alemães e descendentes de açorianos que residem na região da Grande Florianópolis. Quanto à natureza, a mesma caracterizou-se como qualitativa, uma vez que considerou a qualidade de dados como fundamental e, além disso, a coleta de dados aconteceu de forma interpessoal. “Neste tipo de pesquisa o pesquisador se propõe a participar, compreender e interpretar as informações” (CAMPOS, 2008, p. 57). Já com relação aos objetivos, de acordo com Gil (2002) caracterizou-se como exploratória, uma vez que teve por objetivo tornar o tema “centralidade do trabalho” mais claro, além de aprimorar aspectos relacionados aos sentidos do trabalho nas culturas alemãs e açorianas na região da Grande Florianópolis.

Foi desenvolvido um estudo descritivo e comparativo, haja vista que além de descrever e buscar explicações a partir das hipóteses levantadas nesta pesquisa, buscou-se também, a comparação entre duas populações.

Com relação ao delineamento a pesquisa caracterizou-se como estudo de caso, uma vez que se tratou de um estudo mais aprofundado de um ou poucos objetos - neste caso quatro sujeitos, de duas etnias - o que possibilita um conhecimento mais detalhado e amplo, conforme afirma Gil (2002).

O presente projeto de pesquisa foi encaminhado ao CEP - Comitê de Ética em Pesquisa da UNISUL – e foi posteriormente realizado, em função da aprovação do mesmo. Para realização da pesquisa foi solicitado aos voluntários que assinassem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE. (APÊNDICE A). No TCLE foram apresentados os seguintes elementos: o tema da pesquisa, seus objetivos, sua justificativa, além do tempo necessário para a participação na mesma, a opção de gravar ou não a entrevista, a possibilidade de tirar dúvidas sobre o preenchimento da escala, bem como os contatos da pesquisadora para possíveis contatos futuros, caso o participante possuísse necessidade de algum esclarecimento.

3.2 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

Para a coleta de dados foram utilizados dois instrumentos: uma entrevista semi-estruturada (APÊNDICE B), que consiste em um roteiro onde as questões abordadas buscam responder os objetivos desta pesquisa. Embora tenha havido este roteiro alguns questionamentos foram feitos para além do pré-estabelecido, uma vez que os participantes trouxeram elementos diferentes para cada pergunta que lhes foi feita, possibilitando, portanto, uma compreensão mais abrangente do que simplesmente respostas a questões contidas na entrevista. Além disso, foi utilizada uma Escala de Valores, adaptada de Lussier, (1993 apud ROBBINS, 1999) como se pode ver o modelo no APÊNDICE C.

O roteiro da entrevista foi composto por: dados de caracterização dos participantes (idade, sexo, estado civil, escolaridade, origem étnica, geração de descendência e religião) e questões referentes à história laboral e à centralidade do trabalho (trajetória profissional e dos ascendentes; primeiro contato com o trabalho; idade que começou a trabalhar; como chegou ao trabalho atual; sentido do trabalho; atividades desenvolvidas fora do horário de trabalho; e sobre a possibilidade de escolher entre trabalhar e não trabalhar).

A Escala de Valores é composta por 16 itens que avaliam a importância dos seguintes temas: profissional; financeiro; familiar; relações sociais; relações

comunitárias; espiritualidade; cuidados com a saúde física e intelecto. O nível de mensuração intervalar possui opções de resposta que podem variar de 0 (nada importante) e 10 (muito importante). A aplicação da escala se deu a partir de valores atribuídos pelos entrevistados em função de uma frase específica que representa alguma atitude sua no que se refere a valores pessoais. Um exemplo de uma frase é “Envolvimento em atividades da comunidade”, que representa uma das consignas para o tema “comunitário” Para cada valor são expostas duas frases. Sendo assim, soma-se o valor atribuído para cada uma delas e divide-se por dois. Feito isso, o valor atribuído àquela esfera da vida é representado pela média dos dois valores.

Anteriormente ao início das entrevistas, foi feito um estudo piloto com um voluntário, no qual a pesquisadora investigou a adequação das questões do roteiro da entrevista com os objetivos do projeto. Este sujeito foi esclarecido quanto aos objetivos da pesquisa, além de ser comunicado de que a sua entrevista serviria como um teste para a conferência do instrumento de coleta de dados. Além disso, o participante assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Dessa forma, foi possível concluir que as questões pré-estabelecidas para a entrevista, estavam de acordo com os objetivos, e, sendo assim, foi possível permanecer com a mesma estrutura de roteiro.

3.3 PROCEDIMENTOS

3.3.1 De seleção e contato com os participantes

Participaram da pesquisa quatro pessoas que residem na Grande Florianópolis; duas de origem na colonização alemã e, as outras duas, com origem na colonização açoriana. Os participantes desta pesquisa foram sugeridos por pessoas que fazem parte da rede de relacionamentos da pesquisadora. Além dos quatro participantes que concordaram em participar da pesquisa, a pesquisadora entrou em contato com outras três pessoas as quais se puseram à disposição para participar. Entretanto, estas pessoas, não estavam disponíveis para encontrar-se

com a pesquisadora no prazo previsto para a coleta de dados, inviabilizando, então, a participação destes participantes. Dentre os entrevistados desta pesquisa, apenas Catarina ficou em dúvida em participar já no contato telefônico. No entanto, após compreender melhor os objetivos, aceitou encontrar-se com a pesquisadora. É importante salientar que todos os nomes dos participantes, são fictícios, os quais estarão apresentados mais especificamente no quadro 1.

Os critérios levados em consideração, na seleção dos participantes, foram os seguintes: escolaridade, idade e sexo, uma vez que estas características poderiam influenciar nas percepções de cada entrevistado no que se refere ao sentido e centralidade do trabalho em suas vidas, pois, compreende-se que uma pessoa com Graduação ou Pós-graduação atribui sentidos diferentes ao trabalho quando comparada à pessoas com Ensino Fundamental, por exemplo. Já no que se refere ao sexo, compreende-se que homens e mulheres podem atribuir sentidos diferentes ao trabalho, uma vez que a relação da mulher com o mercado de trabalho é mais recente do que a relação dos homens, sendo assim, a mulher por meio de seus múltiplos papéis diante do trabalho e de sua vida pessoal, pode atribuir um sentido particular a ele. Também a idade foi utilizada como critério de seleção dos participantes, haja vista que não se pode compreender da mesma forma a relação com o trabalho entre sujeitos de idades muito diferentes, como por exemplo, vinte e cinco e cinqüenta anos, uma vez que a pesquisadora acredita que o sentido do trabalho é construído no decorrer da história de cada pessoa e, sendo assim, em cada momento da carreira, os sentidos são diferentes em função das vivências e experiências.

Além desses aspectos, durante a elaboração do projeto da presente pesquisa, foi levantada a hipótese de que a religião (protestante ou católica) poderia influenciar, também, nos sentidos os quais a pesquisa se propôs a levantar. Entretanto, não foram significativos tais dados em função de que, apenas uma participante, demonstrou ser praticante em sua religião, o que inviabiliza afirmar que, nos participantes desta pesquisa, tal característica influencie nas questões as quais se buscou responder.

3.3.2 De coleta e registro dos dados

O local de coleta de dados foi escolhido pelos participantes. Três, dos quatro sujeitos, indicaram suas residências para que as entrevistas pudessem ser realizadas. Apenas Robson indicou seu local de trabalho para a realização da coleta de dados. Todos os participantes estiveram disponíveis, mas houve interrupções na maioria dos casos. Na entrevista com Salete, seu filho de oito anos permaneceu na sala durante toda a entrevista. Além disso, por ela morar em um sítio, era constante os sons dos animais que ficavam em torno da casa. Na entrevista com Robson, apesar de estarmos após o horário de trabalho, duas interrupções longas aconteceram para que ele pudesse fazer negociações com clientes. Durante a coleta de dados de Catarina houve bastante barulho na casa, uma vez que era final de tarde e seus familiares estavam voltando do trabalho. Apesar destes levantamentos feitos pela pesquisadora, nenhuma entrevista ficou comprometida devido às interrupções ou barulhos, uma vez que as gravações ficaram claras e nenhum dos participantes desconcentrou-se das perguntas que estavam respondendo.

Após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), foi realizada a entrevista, que teve tempo de duração médio de quarenta e cinco minutos com cada participante. Ao término das entrevistas, foi aplicada a Escala de Valores, a qual teve tempo de duração médio de quinze minutos.

3.3.3 Organização e Análise dos Dados

Todas as entrevistas foram gravadas, conforme autorização dos participantes. Após as entrevistas, as gravações foram literalmente transcritas. Para cada sujeito foram estabelecidas categorias *a posteriori*. Tais categorias foram levantadas a partir de falas significativas de cada sujeito, sempre atrelando tais categorias aos objetivos da pesquisa, além de vincular à teoria estudada

anteriormente no que se refere aos fenômenos importantes relacionados à centralidade e sentidos do trabalho.

Para chegar às categorias definitivas, a pesquisadora fez leituras sistemáticas das transcrições das entrevistas, na tentativa de identificar as principais idéias de cada sujeito. Dessa forma, conforme as leituras foram se aprimorando, no sentido de compreender melhor o discurso dos entrevistados, as categorias tiveram seus nomes modificados, abordando, portanto, a idéia central de cada fala. Além disso, subcategorias foram estabelecidas, dessa forma, foi possível abranger o maior número de percepções sobre o trabalho, tanto por parte do participante, quanto por parte da pesquisadora que, com a familiarização das transcrições, pôde compreender o que cada pessoa queria dizer.

Além disso, para a apresentação dos resultados, a Escala de Valores foi organizada em gráficos para cada participante, identificando, portanto, o valor atribuído a cada esfera da vida que a escala se propõe a investigar. Esta escala teve como objetivo confirmar alguns dados perguntados na entrevista no que se refere à centralidade do trabalho.

3.4 PERFIL DOS PARTICIPANTES

Participaram desta pesquisa quatro pessoas, dentre estas, dois homens e duas mulheres, sendo cada uma das etnias (descendentes de alemães e descendentes de açorianos) representadas por um homem e por uma mulher. Respectivamente, são eles: Fernando e Salete; Robson e Catarina (os nomes, aqui utilizados, são fictícios).

As mulheres participantes desta pesquisa possuem Ensino Fundamental completo (descendente de açorianos) e Ensino Fundamental incompleto (descendente de alemães). Já os homens possuem Ensino Superior Completo (descendente de açorianos) e Pós-graduação (descendente de alemães). No que diz respeito à idade, a mulher, descendente de açorianos possui 50 anos e o homem 44 anos. Os descendentes de alemães possuem 31 anos o homem e 37 anos a mulher. Embora as idades não sejam iguais, buscou-se compreender cada sujeito de acordo

com o momento de suas vidas no que se refere à experiência no trabalho. Pois, embora Catarina tenha 50 anos e Salete 37, ambas trabalham, aproximadamente, a mesma quantidade de anos. Já para Fernando e Robson é possível relacioná-los, pois, em função de seus momentos de vida, no que se referem à trajetória profissional, ambos referem estabilidade em suas carreiras. Sendo assim, a compreensão de trabalho e carreira para todos os participantes, pode-se dizer que se aproxima devido às suas experiências.

Dentre os participantes, apenas Salete é luterana praticante. Os demais participantes são católicos, mas não praticam a religião.

O quadro 1 apresenta as principais características dos participantes da pesquisa. Por questões de sigilo e ética, seus nomes foram modificados. Os nomes utilizados são fictícios.

	Nome Fictício	Idade	Escolaridade	Religião
DESCENDENTES ALEMÃES	FERNANDO	31 anos	Pós-Graduação	Católico
	SALETE	37 anos	Ensino Fundamental Incompleto	Luterana
DESCENDENTES AÇORIANOS	ROBSON	44 anos	Graduação	Católico
	CATARINA	50 anos	Ensino Fundamental	Católico

Quadro 1: Caracterização dos participantes.

Fonte: Elaboração da autora, 2010.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Neste capítulo serão apresentadas as informações coletadas durante esta pesquisa. Para se chegar a tais informações foram estabelecidas categorias de análise a partir dos dados coletados. A análise destes dados foi realizada a partir do referencial teórico utilizado no projeto de pesquisa. Para tanto, as categorias estabelecidas foram criadas a partir da fala dos participantes, as quais foram citadas de forma literal durante a apresentação dos resultados.

Desta forma, os próximos quatro capítulos correspondem a cada participante desta pesquisa e, cada um deles, se divide em subcapítulos, os quais se referem à trajetória profissional e centralidade atribuída ao trabalho por cada um. Ao longo destes subcapítulos serão apresentados e discutidos os sentidos atribuídos ao trabalho por cada participante, sendo assim, atinge-se todos os objetivos específicos desta pesquisa.

O último capítulo desta análise corresponde à relação dos resultados entre as duas etnias e, então, se responde ao objetivo geral desta pesquisa.

4.1 FERNANDO – O ALEMÃO ORGANIZADO

Fernando é descendente de alemães, católico não praticante, tem 31 anos, é casado, tem graduação em Ciências da Computação e pós-graduação em Gestão de Projetos. A geração de alemães que vieram da Alemanha foi a quarta antes dele, há aproximadamente cem anos, entretanto, o entrevistado não tem conhecimento exato de qual antecessor de seus pais veio para o Brasil.

Quando criança, Fernando teve contato com o trabalho dos pais na lavoura, onde eles plantavam legumes. Ainda durante a sua infância seus pais começaram a trabalhar com granja, ou seja, criavam galinhas para vender os ovos que estas produziam. O entrevistado relata que acompanhou a mudança de ramo

dos pais, ajudando a construir a granja e trabalhando com eles até seus 19 anos. Porém, o trabalho nunca lhe coube como obrigação e, apesar do auxílio aos pais, Fernando sempre fora incentivado a estudar e sempre tivera, também, tempo para atividades de lazer. Embora seus pais sempre o incentivassem a estudar, Fernando não se imaginava fora dos negócios da família, até começar a trabalhar em outros locais.

Ao terminar o Ensino Médio, ainda em sua cidade de origem, Fernando começou o curso de Contabilidade, do qual não gostou e trocou para o curso de Ciências da Computação. Já com o segundo curso em estágio avançado, o entrevistado pensou em seguir outra carreira, mas seus pais o impediram, uma vez que o curso Ciências da Computação estava próximo de ser concluído. Durante a graduação, também em sua cidade, o entrevistado estagiou em um banco, onde começou a desenvolver alguns trabalhos vinculados à sua formação acadêmica. Depois do estágio, já em momento mais avançado do curso de graduação, Fernando trabalhou em uma indústria de sua cidade de origem, como técnico de informática. Simultaneamente a este trabalho, Fernando finalizou a universidade e, então, enviou currículo para algumas empresas na Grande Florianópolis e, dois meses depois, se mudou para esta região, já empregado. Fernando trabalhou dois anos e meio nesta empresa e, durante este tempo, fez o curso de pós-graduação em Gerenciamento de Projetos. Por meio desta empresa, na época, o entrevistado foi convidado a trabalhar em uma multinacional do ramo de desenvolvimento de projetos e, há três anos e meio, ele mantém-se neste emprego, atualmente no cargo de gerente de negócios. Os pais de Fernando moram na cidade onde ele nasceu, que fica na região sul do estado de Santa Catarina, estes ainda possuem granja e exercem a mesma atividade que faziam desde a pré-adolescência de Fernando. Sua irmã também mora nesta cidade, ele visita a família com frequência.

Fernando mora com a esposa e filhos na região da Grande Florianópolis. Atualmente a família passa por um momento diferente, que se caracteriza pela graduação de sua esposa, assim o entrevistado tem papel essencial em sua casa, pois tem assumido mais atribuições que ela, pois, antes, os dois dividiam-se igualmente com os cuidados com os filhos e a casa e agora Fernando acaba dedicando mais tempo, possibilitando, portanto, os estudos de sua companheira.

Assim, se discutirá os principais acontecimentos da trajetória profissional de Fernando, que serão apresentados no próximo eixo deste capítulo. Dessa forma será possível compreender, também, a construção de seus sentidos do trabalho.

4.1.1 Trajetória Profissional

A partir das falas de Fernando, no que se refere à trajetória profissional, foram estabelecidas seis categorias de análise. O quadro 2 apresenta as categorias estabelecidas a partir da análise dos dados da entrevista realizada com Fernando. Algumas delas se dividem em subcategorias.

Categorias	Subcategorias	Fala do Participante
TRABALHO NA INFÂNCIA	Atividade Secundária	“Trabalhava, mas sem ter aquela pressão de ter que trabalhar assim forçado, né?”
	Possibilidade de Lazer	“Joguei vôlei dos 11 aos 16. Ele [o pai] me deixava ir treinar, nunca me cobrou assim.”
	Incentivo aos estudos	“Ajudei a construir as granjas, a gente fez juntos né? [...] Depois comecei a fazer faculdade. Ele [o pai] sempre me incentivou e fiquei trabalhando com ele até os dezenove anos.”
CAMINHO PERCORRIDO	Escolha Profissional	“Até então eu nunca tinha sonhado com... pensado em ter uma carreira, seguir outra coisa assim. Eu tava estudando, mas eu acreditava que ia ficar com eles.”
	Possibilidade de investimento nos negócios familiares	“[...] só tinha eu e uma outra irmã, provavelmente eu que ficaria pra tocar o negócio.”
	Oportunidades de trabalho	“[...] esse estágio no banco surgiu a vaga e, nem fui eu que fui atrás, tinha que estar no 4º semestre da faculdade, eu tinha vários amigos que se inscreveram, só que tavam no terceiro, tavam no segundo e não puderam participar. E comentaram comigo e eu fui lá, fiz a entrevista, eu passei e fui aprovado pra trabalhar.”
	Formação e Prática	“Depois eu fiz alguns sistemas, tive programação na faculdade né? Eu já fazia, fiz alguns sistemas pro banco, emissão de recibo, controle de entrega de cartão de crédito, que eles não tinham. [...] Foi lá [2º empresa] que eu peguei confiança mesmo de que eu podia fazer um sistema, podia encarar alguma coisa... Lá que eu pude juntar o que eu tava aprendendo na faculdade com o dia-a-dia.”
	Perfil pró-ativo	“Eu entrei pra auxiliar no caixa eletrônico, era pra auxiliar na documentação, fazer arquivos, essas coisas. Daí com o tempo, depois de um mês, eu

ENVOLVIMENTO AFETIVO E COGNITIVO COM O TRABALHO		já tava abrindo conta assim... Me deram senha.”
	Desafios	“Então eu entrei com a missão de trazer algo novo. Eles me deram um sistema lá, um sistema de transportes, pra fazer um sistema novo em “Oracle”, que era uma tecnologia nova, então a minha missão era essa... Fiquei seis meses estudando, tecnologia, coisas que eu não conhecia, desenvolvendo.”
	Necessidade de respeito e reconhecimento	“Só que assim, é uma empresa que, era bom, aprendi bastante, mas não tinha... Eles tratavam muito mal os empregados. Remuneravam mal, não tinha treinamento nenhum, o próprio gerente que a gente tinha era muito técnico assim, não era um cargo gerencial, não desenvolvia equipe, não tinha clima organizacional, o pessoal não tinha essa preocupação, porque lá era assim: “ah, tu não quer? Tudo bem, tem dez ali na porta...”
	Anseios	“Eu comecei a namorar [...] nessa época, ela trabalhava lá, era secretária... A gente começou a ter contato, a gente começou a namorar e a gente começou a pensar nisso. Ela também, descontente com algumas coisas que tinham lá. [...] Então vamos buscar alguma coisa melhor pra gente, maior, fora.”
	Confiança na capacidade (questão étnica)	“Quando eu mandei o currículo já de cara assim tive um retorno e o pessoal daqui, sempre mostraram que valorizavam bastante o pessoal que vinha daquela região, o pessoal que vinha às vezes com vontade de trabalhar, que vinham empolgados, o pessoal tinha muita gente que não queria nada com nada, e pessoal de cidade pequena eles tinham uma visão que queria trabalhar e daí eu fiquei, esperei me formar, me segurando um pouco né? Tava trabalhando lá... Pedi demissão lá pra vir trabalhar aqui.”
CONSOLIDAÇÃO DE CARREIRA	Necessidades financeiras	“Quando eu vim pra morar em Florianópolis, o trabalho era o principal foco, por que tinha o objetivo de casar, de ter um apartamento, de fazer família e pra isso eu precisava de grana né? Pra fazer isso tudo... E a forma de ter isso era trabalhar.”
	Aprendizagem/ Desenvolvimento	“Eu era daquele jeito... Mais por mim assim, mas eles não tavam me cobrando, eu fazia muito além do que eles tavam me cobrando. [...] E eu dizia, não, mas é por mim, eu quero fazer e tal, to empolgado, era mais por mim assim, uma coisa minha. Na época eu tinha o sonho de aprender e no futuro ter o meu negócio né? Eu pensava em colocar uma consultoria, uma empresa... Não sei. Daí eu fiquei nessa empresa por um bom tempo, comecei a ver como era difícil né? Daí com o tempo eu vi que não.”
TRABALHO COMO UMA DAS FACETAS DA VIDA		“E depois quando a gente teve as crianças. Casei, tive os filhos. Aos poucos fui mudando esse foco, trabalhando o necessário, comprometido com os projetos, mas sem ficar feriado, ficar depois do horário, tipo até focando mais em resultados mesmo, antes eu focava muito em tarefas mesmo.”

TRABALHO COMO FORMA DE LAZER		“Eu diria que hoje, família em primeiro lugar, em segundo lugar, antes do lazer, eu colocaria até o trabalho. [...] Assim como uma fonte de... Pra mim é uma fonte de lazer hoje, de realização.”
REALIZAÇÃO PESSOAL		“Então o trabalho é uma fonte de realização pessoal, assim... Como é que eu vou te dizer [silêncio]. É o que dá motivação assim, tu fazer parte de uma equipe, ter o desafio de fazer um projeto, tu ter um prazo pra cumprir. É muito bom assim, tu trabalhar em equipe e ver a coisa acontecendo, tipo... Tu sentir o reconhecimento, ver os resultados. Isso é muito legal... E fazer parte de uma empresa que é exemplo assim, que cuida do meio ambiente, que tem uma responsabilidade social, muito legal! Pra mim é uma fonte de lazer hoje... De realização. Às vezes na segunda-feira eu vou pro trabalho e descanso assim, que em casa é correria com as crianças, lá não. Tu pega um projeto, uma coisa nova, tu ta sempre criando coisas novas assim, é bem gostoso!”

Quadro 2: Trajetória Profissional de Fernando.
Fonte: elaboração da autora, 2010.

Com relação ao **trabalho na infância**, foi possível perceber que Fernando relata não ter havido obrigatoriedade em trabalhar com os pais (apesar de tê-lo feito) ou ainda, qualquer tipo de cobrança por parte deles, ou seja, o trabalho na infância apareceu como **atividade secundária** para o entrevistado, o que pode ser visto pela fala: *“Trabalhava, mas sem ter aquela pressão de ter que trabalhar assim forçado, né?”*. Além disso, Fernando relata que tinha **possibilidades de lazer e incentivo aos estudos** por parte de seus pais durante a infância e adolescência, pois afirma: *“Joguei vôlei dos 11 aos 16. Ele [o pai] me deixava ir treinar, nunca me cobrou assim.”* E também: *“Ajudei a construir as granjas, a gente fez juntos né? [...] Depois comecei a fazer faculdade. Ele [o pai] sempre me incentivou e fiquei trabalhando com ele até os 19 anos”*. Entretanto, pode-se concluir que esta presença do trabalho na infância, mesmo que não obrigatório, influenciou a construção do sentido atribuído ao trabalho por Fernando, já que este primeiro contato pressupõe o conhecimento e a possibilidade de compreender os processos de produção, conforme afirma Natividade (2007). A autora argumenta que a construção dos sentidos do trabalho “perpassa toda a vida do sujeito, ou seja, as significações de mundo, valores e opiniões já iniciam na infância, pois é nesse processo constante que o sujeito se constitui.” (NATIVIDADE, 2007, p. 11). Dessa forma, se faz possível pensar que, embora Fernando não relacione o primeiro contato que teve com o trabalho, por meio do auxílio aos pais, primeiro na lavoura e depois na granja, com a

consolidação de sua carreira, o mesmo esteve vinculado a sua história junto aos negócios da família, já que influenciou em suas decisões e projetos para o futuro. Neste sentido, compreende-se que o contato com trabalho na infância foi um, dos diversos fatores que influenciaram a escolha profissional de Fernando.

Durante o relato de sua trajetória, o entrevistado afirma diversas vezes que não gostaria de trabalhar na granja dos pais. Inclusive, afirma que, atualmente, poderia ser mais bem remunerado caso administrasse as granjas (seus pais possuem mais de uma granja hoje em dia), mas, mesmo assim, prefere os desafios oportunizados pela empresa que trabalha atualmente, além do dinamismo que seu trabalho proporciona. Percebe-se que Fernando refere-se ao trabalho dos pais como algo repetitivo e monótono e, desta forma, sua escolha se deu por algo diferente do que esteve em contato, durante sua infância e adolescência, no que se refere ao mundo do trabalho.

No que tange ao **caminho percorrido** com relação à sua trajetória profissional, percebe-se que havia alguma expectativa, por parte de Fernando, em prosseguir com os negócios da família, mas isso não aconteceu devido às oportunidades de trabalho que lhe apareceram, além do envolvimento afetivo e cognitivo que sua profissão lhe despertou. Sendo assim, compreende-se que a **escolha profissional** de Fernando iniciou-se desde a escolha do primeiro curso de graduação, entretanto os caminhos que levaram às escolhas e às trocas destas, não aconteceram de forma refletida, o que pode ser visto a partir da fala que segue: *“Até então eu nunca tinha sonhado com... pensado em ter uma carreira, seguir outra coisa assim. Eu tava estudando, mas eu acreditava que ia ficar com eles [na granja com os pais].”* É possível perceber que, embora os caminhos que levariam Fernando a uma escolha definitiva estivessem confusos, o entrevistado mostrou-se reflexivo no sentido de conhecer possibilidades, mensurá-las e, então, escolhê-las. Além disso, Fernando relata que, hoje, consegue perceber que não gostaria de trabalhar com os pais, apesar de haver esta **possibilidade de investimento nos negócios familiares**, conforme sua fala: *“[...] só tinha eu e uma outra irmã, provavelmente eu que ficaria pra tocar o negócio.”*. Entretanto, **oportunidades de trabalho** surgiram e lhe propiciaram conhecer outras opções

[...] esse estágio no banco surgiu a vaga e, nem fui eu que fui atrás, tinha que estar no 4º semestre da faculdade, eu tinha vários amigos que se inscreveram, só que tavam no terceiro, tavam no segundo e não puderam

participar. E comentaram comigo e eu fui lá, fiz a entrevista, eu passei e fui aprovado pra trabalhar. (FERNANDO)

Sendo assim, é possível perceber que Fernando confirma as teorias sócio-históricas de orientação profissional, conforme Bock e Bock (2005), uma vez que, embora não tenha havido orientação, sua escolha profissional aconteceu a partir de sua realidade social e de seu contexto, ou seja, o entrevistado verificou que trabalhar com seus pais não lhe agradava quando conheceu outras realidades.

Dessa forma, o entrevistado apropriou-se de um saber-fazer e de um querer-fazer que até então ele desconhecia, ou seja, estas possibilidades não faziam parte de seu cotidiano e Fernando as conheceu por meio do seu curso de graduação. Esta postura de Fernando pode ser relacionada ao fato de que

As concretizações de nossa humanização estão nos objetos de nossa cultura, nas atividades que se consolidaram como formas de atender às necessidades humanas, nas próprias necessidades que reconhecemos como humanas, na linguagem que utilizamos para pensar, planejar e nos expressarmos e nas formas de relações sociais que constituímos como possíveis e adequadas para a reprodução da vida. São estas as mediações que possibilitam que nós, candidatos à humanidade, quando nos inserimos, de forma ativa, neste meio social, possamos ir nos apropriando destes elementos e construindo de forma singular, porém inteiramente social, nossas subjetividades e individualidades. (BOCK; BOCK, 2005, s/p.)

A partir deste caminho percorrido por Fernando, é possível perceber que ele, no decorrer de sua história, vai apropriando-se de sua escolha profissional, envolve-se com os trabalhos que lhe apareceram e, desta forma, consegue fazer relação entre sua **formação e prática**, o que pode ser visto na fala que segue:

Depois eu fiz alguns sistemas, tive programação na faculdade né? Eu já fazia, fiz alguns sistemas pro banco, emissão de recibo, controle de entrega de cartão de crédito, que eles não tinham [...]. Foi lá [2ª empresa] que eu peguei confiança mesmo de que eu podia fazer um sistema, podia encarar alguma coisa... Lá que eu pude juntar o que eu tava aprendendo na faculdade com o dia-a-dia.

A partir disso, pode-se perceber que Fernando demonstra um **envolvimento afetivo e cognitivo com o trabalho**, uma vez que, por meio de seu **perfil pró-ativo** consegue ir além de suas atribuições pré-estabelecidas no banco, pois, conforme sua fala: *“Eu entrei pra auxiliar no caixa eletrônico, era pra auxiliar na*

documentação, fazer arquivos, essas coisas. Daí com o tempo, depois de um mês, eu já tava abrindo conta assim... Me deram senha.”, pode-se concluir.

Desde o primeiro contato com o trabalho, além dos negócios familiares, Fernando conta que gostava de **desafios**. Relatou que gostava e ainda gosta muito, de pensar em novas soluções, ele afirma que seu trabalho é sempre assim, dinâmico e que lhe traz muito aprendizado.

Então eu entrei com a missão de trazer algo novo. Eles me deram um sistema lá, um sistema de transportes, pra fazer um sistema novo em *Oracle* [termo técnico], que era uma tecnologia nova, então a minha missão era essa. Fiquei seis meses estudando, tecnologia, coisas que eu não conhecia, desenvolvendo [...] Eu adoro isso. (FERNANDO)

Percebe-se, diante das últimas falas, a constatação do que Aranha (1997) menciona sobre o trabalho ser condição de humanização, pois é por meio dele, conforme a autora, que o ser humano se transforma, e apropriando-se deste trabalho, modifica seu jeito de pensar, de ser e de agir. A partir da exposição de Aranha (1997), é possível relacionar a transformação de Fernando a respeito do seu trabalho e, conseqüentemente, do trabalho dos seus pais. Sua posição vai se modificando a partir do reconhecimento do seu saber-fazer e, isso, ao que parece, lhe proporciona prazer no exercício de suas tarefas.

Ainda com relação ao envolvimento afetivo e cognitivo que o trabalho proporciona a Fernando, percebe-se que, aos poucos, ele foi entendendo que o trabalho lhe despertava alguns sentimentos e que ele poderia agir da forma que melhor avaliasse. Durante o desenvolvimento da entrevista foi possível perceber que, com avanço de sua maturidade e conhecimento da profissão, Fernando passou a refletir, o tempo todo, sobre as suas atitudes nas empresas pelas quais passou.

Assim, a **necessidade de respeito e reconhecimento** apontada por Fernando como essencial no trabalho, contextualiza-se pela fala:

Só que assim, é uma empresa que era bom, aprendi bastante, mas não tinha... Eles tratavam muito mal os empregados. Remuneravam mal, não tinha treinamento nenhum [...] E eu comecei a namorar [...] nessa época, ela trabalhava lá, era secretária. A gente começou a ter contato, a gente começou a namorar e a gente começou a pensar nisso. Ela também, descontente com algumas coisas que tinham lá. [...] Então vamos buscar alguma coisa melhor pra gente, maior, fora.

Pode-se perceber que o entrevistado demonstra seus **anseios**, pois, com a reflexão a partir da realidade apresentada, Fernando começa a pensar em novas possibilidades.

Ao planejar esta mudança de cidade, pode-se perceber que Fernando já evidencia uma **confiança na capacidade (relacionada à questão étnica)** que estabeleceu para consigo em função de suas experiências. Dessa forma, a certeza sobre as novas possibilidades se confirmou, pois, o retorno logo nas primeiras tentativas, foi positivo.

Quando eu mandei o currículo já de cara assim tive um retorno e o pessoal daqui, sempre mostraram que valorizavam bastante o pessoal que vinha daquela região, o pessoal que vinha às vezes com vontade de trabalhar, que vinham empolgados, o pessoal tinha muita gente que não queria nada com nada, e pessoal de cidade pequena eles tinham uma visão que queria trabalhar e daí eu fiquei, esperei me formar, me segurando um pouco né? Tava trabalhando lá... Pedi demissão lá pra vir trabalhar aqui. (FERNANDO)

Para Bock e Bock (2005) as pessoas, ao contatarem a realidade e seu meio social, conseguem, por meio dos significados que este entorno lhe apresenta, atribuir sentidos individuais às suas escolhas. Neste sentido, pode-se concluir que Fernando, a partir de seu contato e história com o trabalho, apropriou-se do social - no sentido de compreendê-lo - organizando então, suas escolhas individuais, buscando, dessa forma, outras e novas possibilidades.

Já no que se refere à **consolidação da carreira** de Fernando, é possível compreender que o sentido atribuído ao trabalho transforma-se no decorrer de sua carreira, principalmente por necessidades específicas de cada momento de sua vida. Inicialmente o entrevistado atribui sentido ao trabalho como uma forma de ganhar dinheiro, ou seja, por **necessidades financeiras**, já que tinha por objetivo consolidar sua carreira e, a partir disso, constituir família. *“Quando eu vim pra morar em Florianópolis, o trabalho era o principal foco, porque tinha o objetivo de casar, de ter um apartamento, de fazer família e pra isso eu precisava de grana né? Pra fazer isso tudo... E a forma de ter isso era trabalhar.”* (FERNANDO)

Para poder suprir as necessidades financeiras, as quais Fernando tinha por objetivo alcançar, o entrevistado demonstrou muita dedicação, para que ele pudesse, conforme sua percepção, conquistar a confiança de seus chefes e adquirir prestígio em sua área de atuação. Além disso, durante esse processo, Fernando

relata que **desenvolvimento e aprendizagem** eram também seus objetivos. *“Eu era daquele jeito... Mais por mim assim, mas eles não tavam me cobrando, eu fazia muito além do que eles tavam me cobrando. [...] E eu dizia, não, mas é por mim, eu quero fazer e tal, to empolgado, era mais por mim assim, uma coisa minha. [...]”*

Pode-se perceber, ainda no que se refere à consolidação da carreira de Fernando, que, a partir do desenvolvimento que ele buscou, por meio de aprendizagens com sua experiência nas empresas do ramo de *software* nas quais trabalhou, que atingiu alguma estabilidade, pois cresceu profissionalmente sendo indicado para a multinacional que trabalha atualmente, por meio da demonstração de suas capacidades e de sua dedicação. Neste sentido, é possível refletir acerca da construção da carreira de Fernando, pois,

[...] a carreira é o veículo pelo qual estes últimos [os trabalhadores] se auto-realizam e desenvolvem seu autoconceito, a ideia que têm de si mesmos ao longo de seu processo evolutivo de maturação. Dá-se ênfase aos padrões de experiência pessoais, aos temas de vida, às histórias biográficas e aos momentos ou fases pelas quais o indivíduo passa à medida que avança no desempenho de um papel ocupacional. (BENDASSOLI, 2009, p. 390)

Em função destes diferentes aspectos que compõem a construção da carreira e a constituição da identidade, conforme Bendassoli (2009), é possível perceber que Fernando organiza estes aspectos, significando, portanto, sua relação com o trabalho.

A partir dessa construção em função de suas experiências e conquistas, Fernando atribui sentido ao **trabalho como uma das facetas de sua vida**, visto que seus primeiros objetivos foram alcançados e que estes faziam parte do primeiro momento de sua vida profissional. É importante destacar aqui, que Fernando divide sua vida adulta (até a atualidade) em dois momentos: o primeiro está relacionado à vinda para a Grande Florianópolis em busca de novas possibilidades de trabalho e o esforço que este primeiro momento exigia para que ele e a esposa pudessem estabelecer-se financeiramente. Já o segundo momento está vinculado ao fato de que, após a estabilidade ter sido alcançada, a constituição da família por meio da chegada dos filhos foi possível, o que pode ser contextualizado pela fala:

E depois quando a gente teve as crianças. Casei, tive os filhos. Aos poucos fui mudando esse foco, trabalhando o necessário, comprometido com os

projetos, mas sem ficar feriado, ficar depois do horário, tipo até focando mais em resultados mesmo, antes eu focava muito em tarefas mesmo.

A partir dessa fala, percebe-se que Fernando focaliza mais seus objetivos por meio da busca por resultados, aspecto presente em sua fala. Dessa forma, o entrevistado busca administrar melhor o seu tempo, haja vista que, além do trabalho, ele possui novos papéis em sua vida e estes, passaram a demandar muito tempo, o que antes não acontecia. Neste momento já é possível compreender a centralidade atribuída ao trabalho por Fernando, pois, apesar de sempre ter sido central em sua vida, a intensidade diminuiu com a chegada dos filhos. Ou seja, ao ser questionado, o entrevistado afirma que antes dos filhos o trabalho estaria em primeiro lugar em sua vida, mas, com a paternidade, a família passa a ocupar este lugar. Isso corrobora o que Lessa (2002) argumenta sobre Centralidade do Trabalho e Vida Cotidiana, conceito este onde o autor argumenta que o trabalho ocupa uma, entre tantas esferas da vida. Entretanto, Lessa (2002) afirma que a escolha da centralidade não está relacionada somente a um desejo dos homens, mas também de sua realidade. Ou seja, a escolha da centralidade do trabalho para Fernando está atrelada ao contexto e à construção da relação com o trabalho e com a família (aspectos da realidade citados pelo entrevistado como os mais importantes atualmente), uma vez que estes têm influência direta em seus valores e crenças atuais.

Já com relação ao **trabalho como forma de lazer** é possível perceber que Fernando atribui um sentido de prazer ao seu trabalho, uma vez que relata que *“Eu diria que hoje, família em primeiro lugar, em segundo lugar, antes do lazer, eu colocaria até o trabalho [...] Assim como uma fonte de... Pra mim é uma fonte de lazer hoje, de realização.”* Isto corrobora o que Codo (1998) afirma sobre sermos a única espécie capaz de sentir prazer executando um trabalho e este prazer somente terá significado nessa relação do homem com o mundo, com outros seres humanos. Ou seja, os seres humanos relacionam-se com o trabalho e com as pessoas que fazem parte deste contexto porque não vislumbram apenas a satisfação de suas necessidades básicas quando executam alguma atividade. Ora, somente os animais buscam no trabalho a sobrevivência, ou seja, o suprimento de necessidades fisiológicas. Sendo assim, pode-se concluir que dentre outros sentidos que Fernando poderia atribuir ao seu trabalho, o entrevistado lhe confere o *status* de prazer, uma

vez que consegue vislumbrá-lo de forma mais ampla, reconhecendo-se, então, no desenvolvimento de suas atividades.

A última categoria estabelecida a partir da fala de Fernando diz respeito à **realização pessoal** no trabalho.

Então o trabalho é uma fonte de realização pessoal, assim... Como é que eu vou te dizer [silêncio]. É o que dá motivação assim, tu fazer parte de uma equipe, ter o desafio de fazer um projeto, tu ter um prazo pra cumprir. É muito bom assim, tu trabalhar em equipe e ver a coisa acontecendo, tipo... Tu sentir o reconhecimento, ver os resultados. Isso é muito legal. (FERNANDO)

Esta fala confirma as teorias discutidas nesta pesquisa por meio de Antunes (1999b); Aranha (1997); Codo (1998); Marx (1985), entre outros, pelas quais os autores relacionam o trabalho como forma de o homem reconhecer-se no mundo.⁴ Tolfo e Piccinini (2007) corroboram os autores com a afirmação de que uma vida dotada de sentido só pode acontecer quando o sujeito encontra realização, primeiro, no trabalho. Entretanto, para Codo (1985) é impossível obter satisfação no trabalho caso este não seja vislumbrado como um todo, caso o executor de determinado trabalho não conheça seu processo e suas formas de fazê-lo em um âmbito mais amplo. Neste sentido, Fernando pontua, repetidas vezes durante a entrevista, que a compreensão das tarefas e os desafios que seu trabalho proporciona, é o que o torna mais interessante e motivador. Dessa forma é possível perceber que Fernando demonstra-se não alienado frente à realidade do mercado de trabalho, pois, por meio de sua experiência, compreensão do mercado, das formas possíveis de trabalhar e de sua responsabilidade neste processo, o entrevistado compreende e apropria-se deste contexto como um todo.

⁴ A conclusão de que o entrevistado se reconhece no mundo a partir do trabalho está relacionada ao contexto descrito por ele no que se refere à sua história, considerando a entrevista como um todo, a partir da percepção da pesquisadora sobre suas opiniões.

4.1.2 Centralidade do Trabalho

Neste item da pesquisa serão discutidos aspectos relacionados à centralidade do trabalho atribuída por Fernando. Para tanto, além da entrevista, utilizou-se a Escala de Valores. O gráfico 1 apresenta os valores atribuídos por Fernando para cada temática, a partir das questões da escala por ele respondida.

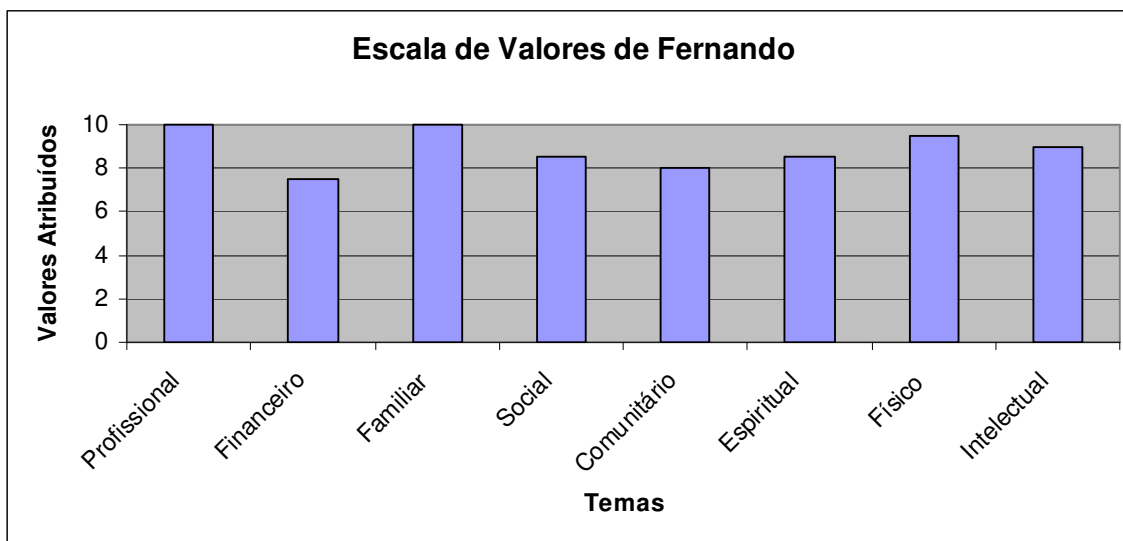


Gráfico 1: Escala de Valores de Fernando.
Fonte: elaboração da autora, 2010.

É possível perceber, a partir do gráfico, que Fernando atribui valor máximo, ou seja, 10, para os temas família e trabalho. Entretanto, os demais temas também são valorizados, ficando todos eles com valores entre 7,5 e 9,5. Ao responder a escala Fernando comenta que todas estas temas são importantes mencionando, inclusive, a necessidade em se ter equilíbrio entre eles, ou seja, o entrevistado afirma que se deve dividir, equilibradamente, o tempo para cada um dos temas acima apresentados.

A próxima etapa desta análise de dados acontecerá a partir das falas de Fernando durante a entrevista no que se refere à centralidade atribuída ao trabalho, para isso, foram estabelecidas quatro categorias. O quadro 3 apresenta as categorias estabelecidas a partir da análise dos dados.

Assim, a partir do conhecimento dos diferentes aspectos que permearam a trajetória profissional de Fernando e, então, permitiram que o entrevistado

construísse seus sentidos sobre o trabalho, passa-se para a próxima etapa desta análise: centralidade do trabalho, mais um dos seus possíveis sentidos.

Categorias	Fala dos Participantes
PROJETOS ALÉM DO TRABALHO	“Às vezes gosto também de praticar esportes, jogar vôlei, jogar bolão. As atividades não são fixas... No verão a gente gosta de jogar vôlei de praia, no meio do ano a gente participa de um campeonato entre as empresas, jogos do SESI. Jogo vôlei, jogo basquete, jogo bolão, várias modalidades [...]. Quero jogar tênis com horário fixo, quero fazer academia e coisa. Tenho projetos pra isso, mas depois que minha esposa se formar. Quero fazer uma pós, uma gestão empresarial, mas o foco agora ta sendo nela assim, né? Até pra gente andar junto.”
FLEXIBILIDADE	“Então se dá algum problema na empresa a gente tem que ta lá, tem que ta disponível, né? Então assim, até hoje eu fiquei poucas vezes. Às vezes que eu fui pra lá à noite assim, acho que foi umas duas vezes. Teve uma vez durante as férias, eu tava viajando [...] e tive que vir pro trabalho, é porque deu problema em alguma coisa, a empresa ta parada, ninguém ta a par daquele problema, aí tem que resolver, né? Na verdade é uma troca de favores, né?”
NECESSIDADE DE PRODUZIR PARA SI	“Tipo... às vezes eu me preocupo que que eu vou fazer quando me aposentar assim... O que eu vou fazer depois de aposentado? Um trabalho voluntário, ter um sítio, morar num sítio, mas... Alguma coisa pra ter uma ocupação assim, não um compromisso. Mesmo de lazer assim. Eu gosto de mexer com madeira, de mexer com coisa assim...”
SENTIDO PARA A VIDA	“Não me imagino sem trabalhar... Acho que a gente perde o sentido da vida... Não da vida, mas tu perde muita coisa se tu não trabalha, eu acho. Assim, se tu tem um reconhecimento no trabalho, tu tá no meio, tu tem as pessoas que tu conversa e também, claro, tem a tua renda, a tua remuneração, a tua carreira[...].”

Quadro 3: Centralidade atribuída ao trabalho por Fernando.
Fonte: elaboração da autora, 2010.

No que se refere à centralidade atribuída ao trabalho por Fernando, é possível perceber o que Tolfo e Piccinini (2007) afirmaram e isso se confirma de maneira geral. As autoras argumentam que há dois componentes que formam a centralidade do trabalho, o primeiro diz respeito à importância do trabalho na vida do sujeito e o segundo está atrelado à relação com o trabalho de acordo com diferentes etapas importantes da vida. Dessa forma, é possível perceber que Fernando considera importante o trabalho em sua vida, portanto, central. Mas no que se refere ao segundo item, este trabalho modificou-se ao longo de sua história. Inicialmente, Fernando ocupava a maior parte do seu tempo com o trabalho. Já com o casamento e a chegada dos filhos, além da estabilidade na carreira, este continuou importante, mas passou a ocupar papel secundário em seu cotidiano.

A categoria que se refere aos **projetos além do trabalho** pode ser relacionada ao que Antunes (1999b) argumentou sobre as pessoas encontrarem no

trabalho seu primeiro momento de realização, contrapondo, entretanto, que o sentido da vida não se resume apenas a ele, pois “Na busca de uma vida cheia de sentido, a arte, a poesia, a pintura, a literatura, a música, o momento de criação, o tempo de liberdade, têm um significado muito especial.” (ANTUNES, 1999b, p. 143).

Às vezes gosto também de praticar esportes, jogar vôlei, jogar bolão. As atividades não são fixas... No verão a gente gosta de jogar vôlei de praia, no meio do ano a gente participa de um campeonato entre as empresas, jogos do Sesi. Jogo vôlei, jogo basquete, jogo bolão, várias modalidades. [...] Quero jogar tênis com horário fixo, quero fazer academia e coisa. Tenho projetos pra isso, mas depois que minha esposa se formar [...] (FERNANDO)

Esta fala do entrevistado corrobora com a constatação de Antunes (1999b) sobre as diversas facetas da vida.

No que diz respeito à **flexibilidade**, Fernando equilibra sua disponibilidade à empresa para a qual trabalha e sua necessidade de estar com a família. Com a nova realidade do mercado de trabalho, seria impossível não estar minimamente disponível ao trabalho para além de seu horário pré-estabelecido. A lógica da reestruturação produtiva, apontada por Antunes (1999a) exige muito mais do que Fernando demonstra fazer.

Às vezes que eu fui pra lá à noite assim, acho que foi umas duas vezes. Teve uma vez durante as férias, eu tava viajando [...] e tive que vir pro trabalho, é porque deu problema em alguma coisa, a empresa tá parada, ninguém tá a par daquele problema, aí tem que resolver, né? Na verdade é uma troca de favores, né? (FERNANDO)

No entanto, por compreender seu processo de trabalho como um todo, sentir prazer no que faz e, portanto, não estar completamente alienado ao mesmo, Fernando consegue alcançar um mínimo de equilíbrio diante dessa exigência que o mercado de trabalho impõe, mas que sua empresa, não necessariamente, requisita.

Diante do perfil não alienado do entrevistado, é possível compreender sua **necessidade de produzir para si**, pois se constata que o ato de trabalhar para Fernando não está relacionado à possibilidade, somente, de ser remunerado pelas suas atividades. Isso tem afinidade com o que Lessa (2002) menciona sobre a centralidade ontológica do trabalho. Nesta centralidade, o homem somente se reconhece como um ser mais que puramente biológico porque ele trabalha. Por esse

motivo, considera-se que o único ser vivo capaz de denotar sentido ao seu trabalho é o ser humano, uma vez que não busca a transformação da natureza apenas para satisfazer suas necessidades de básicas, mas também, busca a satisfação das necessidades sociais e culturais. Ao preocupar-se com seu futuro e com a possibilidade de não trabalhar, Fernando expõe:

Tipo... Às vezes eu me preocupo com o que eu vou fazer quando me aposentar assim... O que eu vou fazer depois de aposentado? Um trabalho voluntário, ter um sítio, morar num sítio, mas... Alguma coisa pra ter uma ocupação assim, não um compromisso. Mesmo de lazer assim. Eu gosto de mexer com madeira, de mexer com coisa assim.

Assim, percebe-se que Fernando realiza-se com o ato de trabalhar. Ao envolver-se com alguma atividade, o entrevistado se reconhece. Esta constatação pode ser vinculada ao que Dejours (2004) argumentou sobre o envolvimento do corpo e da inteligência no trabalho, ou seja, por meio do trabalho o ser humano desenvolve “a capacidade de refletir, de interpretar e de agir às situações; é o poder de sentir, de pensar, e de inventar.” (p.28) que, no caso de Fernando, lhe permite vislumbrar um futuro não muito distante e, a partir dessa antecipação, começa a organizar um planejamento viável e condizente com seus desejos e necessidades.

Finalmente, Fernando caracteriza o trabalho e sua centralidade como algo que dá **sentido para a vida**.

Não me imagino sem trabalhar... Acho que a gente perde o sentido da vida... Não da vida, mas tu perde muita coisa se tu não trabalha, eu acho. Assim, se tu tem um reconhecimento no trabalho, tu ta no meio, tu tem as pessoas que tu conversa e também, claro, tem a tua renda, a tua remuneração, a tua carreira [...]. (FERNANDO)

Ao imaginar-se sem trabalhar, Fernando relaciona a ausência de trabalho à possibilidade de não ter sentidos para sua relação com o mundo, ou seja, sem o trabalho o entrevistado não perceberia sua utilidade, não sentiria prazer manipulando sua realidade para sobreviver, não estaria em relação com outras pessoas, entre outros sentidos por ele atribuídos ao trabalho.

Entretanto, apesar destes fatos serem possíveis de acontecer, Fernando reflete um pouco mais e afirma que apenas alguns sentidos podem ser perdidos na ausência do ato laboral. Diversos autores, como Antunes (1999b); Codo (1998);

Marx (1985); Tolfo e Piccinini (2007), entre outros, afirmam que é por meio do trabalho que o homem se reconhece no mundo.

Esta categoria confirma a constatação dos autores acima, uma vez que, em diferentes momentos da entrevista, Fernando assegura esta posição, ou seja, ele se reconhece no mundo por meio do trabalho.

4.2 SALETE – A ALEMÃ CAPRICHOSA

Salete é descendente de alemães, tem trinta e sete anos, é casada, tem dois filhos, cursou até a sétima série do Ensino Fundamental. A geração de alemães chegados ao Brasil de sua família é a terceira anterior à sua, Salete acredita que sua avó era alemã e veio ainda criança para cá. Dentre os entrevistados desta pesquisa, Salete foi a única que demonstrou praticar sua religião com freqüência, ela é de família luterana.

Durante a infância a entrevistada, juntamente com quatro irmãos, acompanhava os pais na roça, onde eles plantavam legumes e hortaliças. Entretanto, Salete nunca trabalhou com eles. Afirma que apenas ficavam embaixo de barracas feitas de panos, pois não podiam ficar em casa sozinhos e, também, não tinham com quem ficar. Salete fugiu de casa aos treze anos de idade para se casar e, só então, começou a trabalhar. A entrevistada relata que não sabia fazer nada além de cuidar da casa e que foi aprender a trabalhar na agricultura com seu esposo. Os pais de Salete moram na cidade que moravam quando ela era criança, na região entre a Grande Florianópolis e a Serra Catarinense, eventualmente ela visita a família.

Salete trabalhou durante os primeiros anos de casada com agricultura, junto ao seu esposo, na cidade de origem deles. No entanto, ao virem para a Grande Florianópolis, há aproximadamente dezoito anos, ambos trabalharam como caseiros em um sítio (antes do atual). Hoje em dia, apenas o marido de Salete é contratado como caseiro, pois ela preferiu trabalhar com faxinas, porque afirma que dessa forma consegue ajudar mais na renda familiar. Salete é faxineira em duas residências, além de ser contratada por uma clínica médica, onde trabalha todas as

tardas também como faxineira. O esposo de Salete é caseiro e eles moram no sítio que seu marido trabalha. Atualmente a entrevistada mora com o esposo e os filhos na Grande Florianópolis.

Assim, se discutirá os principais acontecimentos da trajetória profissional de Salete, que serão apresentados no próximo eixo deste capítulo. Dessa forma será possível compreender, também, a construção de seus sentidos do trabalho.

4.2.1 Trajetória Profissional

A partir das falas de Salete, no que se refere à trajetória profissional, foram estabelecidas nove categorias de análise. O quadro 4 apresenta as categorias estabelecidas a partir da análise dos dados da entrevista realizada com Salete. Algumas delas se dividem em subcategorias.

Categorias	Subcategorias	Fala do Participante
TRABALHO NA INFÂNCIA	Acompanhamento dos pais na roça	“Daí a mãe andava a pé, nós todo mundo já parava sentadinho, botava eu e o meu irmão do meio no banquinho atrás e o mais novinho na cadeirinha da frente, e a mãe ia a pé e o pai pegava nós, levava lá na frente, voltava e ia lá pegar a mãe... Assim ele ia indo, até chegar o serviço, aí lá fazia uma barraca e nós ficava ali debaixo... Sempre a gente ia de atrás, não tinha assim na casa de quem ficar, a mãe não deixava né? [...] Isso até meus cinco anos.”
	Realização de Atividade Doméstica	“Eu com 10 anos já fazia almoço, as coisas da casa fazia tudo, mas não fazia pão, essas coisas complicadas eu não fazia, mas nós tinha responsabilidade com hora, a gente sabia que sair de casa tem que fechar toda a casa, né? Tinha que desligar o fogão [à lenha]. A minha mãe a gente passava três dias que não via.”
	Início do Trabalho Remunerado	“Eu só comecei a trabalhar quando eu me casei... comecei com 13 anos, trabalhava na roça. Aí o engraçado é que nós começamos que nem o meu pai e minha mãe, com empreitada, trabalhando por dia. Arrendamo um pedaço de terra eu e meu marido, plantamo um pouquinho, porque eu não sabia nada... Cortava os pé quando capinava.”
		“Depois de casada... O trabalho não era fácil, era de roça também. Por exemplo, ah hoje

CONDIÇÕES ADVERSAS	Dificuldades Financeiras	nós vamo trabalhar com o Dr. F., vamo pleitear... Ah pegava a foice, limpava, tal. Daí, por exemplo, ganhava 50 reais por dia cada um, que que dava então, 100 reais, 50 de cada. Ia no supermercado... O que era prioridade? [...]. 1 kg de arroz dá pra um mês, comprava 1 kg [...]"
	Divisão entre plantio próprio e outros trabalhos	"Trabalhava dois, três dias fora, pra se manter e três, quatro dias na nossa roça... Porque daí a gente ia ter o lucro daquilo ali só no fim do ano. Por que... final do ano é modo de dizer, porque a colheita é de 8 em 8 meses, mas a gente conta por ano. Daí aquilo ali é um lucro né?"
	Maternidade e Gravidez em condições precárias	"Mas naquele ano [ano que ganhou a primeira filha] eu trabalhei até o último dia... Com barrigão... Eu trabalhava e o leite pingava... Não era eu, no interior é assim, a mulher que não trabalha até ganhar é malandra... é malandra. [...] Então tinha que se guentar né? Trabalhei de joelho, o último dia, arrancando e o l. [marido] plantando... Ainda puxei cavalo, uma tarde toda, fazendo o chão pra ele plantar cebola".
INSTABILIDADE NA PRODUÇÃO	Condições Climáticas	"Mas era lucro se não desse seca ou muita chuva, que dava a planta, dava né? [...] Aí o ano que eu engravidei dela [primeira filha], aí deu uma seca muito grande. A gente ia plantando e parece que o chão ia sugando a planta, de tão quente que era."
	Mudança de vida	"Daí eu sei que... A gente sempre financiava a roça né? Aí aquele ano teve a seca né? Foi toda a nossa cebola, faltou 10 kg, aí o dono do terreno no caso, tiro lá 10 kg da dele pra cobrir a nossa conta né? Mas não deu lucro nenhum, nenhum, nenhum... Vendemo o nosso freezer pra sair lá do interiorzão, pra mudança, pra nós vim mais perto da cidadezinha, daí um ano... foi de miséria... Miséria, miséria, assim de eu e ele comer feijão com arroz 3x por dia."
	Recomeço	"Lá no interior todo mundo dizia: "vocês tem que ir embora, arrumar um sítio pra cuidar lá em baixo". Lá em baixo quer dizer litoral, né? Tem que arrumar um lugar pra cuidar lá embaixo... porque sítio é o que a gente sabe fazer. Sabia fazer na época, que é lidar com gado, com roça, com terra... Aí a gente arrumou..."
	Novo Trabalho	"Vamo trabalhar no sítio do dono da empresa X, empresa de ônibus. Lá a gente trabalhou 4 anos e 8 meses. Menina a gente trabalhava da 5hs da manhã às 8hs da noite, eu lavei alguma bunda de vaca, meu marido escovava as vaca que nem se escova cavalo assim, lá eles faziam isso. Era vaca de inseminação, lá elas ganhavam aqueles bichão e o meu marido lá puxando, que as vaca, não davam conta de ganhar."
		"Mas sabe a gente trabalhava, mas nós dava

NOVA REALIDADE	Garantia de Ganho	graças a Deus. Primeira semana eu liguei pra mãe disse: mãe nós tamo no céu, trabalhando das 5 da manhã às 7/8hs da noite, mas nós tamo contente. A mãe disse:” ah é isso que eu queria, trabalhar não mata ninguém minha filha”. Mas trabalhar pra não ter nada e ainda passar fome. A gente ganhava pouco na verdade quando trabalhava por dia. [...] Magina se lá, lá a gente passava com meio salário, aqui nós tinha dois! Era uma fartura! Comia bem, por mais que comprasse... Assim verdura a gente plantava [...]”
	Valorização do novo trabalho	“Então a gente dá muito valor assim, quando quer... quando né? Hoje em dia a gente tem o carrinho da gente, a gente ouve: “ah como pode ter um carro”. Mas, aqui na cidade né? Trabalhando de faxina, meu marido aqui de caseiro, faz bico pra fora, mas é assim... Se tiver que comer um arroz com feijão uma semana, a gente come!”
INICIATIVA		“Guria eu não tinha serviço que eu não dava jeito de fazer, o que eu não conseguia foi dirigir trator, não dava jeito. Sabe eu tinha um medo que meu marido sempre dizia: “quer te matar? Pega um trator... Ai eu fiquei com aquele... Mas ainda eu ia lá e fazia pegar na manivela... Aí o l. ia lá e encostava... Mas era tudo, tudo... Era caminhão de serragem que eu descarregava, era caminhão de esterco, era barro que aterrava o terreno [...] Mas eu tudo eu me virava, tudo com ela [filha] embaixo do braço também.”
DINHEIRO PARA ADQUIR BENS MATERIAIS		“Eu acho que eu não podia ta dando a vida que eles [filhos] têm hoje, eu não podia ta dando nada pra eles se não fosse o trabalho [...]. Mas assim, eu não teria o conforto, vamos dizer assim, minha sogra tem uma casa cheia de filho, coitada, mal conseguiu sustentar né? Imagina se ela podia ter uma geladeira dessa.”
RECONHECIMENTO SOCIAL POR MEIO DO CAPRICHOS		“Eu com 13 anos eu sabia... eu tenho que trabalhar, eu tenho que trabalhar, eu tenho que trabalhar. Não sabia nem o que fazer com o dinheiro, mas eu tinha que trabalhar. Então assim, eu era novinha, mas o l. [esposo] já tinha seus 22, tem que trabalhar, trabalhar... Ai não podia ter nada fora do lugar assim, tudo arrumadinho, tinha que ta tudo. Então assim, nem que não fosse pra ganhar dinheiro, tinha que trabalhar, tinha que ta tudo “tchan”... Alguém tinha que ta te vendo trabalhando pra tu prestar, senão tu não tinha valor nenhum se não trabalhar... O alemão, se tu não trabalhasse, não serve na hora de ninguém, de nenhum alemão. Se tu não for caprichosa. Eu ouvi isso a vida inteira... E eu acho que foi uma bela de uma lição, que se não fosse um empurrão assim, eu não sei o que seria de mim, porque eu não espero nada pelo meu marido, eu não espero [...]”

<p>IMPOSSIBILIDADE DE VIVER SEM TRABALHAR</p>	<p>Eu trabalharia, ah esse negócio de ficar em casa, chocando reumatismo minha filha, não é comigo, não, não! Porque assim ó, tem dia que a gente ta trabalhando, ah porque não tem um feriado, pra gente ficar em casa? Mas assim, tu ficar em casa, por falta de emprego, ai eu fico louquinha.</p>
--	---

Quadro 4: Trajetória Profissional de Salete.
Fonte: Elaboração da autora, 2010.

No que se refere ao **trabalho na infância**, Salete afirma que, juntamente com seus quatro irmãos, aconteceu de forma que teve o **acompanhamento dos pais na roça** até os cinco anos de idade.

Daí a mãe andava a pé, nós todo mundo já parava sentadinho, botava eu e o meu irmão do meio no banquinho atrás e o mais novinho na cadeirinha da frente, e a mãe ia a pé e o pai pegava nós, levava lá na frente, voltava e ia lá pegar a mãe... Assim ele ia indo, até chegar o serviço, aí lá fazia uma barraca e nós ficava ali debaixo... Sempre a gente ia de atrás, não tinha assim na casa de quem ficar, a mãe não deixava né? [...] Isso até meus cinco anos. (SALETE)

Desta forma, é possível concluir que o trabalho remunerado não esteve presente em sua infância. Entretanto, apesar de não haver um trabalho na infância propriamente dito, a partir da percepção da entrevistada, a mesma trabalhava em casa, já quando era maior, em função da **realização de atividades domésticas** que lhe eram destinadas por seus pais e, estas, eram significadas como responsabilidades recebidas.

Eu com dez anos já fazia almoço, as coisas da casa fazia tudo, mas não fazia pão, essas coisas complicadas eu não fazia, mas nós tinha responsabilidade com hora, a gente sabia que sair de casa tem que fechar toda a casa, né? Tinha que desligar o fogão [que era à lenha]. (SALETE)

Dessa forma, é possível perceber o começo da apropriação de Salete no que se refere ao mundo dos adultos, uma vez que, a partir desse contato que ela faz com o trabalho, mesmo que como testemunha do trabalho dos pais, ou por meio das atividades domésticas, isso começa a se estruturar para ela, começa a mostrar-lhe como é a vida de adulto, como é o trabalho.

Além disso, Salete conta que o **início do trabalho remunerado** aconteceu somente após o casamento, mas este casamento ocorreu quando ela

tinha 13 anos, e isso, representa que ela começou a trabalhar bastante cedo, ainda na adolescência.

Eu só comecei a trabalhar quando eu me casei... Comecei com treze anos, trabalhava na roça. Aí o engraçado é que nós começamos que nem o meu pai e minha mãe, com empreitada, trabalhando por dia. Arrendamo um pedaço de terra eu e meu marido, plantamo um pouquinho, porque eu não sabia nada... Cortava os pé quando capinava. (SALETE)

Apesar de Salete não qualificar suas atividades de quando era criança como trabalho, percebe-se que em função desses primeiros contatos com o ato laboral, a entrevistada começa a compreender, desde cedo, as responsabilidades que o trabalho pressupõe. Isso pode ser explicado a partir da lógica da construção dos sentidos do trabalho à luz da psicologia histórico-cultural, a qual, a partir das idéias de Vigotski, traz que “[...] todas as conquistas que garantem às pessoas sua condição de humanização resultam das complexas relações sociais em que se inserem e das quais ativamente participam.” (ZANELLA, 2004, p. 129). Ou seja, a partir do que ela presenciava quando acompanhava os pais na roça, a partir do trabalho que desenvolvia com as atividades domésticas e, ainda, a partir do momento no qual começou a trabalhar após o casamento, Salete pôde começar a compreender e organizar suas ideias sobre o trabalho, por meio de seu contato e execução de algumas delas, inicialmente, ainda quando criança e, depois, já na adolescência.

Salete afirma que estes primeiros momentos na relação com o trabalho foi repleto de **condições adversas**, pois compreende que o trabalho na lavoura sempre será caracterizado por **dificuldades financeiras**, em função da baixa remuneração, o que pode ser visto na sua fala:

Depois de casada... O trabalho não era fácil, era de roça também. Por exemplo, ah hoje nós vamo trabalhar com o Dr. F., vamo pleitear... Ah pegava a foice, limpava, tal. Daí por exemplo, ganhava cinquenta reais por dia cada um, que que dava então? Cem reais [...] la no supermercado... O que era prioridade?[...] 1 kg de arroz dá pra um mês, comprava 1 kg [...]

A partir desse primeiro contato com o trabalho remunerado, Salete defronta-se, intensamente, com a lógica capitalista da exploração da mão-de-obra,

ênfâtizada por Marx (1985), pois, por meio das empreitadas, embora nem sempre seus contratantes objetivassem a produçãõ da mais-valia (de algum produto específico) com a limpeza dos terrenos, visto que, por vezes os terrenos eram para plantio nãõ comercial, estes tentavam que fosse feito com o menor custo possível, permitindo, portanto, que gatassem menos e explorassem, ao máxîmo, Salete e o esposo. Dessa forma, a baixa remuneraçãõ (extrema exploraçãõ) proporcionou a dificuldade financeira vivenciada por Salete.

Entãõ, como as empreitadas nãõ eram frequentes, Salete e o esposo resolveram fazer um plantio prõprio, viabilizando, portanto, uma busca por lucros em longo prazo. Dessa forma, o casal se dividia entre **plantio prõprio e outros trabalhos**, já que nenhum dos dois trabalhos eram garantias de ganhos suficientes. *“Trabalhava dois, três dias fora, pra se manter e três, quatro dias na nossa roça... Porque daí a gente ia ter o lucro daquilo ali só no fim do ano. [...] Daí aquilo ali é um lucro né?”* (SALETE).

Neste momento, percebe-se uma busca, de Salete, por alternativas para a exploraçãõ descrita acima, uma vez que, ao estabelecer uma áreã de plantio prõprio, a entrevistada passa a ocupar outra esfera do sistema capitalista, sendo produtora, portanto. Entretanto, naquela éþoca, já começava uma mudançã no paradigma produtivo nacional, uma vez que a agricultura familiar começa a ser substituída pela agroindústriã, justamente pela intensificaçãõ do capitalismo e necessidade de maior produçãõ para os agricultores, conforme afirma Peres (2009). Sob este cenário, Salete e o esposo começam uma atividade já em decadência e, pouco tempo depois, enfrentam ainda mais dificuldades.

Além disso, após seis anos de casada, Salete engravidou da primeira filha. A entrevistada ressalta como a vida no campo é diferente da vida em meio urbano, pois, a situaçãõ da **gravidez e maternidade em condições precárias**, eram consideradas totalmente normais por todos da regiãõ.

Mas naquele ano [ano que ganhou a primeira filha] eu trabalhei até o último dia... Com barrigãõ... Eu trabalhava e o leite pingava... Nãõ era eu, no interior é assim, a mulher que nãõ trabalha até ganhar é malandra... É malandra. [...]Entãõ tinha que se guentar né? Trabalhei de joelho, o último dia, arrancando e ele (o marido) plantando... Ainda puxei cavalo, uma tarde toda, fazendo o chãõ pra ele plantar cebola. (SALETE)

Por diversos momentos durante a entrevista, Salete revela orgulho por essa rigidez nos costumes. Assegura que o trabalho como centro de sua vida lhe traz satisfação. Além disso, entende-se que todos os fatos da vida estão vinculados ao trabalho e isso é percebido por ela como algo normal, no sentido de estar de acordo com a norma da maioria das pessoas que eram seus pares (mulheres, grávidas ou não, e que trabalhavam na lavoura).

Neste sentido, é importante salientar a perspectiva da psicologia histórico-cultural novamente, discutido por Zanella (2004). Pois, por meio da constatação do valor das pessoas a partir de suas relações com o trabalho, Salete vincula as crenças de sua família e de seus contemporâneos, descendentes de alemães, à incorporação de valores próprios. Embora a entrevistada tenha mencionado o momento da gravidez como algo penoso, ela também se afina com este ideal de trabalho (as pessoas que trabalham mais, possuem mais valor, ou seja, não são “malandras”) aspecto este que somente pode ser compreendido a partir da entrevista como um todo.

Para Zanella (2004) a cultura medeia a relação que estabelecemos com a realidade e, dessa forma, o momento social e histórico em que vivemos possui valores característicos. Além disso, a história individual e o que cada um considera significativo dela, abarcam todo este contexto. Sendo assim, embora a cultura e a história predisponham nossos signos com relação às coisas que nos acontecem na vida, ainda temos a possibilidade de escolher, uma vez que somos ativos e podemos seguir os seguintes movimentos: “aceitação, oposição, confronto, indiferença” (p. 133). Neste sentido, pode-se afirmar que Salete aceitou “o jeito alemão”⁵, pois, além de fazer uso do que aprendera e vivenciara na infância, considera estes como positivos, e também, tenta demonstrar para os filhos, o valor de sua história e cultura.

Já com relação à **instabilidade na produção** Salete dá um novo significado para sua relação com o trabalho, uma vez que as **condições climáticas** não podem ser previstas, proporcionando, portanto, um sentimento angustiante às incertezas que a situação proporcionava à entrevistada, o que pode ser contextualizado pela fala: *“Mas era lucro se não desse seca ou muita chuva, que dava a planta, dava né? [...] Aí o ano que eu engravidei dela [primeira filha], aí deu*

⁵ Expressão utilizada diversas vezes pela entrevistada para caracterizar o seu jeito de ser, o jeito de sua família, além do jeito que considera positivo que as pessoas sejam.

uma seca muito grande. A gente ia plantando e parece que o chão ia sugando a planta, de tão quente que era.” Sendo assim, Salete busca uma **mudança de vida** no que se refere ao trabalho e sua vida de forma geral, pois, a partir das dificuldades, ela e o esposo decidiram por um **recomeço** na Grande Florianópolis.

Lá no interior todo mundo dizia: “você têm que ir embora, arrumar um sítio pra cuidar lá em baixo”. Lá em baixo quer dizer litoral, né? Tem que arrumar um lugar pra cuidar lá embaixo... Porque sítio é o que a gente sabe fazer. Sabia fazer na época, que é lidar com gado, com roça, com terra... Aí a gente arrumou... (SALETE)

A instabilidade na produção agrícola, contextualizada por Salete, pode ser comparada à instabilidade que o mercado de trabalho atual pressupõe, conforme elaboração de Antunes (1999b). O autor discute a respeito das transformações do mundo do trabalho, especialmente devido ao desenvolvimento das tecnologias e consequente intensificação do capitalismo. Embora o contexto de Salete não tenha sido industrial, as incertezas, a partir das variáveis climáticas, além dos novos paradigmas que atravessavam a agricultura na época, abarcaram a experiência da entrevistada, resultando, inclusive, na busca por alternativas. A partir do que Peres (2009) afirmou sobre a realidade da agricultura, a agroindústria (em detrimento da agricultura familiar) exigia dos agricultores uma postura capitalista, postura esta que pressupunha o uso de maquinários e produtos químicos para que a produção se tornasse mais resistente e, desta forma, tivesse maior possibilidade de promover lucro. Sendo assim, Salete defrontou-se, mesmo no campo, com a reestruturação produtiva apontada por Antunes (1999b) e, a partir de seu desconhecimento da situação do mercado, sua vivência lhe proporcionou dificuldades.

Embora Salete não contextualize em sua fala, percebe-se que a possibilidade de vir para a Grande Florianópolis lhes daria probabilidades maiores para melhores condições financeiras e de trabalho. Diversas vezes, durante a entrevista, Salete afirma que a vida, atualmente, é muito mais fácil, ela vincula as facilidades financeiras ao valor que os trabalhadores têm na cidade, pois assegura que, por um dia de trabalho, as pessoas ganham quase o dobro do que se ganharia na roça. Talvez esta certeza, demonstrada por Salete, possa estar vinculada às certezas e a estabilidade da atualidade e, por isso, talvez ela não vislumbre que, na época da mudança, sua opinião podia não ser tão convicta no que diz respeito ao sucesso profissional.

Então, a partir das estratégias estabelecidas por Salete para buscar melhorias em sua vida, ela realmente consegue atingir uma **nova realidade**, pois, com o **novo trabalho**, obteve a **garantia de ganhos**. Salete veio para a Grande Florianópolis indicada para trabalhar em um sítio, que, conforme sua fala, era o que eles sabiam fazer.

Vamo trabalhar no sítio do dono da empresa X, empresa de ônibus. Lá a gente trabalhou quatro anos e oito meses. Menina a gente trabalhava das 5:00 da manhã às 8:00 da noite, eu lavei alguma bunda de vaca, meu marido escovava as vaca que nem se escova cavalo assim, lá eles faziam isso. Era vaca de inseminação, lá elas ganhavam aqueles bichão e o meu marido lá puxando, que as vaca, não davam conta de ganhar. (SALETE)

Embora o discurso remeta a um trabalho excessivo (especialmente no que diz respeito a um dispêndio físico elevado), o que se poderia pensar sem prazer, isso não é referido por Salete, pois, a partir dos ganhos garantidos, ele se tornou fonte de segurança e estabilidade.

Mas sabe a gente trabalhava, mas nós dava graças a Deus. Primeira semana eu liguei pra mãe disse: mãe nós tamo no céu, trabalhando das 5:00 da manhã às 7:00/8:00 da noite, mas nós tamo contente. A mãe disse: “ah é isso que eu queria, trabalhar não mata ninguém minha filha”. Mas trabalhar pra não ter nada e ainda passar fome... A gente ganhava pouco na verdade quando trabalhava por dia. [...] Magina se lá, lá a gente passava com meio salário, aqui nós tinha dois! Era uma fartura! Comia bem [...] (SALETE)

Percebe-se, então, que em função das dificuldades que atravessaram a vida de Salete, ela demonstra uma **valorização do novo trabalho**, pois, a partir das dificuldades, a entrevistada valoriza os ganhos que esta nova realidade lhe proporcionou. Isso também está vinculado ao fato de, na cidade, as condições serem melhores.

Então a gente dá muito valor assim, quando quer... Quando né? Hoje em dia a gente tem o carrinho da gente, a gente ouve: “Ah, como pode ter um carro?” Mas, aqui na cidade né? Trabalhando de faxina, meu marido aqui de caseiro, faz bico pra fora. Mas é assim... Se tiver que comer um arroz com feijão uma semana, a gente come! (SALETE)

Esta valorização da nova realidade, apontada por Salete, pode ser compreendida pelo prazer que o trabalho pode proporcionar, descrito por diversos

autores, tais como Aranha (1997); Codo (1998) e Tolfo e Piccinini (2007). Este prazer pressupõe que a pessoa vislumbre o trabalho como um todo, aproprie-se dele e, além disso, compreenda seus objetivos, possibilitando, portanto, abranger a utilidade do mesmo, tanto para si, quanto para a sociedade.

A partir dessa re-significação do trabalho por meio do reconhecimento financeiro, parece que Salete modifica sua relação com o mesmo e, desta forma, demonstra-se uma trabalhadora de muita **iniciativa**, que evidencia não querer perder essa estabilidade alcançada.

Guria eu não tinha serviço que eu não dava jeito de fazer, o que eu não conseguia foi dirigir trator, não dava jeito. Mas era tudo, tudo... Era caminhão de serragem que eu descarregava, era caminhão de esterco, era barro que aterrava o terreno [...] Mas eu tudo eu me virava, tudo com ela [filha] embaixo do braço também. (SALETE)

Mais uma vez Salete refere-se com orgulho ao trabalho em demasia, pois, conforme sua entrevista *“as pessoas têm valor porque trabalham”*, e, sendo assim, quanto mais trabalho, mais valor as pessoas têm, na “sua” concepção.

Dessa forma, percebe-se que a entrevistada relaciona este crescimento profissional ao fato de conseguir, por meio do trabalho, **dinheiro para adquirir bens materiais**, o que pode ser visto na fala

Eu acho que eu não podia tá dando a vida que eles [filhos] têm hoje, eu não podia tá dando nada pra eles se não fosse o trabalho [...] Mas assim, eu não teria o conforto, vamos dizer assim, minha sogra tem uma casa cheia de filho, coitada, mal conseguiu sustentar né? Imagina se ela podia ter uma geladeira dessa [aponta para sua geladeira]. (SALETE)

Assim, se faz possível, a partir das falas de Salete, relacionar o sentido do trabalho, neste momento, à forma de subsistência e possibilidade de maior conforto por meio do dinheiro, pode ser comparado às pesquisas de Coutinho (2009), nas quais a autora relaciona quatro pesquisas sobre os sentidos atribuídos ao trabalho, em diversas situações, e, em todas elas, os participantes relatam as necessidades econômicas como uma das formas significar o trabalho. Dessa forma, “o sentido de subsistência ocorre na medida em que o trabalho se transforma em dinheiro e permite acesso à alimentação, moradia, vestuário e outras coisas [...]” (DAL MAGRO; COUTINHO, 2008, p. 705).

A partir disso, percebe-se que Salete atribui ao trabalho, também, um valor de *status* social, como um **reconhecimento social**, uma vez que ela faz parte de um grupo de pessoas (tais como a sua família, seus conhecidos da cidade de origem, a família de seu esposo e, além disso, o próprio esposo) as quais esperam dela atitudes, e pelas quais ela corresponde.

Então assim, eu era novinha, mas o I. [esposo] já tinha seus vinte e dois, tem que trabalhar, trabalhar, trabalhar... Ai não podia ter nada fora do lugar assim, tudo arrumadinho, tinha que ta tudo. Então assim, nem que não fosse pra ganhar dinheiro, tinha que trabalhar, tinha que ta tudo "tchan"... Alguém tinha que ta te vendo trabalhando pra tu prestar, senão tu não tinha valor nenhum se não trabalhar... O alemão, se tu não trabalhasse, não serve na hora de ninguém, de nenhum alemão... Se tu não for caprichosa... Eu ouvi isso a vida inteira... E eu acho que foi uma bela de uma lição, que se não fosse um empurrão assim, eu não sei o que seria de mim, porque eu não espero nada pelo meu marido, eu não espero, desde que né?
(SALETE)

Esta fala de Salete contextualiza uma série de crenças do senso comum, dentre as quais, de que os alemães são pessoas muito trabalhadoras, muito caprichosas. Inclusive, Salete afirma que o valor dessas pessoas está relacionado à intensidade de trabalho que elas executam. Compreende-se que é necessário estar sempre trabalhando.

Este valor social que Salete expõe, pode ser contextualizado pelo que Dal Magro e Coutinho (2008) refletem a respeito do reconhecimento social que o trabalho pressupõe. No entanto, as autoras, por meio da concepção marxista, relatam que o trabalho – no resultado de suas pesquisas - está atrelado à emprego e, na ausência deste, o trabalhador não se sente reconhecido socialmente. Entretanto, o *status* social referido por Salete não está atrelado a um emprego (pois para ela trabalho não é emprego), mas à intensidade do seu trabalho e o valor que isso tem para si mesma e para seus pares. A partir do trabalho Salete se reconhece e, sendo assim, sente-se reconhecida pelos outros. Neste momento é possível refletir a respeito das discussões sobre a diferença entre trabalho e emprego apontada por Codo (1998). O autor argumenta que emprego está vinculado à lógica capitalista de produção, ou seja, ao estar empregado, o trabalhador vende sua força de trabalho e o capitalista, pagando menos do que esta vale, consegue obter lucro por meio da exploração. Neste caso, trabalhar-se-ia apenas caso existisse emprego, o que hoje se tornaria inviável devido às grandes transformações do mercado de

trabalho e crescente desemprego. Já o trabalho em si, ainda para Codo (1998) está atrelado à transformação da natureza, com algum objetivo e com a possibilidade de gerar prazer a quem executa. O trabalho é feito independente do sistema de produção, para trabalhar não é necessário produzir mais-valia, basta apenas que se faça o trabalho concreto, indispensável à sobrevivência física e psicológica dos homens. Assim, é possível perceber que Salete não iguala trabalho e emprego, pois, a partir de suas atitudes, demonstra que trabalha, independente de estar empregada.

Durante a entrevista, percebe-se que, raras vezes, Salete para de trabalhar. Mesmo em seus dias de folga, ela organiza-se para fazer alguma atividade, como por exemplo, fazer macarrão caseiro, ou ainda, pintar as janelas da casa. Esta percepção pode estar relacionada à **impossibilidade de viver sem trabalhar** explicitada por Salete.

Eu trabalharia, ah esse negócio de ficar em casa, chocando reumatismo minha filha, não é comigo, não, não! Porque assim ó, tem dia que a gente ta trabalhando, ah porque não tem um feriado, pra gente ficar em casa? Mas assim, tu ficar em casa, por falta de emprego, ai eu fico louquinha.
(SALETE)

O fato de o trabalho ser uma atividade exclusivamente humana, visto que os demais animais não atribuem significados ao trabalho, conforme Marx (1985), explica esta impossibilidade mencionada por Salete. No entanto, ela refere-se ao emprego, mas, este não aparece como sinônimo de trabalho para a entrevistada, conforme contextualizado acima. Esta idéia pode ser vista em função da mesma relação, em diversos momentos, o ato de trabalhar com atividades domésticas e com trabalhos autônomos, que é o caso da sua ocupação. Sendo assim, percebe-se que viver sem trabalhar, afetaria profundamente, os sentidos da vida de Salete como um todo, tendo em vista que o trabalho é central para ela.

Embora a entrevistada não explique muito claramente os motivos pelos quais não conseguiria viver sem trabalhar, mesmo que não precisasse do dinheiro para o sustento dos filhos e da contribuição com os custos da casa, percebe-se que esta impossibilidade possa estar atrelada ao fato de perder algum valor enquanto pessoa, caso não trabalhe. Pois, conforme a categoria anterior, para ela, somente tem valor quem trabalha. Embora Salete tenha problemas de saúde que poderiam

inviabilizar a realização do seu trabalho, entende-se que este não seria motivo para que ela o trabalhasse menos.

Reflete-se então: como seria a aposentadoria para Salete? Atualmente ela tem trinta e sete anos, mas, futuramente, precisará se aposentar. Será que ela imagina-se trabalhando até quando? Será que mesmo sem condições físicas de continuar trabalhando Salete continuaria trabalhando remuneradamente para não perder o seu valor? Ou ainda: será que, depois de muitos anos, já cansada, Salete optaria por aposentar-se e, de repente, se perceberá sem valor? Ou talvez, Salete consiga equilibrar esta concepção de trabalho que na atualidade se apresenta tão rígida e que com mais amadurecimento, ela compreenda que o valor não está somente no ato de trabalhar, mas sim na história que ela construiu sobre o seu saber fazer e seus valores como um todo. Enfim, são questões possíveis, visto a estruturação de sentido atribuído ao trabalho, apresentado por Salete.

Neste sentido, é importante refletir sobre mais uma das responsabilidades à que a ciência psicológica tem se prestado, pois, dificuldades inerentes à aposentadoria têm sido levantadas em função da realidade que as pessoas têm apresentado frente à situação de estarem aposentadas. É indiscutível que

A aposentadoria pode trazer implicações negativas, como: diminuição dos rendimentos, perda do referencial de trabalho; perda da identidade pessoal; sentimentos de inutilidade sócio-psicológica; problemas de saúde física e psicológica. (SANTOS, 2007, p. 88)

A partir disso, os psicólogos e demais especialistas que trabalham com gestão de pessoas acabaram percebendo a necessidade que se apresenta frente à realidade do envelhecimento. Para tanto, programas de preparação para aposentadoria passaram a ser elaborados e, então, passou-se a buscar soluções para mais esta faceta humana: a dificuldade em se deixar o trabalho (e todo o restante que esta saída representa).

Assim, a partir do conhecimento dos diferentes aspectos que permearam a trajetória profissional de Salete e, então, permitiram que a entrevistada construísse seus sentidos sobre o trabalho, passa-se para a próxima etapa desta análise: centralidade do trabalho, mais um dos seus possíveis sentidos.

4.2.2 Centralidade do Trabalho

Neste item da pesquisa serão discutidos aspectos relacionados à centralidade do trabalho atribuída por Salete. Para tanto, além da entrevista, utilizou-se a Escala de Valores. O gráfico 2 apresenta os valores atribuídos por Salete para cada temática, a partir das questões da escala por ela respondida.

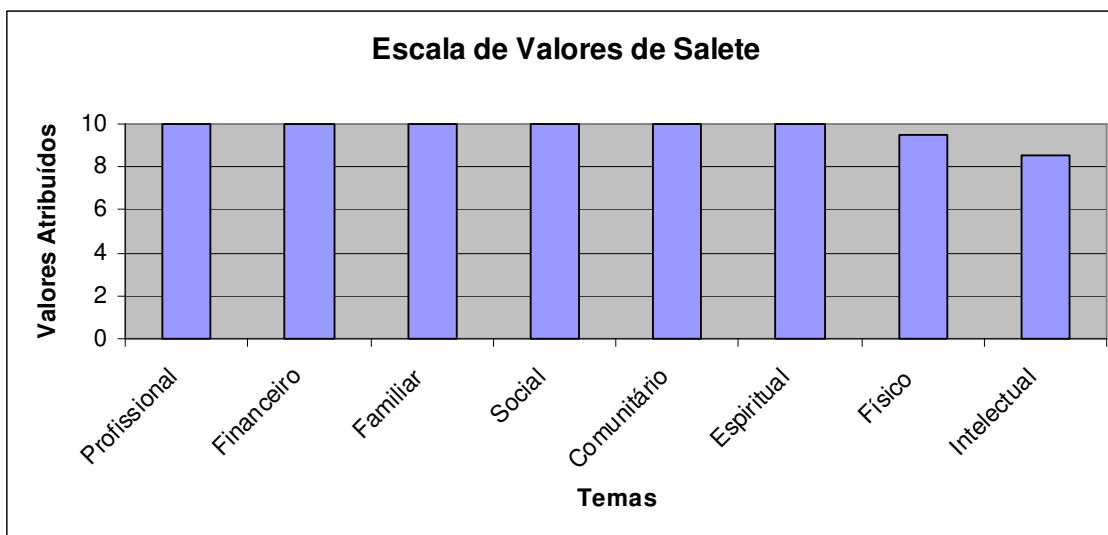


Gráfico 2: Escala de Valores de Salete.
Fonte: elaboração da autora, 2010.

É possível perceber, a partir do gráfico 2, que Salete atribuiu valor máximo, ou seja, 10, para os temas família, trabalho, financeiro, social, comunitário e espiritual. Entretanto, o tema físico, apesar de apresentar menor valor que os anteriormente citados, também é valorizado pela entrevistada, ficando com valor 9,5. No entanto, no que diz respeito à temática intelectual, Salete atribuiu o valor mais baixo de todas as temáticas, 8,5, mas ainda um valor superior, considerando o maior valor possível da escala que se caracteriza por 10.

A próxima etapa desta análise de dados acontecerá a partir das falas de Salete no que se refere à centralidade atribuída ao trabalho, para isso, foram estabelecidas nove categorias. O quadro 5 apresenta as categorias estabelecidas a partir da análise dos dados da entrevista realizada com Salete sobre a centralidade atribuída ao trabalho. Todas elas são demonstradas por falas literais da entrevistada.

Categorias	Fala da Participante
COSTUMES MANTIDOS	“Mas assim, a gente não deixa de batalhar, mudou da roça pra cidade, mas a batalha continua a mesma, levanta cedo. Meu sogro dizia assim: “tem que chegar cedo na roça, quem chega na roça com sol é malandro.” E eu adotei isso guria. Comecei a fazer faxina, 6:30, 7:00 tava na casa das mulher pra fazer faxina, lá nos cafundó do Juda, chegava tavam dormindo ainda, daí elas começaram a me dar chave [...]”
VALORIZAÇÃO DA CULTURA ALEMÃ	“Eu sempre digo pra minha [filha], tu pensa que eu vou viver a vida inteira? Te mexe, te coça, dá valor pro teu dinheiro. Brigo às vezes com ela. [...] Arrumou um namoradinho daqui, ah meu Deus, o rapaz não quer trabalhar, é assim, quer trabalhar, mas não quer ganhar qualquer coisa né? E lá no interior é bem diferente, meus irmãos, eles ó, te dou 10 reais pra cavar um buraco, eles não querem nem saber pra que vai servir o buraco, eles vão lá e pronto! É diferente, é outro costume menina! É uma coisa... Ah, hoje ta chovendo, hoje não dá pra ir trabalhar... O alemão não, bota um guarda-chuva, vai pra lavoura.”
TEMPO COM A FAMÍLIA	“[...] fui deixando [as faxinas], porque assim ó, chega uma época que não compensa mais. Assim ó, esse guri se criou na creche. Aí tu perde um tempo com eles que tu não recupera, eles cresce e tu não viu... Aí dói né?”
TEMPO PARA CUIDAR/ FICAR EM CASA	“Eu só não trabalho sábado e domingo. Aí eu cuido da casa, oh, hoje lavei todos os vidros [...] Já to aqui pensando que eu quero fazer um macarrão, aquele macarrão de casa [...] Mas então é isso, gosto de ficar em casa... Nunca fui num shopping, tu acredita? O máximo que eu fui é no ARS, lá no centro.”
ATENÇÃO À SAÚDE	“Mas eu já teve um tempo assim que eu acordava às 5hs da manhã, capina e cortava mato... já tinha um pique diferente, hoje em dia eu to vendo que isso não me adiantava nada né? Porque eu só arrumei tudo que é “osose” [artrose]; artrite, tudo eu tenho... Reumatismo e tal. Mas assim, não me rendeu sabe?”
OUTRAS ATIVIDADES	“Eu gosto dum crochêzinho, eu leio muito também. Ou fazer os deveres dessa criatura [aponta pro filho]. E daí lê. Adoro ler. Ah eu gosto de livro. Já li dois esse ano e to começando terceiro, então eu li assim... Eu procuro mais é livros evangélicos, né?”
SABER FAZER	“Eu fiz a sétima série só, mas o que eu posso fazer pra ganhar dinheiro, eu faço. Teve um ano que eu fiz cinquenta panos de prato pro Natal. Comprava o pano, fazia o bico do crochê e vendia. Eu fazia dentro do ônibus, eu fazia olhando a novela, arrumava tempo pra fazer. Se tivesse mais, tinha vendido mais. Mas assim, eu não estudei, eu não... Pra alguma coisa eu tinha que servir... Eu sirvo pra fazer faxina que, modéstia à parte, eu sei o valor do meu trabalho, eu sei fazer uma comida caseira, sei fazer bem, um doce eu sei fazer bem, o meu crochêzinho.”
LIMPEZA/CAPRICO CUIDADO	“Aí tem graça final de semana, tu chegar em casa, tu não ir limpar, tu não ir mexer naquilo ali, ver o fruto do teu trabalho? Tem que curtir né? Essa casa não é minha. Mas eu vou deixar encardir? Não! Sou eu que fico dentro, é minha família que fica dentro. Deus me livre! E o jeito da minha mãe é diferente, é um jeito assim mais bugre, mais do mato, que não tem essa... Não são sujo, mas a gente vê que eles não se preocupam, se não der pra limpar hoje, ah, ela limpa outro dia. [...] Então... e eles não assim, eu peguei todo o jeito da minha sogra.”

Quadro 5: Centralidade atribuída ao trabalho por Salete.

Fonte: Elaboração da autora, 2010.

Para Salete, percebe-se que o trabalho é absolutamente central em sua vida. No entanto, pode-se compreender que, além do trabalho, Salete valoriza muito a família e suas leituras, pois afirma que deixou de fazer algumas faxinas para poder

ficar mais com os filhos. Entretanto, embora outras facetas da vida sejam contempladas por Salete, compreende-se que está muito arraigada a questão da **manutenção dos costumes**, o que pode ser visto na fala:

Mas assim, a gente não deixa de batalhar, mudou da roça pra cidade, mas a batalha continua a mesma, levanta cedo. Meu sogro dizia assim: “tem que chegar cedo na roça, quem chega na roça com sol é malandro.” E eu adotei isso guria. Comecei a fazer faxina, 6:30, 7:00 tava na casa das mulher pra fazer faxina, lá nos cafundó do Juda, chegava tavam dormindo ainda, daí elas começaram a me dar chave [...]

Conforme afirmam Tolfo e Piccinini (2007) pode-se concluir que a centralidade do trabalho para Salete está relacionada ao valor que o trabalho tem na vida desta no presente momento, ou seja, as autoras afirmam que as pessoas atribuem valor ao trabalho em função do momento histórico de suas vidas, dessa forma, após diversas transformações em sua vida, Salete atribui uma centralidade relacionada à valorização da sua cultura, da sua história. A partir deste sentido, bastante forte nas falas da entrevistada, podemos remeter à psicologia sócio-histórica:

O processo de instituição social do indivíduo é o resultado de duas histórias indissociáveis: uma história da *psyke* (psicogênese), ao longo da qual esta se altera e se abre ao mundo social-histórico, e uma história social, na qual a sociedade lhe impõe um “modo de ser” (sociogênese) que ela não poderia jamais fazer surgir dela mesma. (CASTORIADIS 1975 apud SIGARDO, 1990, p.62)

Pode-se perceber que Salete é, absolutamente, atravessada por todo o seu contexto, onde suas crenças e valores foram constituídos a partir do que seus antecessores lhe colocaram como aspectos importantes. Em função destes, Salete deliberou sobre eles e, portanto, decidiu escolhê-los para si. Esta constatação corrobora as conclusões de Sigardo (1990).

A este fato pode-se relacionar, também, a respeito do que Seyferth (2004) aborda em seu artigo, no qual a autora trabalha com uma coletânea de poemas e literatura teuto-brasileiras nas quais, a maioria delas, aponta o “espírito germânico” como forma que os colonos que para o Brasil vieram, encontraram para manter-se ligados à velha pátria. Em seu texto a valorização da etnia é constante, expressada, sempre, por poetas que já adultos, migraram para o Brasil. A valorização do jeito

alemão, tão enfatizado por Salete, está relacionado ao estabelecimento de um vínculo entre a pátria velha e a pátria nova, especialmente no que diz respeito a uma necessidade de manter-se ligados a algo que lhe orgulha (fato este que, não necessariamente, é conhecido pela entrevistada). Esta reflexão pode ser contextualizada pelo trecho que segue:

[...] os caminhos da floresta mostram o trabalho alemão, a vida alemã, o espírito germânico profundamente enraizado em homens e mulheres alemãs – inevitável apelo étnico para pessoas identificadas pela rubrica “Deutsche Volk” [povo alemão]. [...] A figura da retórica é bem significativa, pois os colonos são comparados a guerreiros da Alemanha, fortes e leais. Na última quadra, o elogio vai para a manutenção da língua e o apelo para sustentar os elos com a velha pátria alemã. (SEYFERTH, 2004, p. 170)

Apesar deste orgulho, Salete chateia-se com o fato de não ter acompanhado o crescimento dos filhos e, em função disso, mudou alguns hábitos de trabalho, permitindo-se então, maior **tempo com a família** “[...] fui deixando [as faxinas], porque assim ó, chega uma época que não compensa mais. Assim ó, esse guri se criou na creche. Aí tu perde um tempo com eles que tu não recupera, eles cresce e tu não viu... Aí dói né? Além disso, Salete refere que gosta de **cuidar da casa e ficar em casa** e que nos finais de semana sente prazer em poder cuidar das coisas que comprou e isso lhe faz muito bem.

Eu só não trabalho sábado e domingo. Aí eu cuido da casa, oh, hoje lavei todos os vidros [...] Já to aqui pensando que eu quero fazer um macarrão, aquele macarrão de casa [...] Mas então é isso, gosto de ficar em casa. Nunca fui num shopping, tu acredita? (SALETE)

Neste sentido é possível relacionar o que Antunes (1999b) traz sobre a centralidade do trabalho e as demais facetas da vida. Embora o autor afirme que o trabalho pode ser momento de realização, este não deve ser o único e, desta forma, argumenta que assim como o trabalho, outras ocupações que trazem satisfação também devem ser centrais, inclusive o tempo livre. No caso de Salete é possível vislumbrar esta satisfação em poder cuidar da casa e dos filhos, pois, isso lhe proporciona prazer. Ainda sob esta lógica, abordada por Antunes (1999b), pode-se relacionar a necessidade de Salete em dedicar-se a **outras atividades**, conforme sua fala:

Eu gosto dum crochêzinho, eu leio muito também. Ou fazer os deveres dessa criatura (aponta pro filho). E daí lê. Adoro ler. Ah eu gosto de livro. Já li dois esse ano e to começando terceiro, então eu li assim... Eu procuro mais é livros evangélicos, né? (SALETE)

Neste sentido, percebe-se que estas atividades além do trabalho, estão - exceto o momento de auxílio ao filho nas atividades escolares - vinculadas a algumas das formas de lazer escolhidas por Salete. Estes momentos são fundamentais para que, no período de trabalho remunerado, as pessoas consigam desenvolver-se melhor, proporcionando mais prazer tanto durante o expediente, quanto durante seu tempo livre. De Masi (2001) pontua a necessidade dos momentos de ócio e liberdade. O autor afirma que, quando as pessoas têm momentos de ócio em seus momentos de folga, estas se tornam mais criativas e, além disso, mais satisfeitas e motivadas.

Porém, percebe-se que Salete sempre atendeu às demandas sociais que lhe foram colocadas, como a exigência de um trabalho desmedido e, algumas vezes, desumano. A entrevistada afirma que, ainda na roça, não tinha sol, chuva ou vento que lhe fizesse ficar em casa, ou ainda, deixar de levar sua filha ainda bebê para a lavoura. Por estas constatações de Salete responder à demanda à sua volta, é possível compreender o que Aranha (1997) reflete sobre o trabalho ser meio de liberdade e de prisão ao mesmo tempo, pois, é por meio do trabalho que o ser humano se constitui e, portanto, se torna livre. Mas é também por meio do trabalho que o ser humano se mantém preso, pois a partir do sistema capitalista de produção, todos estão sempre aprisionados à necessidade de produzir lucro e não estão meramente ligados ao trabalho com o intuito de produzir um valor-de-uso, algo que atenda à uma necessidade básica.

Assim, com o passar do tempo e com algumas insatisfações decorrentes deste trabalho em excesso, Salete consegue perceber que a situação de “prisão” não lhe serve e que, ficar com a família e desfrutar da sua casa pode lhe ser mais proveitoso.

Mas, além da situação de ter mais tempo, Salete afirma, também, que poderia ter priorizado mais os cuidados com seu corpo e ter dado mais **atenção à saúde**, pois, conforme sua fala, isso não lhe trouxe mais benefícios, pelo contrário, essa atitude causou prejuízos à sua saúde.

Mas eu já teve um tempo assim que eu acordava às 5hs da manhã, capinava e cortava mato... Já tinha um pique diferente, hoje em dia eu to vendo que isso não me adiantava nada né? Porque eu só arrumei tudo que é “osose” [artrose]; artrite, tudo eu tenho... reumatismo e tal. Mas assim, não me rendeu sabe? (SALETE)

Entretanto, embora Salete afirme que “não lhe rendeu” este maior esforço, ela também relaciona sua situação financeira razoável com o fato de trabalhar bastante. Salete defronta-se então com a contradição do trabalho, pois há nele uma dicotomia, uma vez que as pessoas podem odiar e amar seu trabalho ao mesmo tempo, da mesma forma que para Aranha (1997) se sentem livres e presas. Além disso,

A apreensão dos sentidos não significa apreendermos uma resposta única, coerente, absolutamente definida, completa, mas as expressões do sujeito muitas vezes contraditórias, parciais, que nos apresentam indicadores das formas de ser do sujeito, de processos vividos por ele. (AGUIAR; OZELLA, 2006, p.228)

Assim, ainda sobre a discussão a respeito dos cuidados à saúde referidos por Salete, é possível remeter a uma reflexão, a respeito das considerações sobre o corpo, abordada por Dejours (2004). O autor argumenta que é por meio do corpo que se mobiliza a inteligência para o trabalho e, a partir dele, se materializa a subjetividade a partir das relações com o trabalho e com o entorno social. Então, poder-se-ia pensar que Salete, ao subjetivar o seu trabalho, apropriando-se de uma série de valores, deixa de cuidar desse corpo em detrimento de um trabalho desmedido que fora dela esperado? Tenta-se, aqui, refletir a partir de uma realidade social que não pode ser deixada de lado, pois, é por meio do corpo que Salete materializa seu trabalho e, também, é por meio do corpo que ela se coloca diante do outro, no mundo.

No que se refere ao **saber-fazer**, Salete volta ao valor que atribui aos seus hábitos e costumes, afirmando que, apesar de não ter estudado, tudo que ela sabe fazer, é muito bem feito.

Eu fiz a sétima série só, mas o que eu posso fazer pra ganhar dinheiro, eu faço. Teve um ano que eu fiz cinquenta panos de prato pro Natal. Comprava o pano, fazia o bico do crochê e vendia. Eu fazia dentro do ônibus, eu fazia olhando a novela, arrumava tempo pra fazer. Se tivesse mais, tinha vendido mais. Mas assim, eu não estudei, eu não... Pra alguma coisa eu tinha que servir... Eu sirvo pra fazer faxina que, modéstia à parte, eu sei o valor do

meu trabalho, eu sei fazer uma comida caseira, sei fazer bem, um doce eu sei fazer bem, o meu crochêzinho... (SALETE)

Este saber-fazer enfatizado por Salete pode ser relacionado aos resultados da pesquisa de Coutinho, Diogo e Joaquim (2008), na qual a aprendizagem do trabalho aparece por meio das experiências ou dos conhecimentos intelectuais e científicos. As autoras relacionam o saber tácito e o saber científico, o primeiro como forma mais primitiva de conhecimento e apropriação de saberes de determinadas profissões e o segundo, como forma mais atual de especialização e conhecimento das profissões, uma vez que, as novas tecnologias e o mercado de trabalho, assim exigem. No caso de Salete, sua profissão está relacionada a um saber tácito, ou seja, aprendido a partir de sua experiência e da relação com os outros, uma vez que, embora não tenha buscado uma formação, o seu saber-fazer está totalmente desenvolvido, além de valorizado por ela e pelas pessoas que a cercam.

Deste modo, por meio deste reconhecimento do outro, é possível relacionar este saber-fazer de Salete à formação de sua identidade, pois, “a construção da identidade é decorrente de processos psicossociais, através dos quais o indivíduo desenvolve-se na sua singularidade e também como elemento da sociedade” (LUNA; BAPTISTA, 2001, p. 44). Sob este aspecto percebe-se que Salete compreende o que se espera dela (*“ser uma mulher caprichosa e trabalhadora”*), aceita tal expectativa e, então, se reconhece e sente-se reconhecida pelos outros também. Foi dessa forma que a identidade profissional da entrevistada se construiu.

Assim, a última categoria estabelecida a partir das falas de Salete, diz respeito ao **capricho e cuidado** que a entrevistada demonstra em todas as suas atividades. Salete refere, novamente, a crença de atribuir valor positivo às pessoas a partir de sua forma de ser, especialmente se esta tiver alguma relação com o “jeito alemão” conforme, várias vezes, Salete referiu durante a entrevista. O “jeito alemão”, neste caso, tem relação ao cuidado primoroso, além do zelo pelas questões higiênicas e de cuidado com os bens materiais, tais como a casa, os eletrodomésticos, o automóvel etc. Neste sentido, a fala de Salete pode ilustrar:

Aí tem graça final de semana, tu chegar em casa, tu não ir limpar, tu não ir mexer naquilo ali, ver o fruto do teu trabalho? Tem que curtir né? Essa casa

não é minha. Mas eu vou deixar encardir? Não! Sou eu que fico dentro, é minha família que fica dentro. Deus me livre! E o jeito da minha mãe é diferente, é um jeito assim mais bugre, mais do mato, que não tem essa... Não são sujo, mas a gente vê que eles não se preocupam, se não der pra limpar hoje, ah, ela limpa outro dia. [...] Então... E eles não assim, eu peguei todo o jeito da minha sogra. (SALETE)

É importante lembrar que Salete nasceu em uma família de descendência alemã, mas, aos 13 anos, fugiu de casa e foi morar com a família do esposo, que também é de origem alemã. Embora seus pais sejam desta etnia, a entrevistada refere-se aos sogros como pessoas que têm o típico “jeito alemão”, diferente de seus pais. Sendo assim, Salete afirma estar mais arraigada aos hábitos de seus sogros, os quais tiveram papel fundamental em sua criação de sentidos sobre o trabalho e a centralidade que ele possui em sua vida, sendo demonstrado durante toda a sua entrevista, o que pode ser visto em diversos momentos que, tanto a sogra quanto o sogro, lhe servem de exemplo para os valores relacionados a este cuidado e capricho.

4.3 ROBSON – O AÇORIANO EMPREENDEDOR

Robson é descendente de açorianos, tem quarenta e quatro anos, é católico não praticante. Não tem conhecimento de qual geração da sua família migrou de Portugal para o Brasil, é casado, tem três filhos, é nascido em Florianópolis e mora na Grande Florianópolis. Robson fez curso técnico no Ensino Médio em Eletrotécnica e, após, graduou-se em Administração com ênfase em Marketing.

O entrevistado trabalhou desde pequeno no armazém dos pais. Este trabalho era obrigatório. Com dezessete anos Robson saiu de casa para montar um quiosque e vender coco na praia. Antes disso, Robson trabalhou por pouco tempo com seu irmão mais velho, auxiliando no armazém dele e em algumas representações que o mesmo possuía. Com o tempo e o avanço dos estudos o entrevistado trabalhou em algumas empresas. Como seus pais tinham comércio e consideravam esta atividade negativa, no sentido de ser difícil e onerosa de tempo e

disponibilidade, incentivaram o filho a fazer concursos públicos. Robson fez e, no primeiro concurso, foi aprovado. Entretanto, a estatal na qual ele trabalhava foi privatizada. Depois de um tempo da privatização, já com dezessete anos nesta organização, Robson foi demitido. Após essa demissão, Robson sempre trabalhou na área comercial, trabalhou em quatro empresas na área de telefonia e, atualmente, trabalha em uma empresa do ramo de tecnologia, há um ano, como gerente comercial.

Os pais de Robson moram na Grande Florianópolis e ele os visita com frequência.

Diversos aspectos da entrevista realizada com Robson tornaram possível compreender os seus sentidos do trabalho. Para tanto, a partir de sua trajetória profissional abarca-se a construção destes sentidos. O próximo eixo deste capítulo contextualiza esta compreensão.

4.3.1 Trajetória Profissional

A partir das falas de Robson, no que se refere à trajetória profissional, foram estabelecidas cinco categorias de análise. O quadro 6 apresenta as categorias estabelecidas a partir da análise dos dados em função da entrevista realizada com Robson. Algumas delas se dividem em subcategorias.

Categorias	Subcategorias	Fala do Participante
	Trabalho na empresa da família	“Os meus pais sempre tiveram comércio, então eu nasci numa venda, num armazém [...] desde pequeninho assim, todos nós, éramos sete, todo mundo fazia alguma coisa na venda, meu pai e minha mãe trabalhavam 100% vamos dizer assim, né? E a gente eventualmente fazia alguma coisa. Cada um tinha uma atividade. Eu, por exemplo, cuidava de que, por exemplo, chegava bebida, tinha que bota bebida no gelo. Ia lá e colocava. Chegava fruta eu tinha, botava lá pra dentro de casa, aquela coisa. Depois com o tempo, a gente já vai crescendo um pouquinho já vai podendo atender no balcão também, daqui a pouco já faz 100% do trabalho, desde novo assim, depois dos dez anos já tava no trabalho. E essas eram minhas atividades. [...] E eu criança, aquela coisa toda, meus

TRABALHO NA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA		amigos tudo brincando e eu tinha que trabalhar, mas a gente trabalhava, enfim [...]"
	Desacordo de opiniões com os pais	"Aí ta, chegou uma determinada situação, que a gente começa a tomar consciência de algumas coisas, né? E tu começa a não aceitar algumas coisas. Por exemplo, na época da inflação meu pai comprava um produto por "x" né? E vendia fiado com uma inflação de 100%, vamos dizer assim. Vendia fiado e depois ele pegava na caderneta da pessoa e cobrava o mesmo preço. Eu falei ó, pai isso que tu ta fazendo é jogar dinheiro fora. E ele dizia não filho, eu sempre fiz assim, eu não vou fazer diferente. E a gente começou a ter impacto. [...] Chegou uma hora, um ponto que eu comecei a não querer mais trabalhar com ele."
	Busca por alternativas	"E eu criança, aquela coisa toda, meus amigos tudo brincando e eu tinha que trabalhar, mas a gente trabalhava enfim, tal. [...] Aí, chegou um ponto que eu e meu pai não se acertamos. Eu já tava na escola técnica naquela época, tava me formando já, comecei a estudar à noite. Aí eu: "Pai, aqui não ta dando mais, eu vou ter que fazer outro negócio". Aí eu abri um negócio lá em Sambaqui lá, lá onde minha mãe tinha um terreninho... Abri um negócio de caldo de cana, um quiosquzinho. Isso com dezesseis dezessete anos assim [...]. Pô e trabalhava pra caramba no verão"
O TRABALHO DOS PAIS	Comércio como algo negativo	"[...] eu achava que ele [o pai] não gostava muito do trabalho que ele fazia, porque ele falava muito mal do trabalho: "pô esse trabalho escraviza, é ruim, é complicado". Sempre tinha esse lado assim de que comércio é ruim, que a gente não deve trabalhar no comércio, se um dia puder vai ser funcionário público, vai ser outra coisa, eles tinham essa visão, realmente falavam isso"
	Vontade de fazer diferente	"E foi legal essa vivência assim, foi bacana a reflexão e tal, comecei a entender diferente e tal essa relação do trabalho com eles. Ta beleza. Ali minha cabeça revirou... Ta, se eu tiver oportunidade eu vou ter que mudar isso né? Daí eu dizia pra eles, o mínimo que eles me deram eu tenho que ser melhor que eles, né? Daí eu fiquei tentando mostrar pra eles que o trabalho também não é tão ruim assim"
	Compreensão do trabalho dos pais	"Então a diversão que a gente tinha, final de semana, era ir na casa do meu vô. Num carro apertado, aquela coisa toda. O resto era trabalho, trabalho, trabalho, trabalho. Daí ficava difícil pensar que trabalho era uma coisa boa. Mas tudo bem! Sustentava, era um bom, não dava pra reclamar também."
	Anseio	"Aí, trabalhei como técnico de manutenção, técnico de manutenção de copiadoras, [...] Aí comecei a fazer isso, comecei a ficar muito bom nisso. Aí eu pensei, pô, eu não vou ser isso né? Isso aqui é enquanto ta estudando."

CAMINHO PERCORRIDO	Crença (da família) sobre funcionalismo público	“Aí me formei e fiz concurso. Aquela história da minha mãe: “faz concurso!” Aí estudei, fiz concurso. O Primeiro concurso que eu fiz eu passei. Aí fui trabalhar na bendita empresa Y. Outra vida, outro mundo, pensei que tinha ficado rico.”
	Confronto com o inesperado	“E eu cheguei lá e achei que ia encontrar muita tecnologia e eu enfrentei um problema. A central telefônica era um negócio parádo, tinha vinte técnicos lá dentro e faziam sempre a mesma coisa [...] Isso não é pra mim. Era muito tempo assim e os caras faziam uma coisa que era muito repetitiva e eu não gostava!”
	Busca por alternativas	“Aí comecei a entrar na CIPA, comecei a virar representante da CIPA, [...] Aí fui pra dentro da associação, comecei com esportes, desportivo, a relação com todo mundo, comecei a ir pro SESI, aquela coisa toda. Sabe aquela coisa da atividade extra? Porque pô, aquilo dali não tava me sustentando.”
	Mudança de situação /opinião	“[...] Começou a se preparar pra privatizar [...] Houve uma consultoria e começou a traçar o perfil das pessoas que tinha perfil pra área comercial [...] De hoje em diante tu tais aqui agora [...] aí eu comecei a gostar daquelas coisas diferentes também: curso de alto nível, investimento pra caramba em treinamentos e coisa. Aí eu comecei a gostar da coisa! Pô, comercial é legal! Tudo aquilo que a minha mãe falou sobre comercial esquece, não é nada daquilo.”
SITUAÇÕES INESPERADAS	Demissão	“[...] Um dia eu tava visitando um cliente, quando eu voltei a carta de demissão tava na mão. Eu com a meta batida, tudo tranquilo, tudo bacana e a carta de demissão. Ali meu mundo desabou. Eu disse, caramba, que eu que eu vou fazer, 17 anos nessa empresa [...] Empurraram a minha vaquinha de cima do morro. A minha vaquinha magrinha... Tava dando leitinho lá, tal.”
	Rede de Relacionamentos	“[...] Aí fui tal, fiz uma rede de relacionamento [...] Aí, vai e volta, uma empresa que dava consultoria e que dava curso pro pessoal de vendas da empresa que eu trabalhava logo em seguida me convidou pra dar curso pro pessoal da mesma empresa [...]”
	Percepção da utilidade do trabalho	“Eu gosto muito de trabalhar assim, não tenho o que reclamar... Agora, eu gosto de ta fazendo uma coisa que eu acho que é útil, que eu acho bacana... Se eu começar a não gostar assim de vir pro trabalho, cedo ou tarde, ou eu saio, ou eu vou ser saído.”
	Objetivo	“Pra mim trabalho, tem que ter prazer, tem que ser gostoso, tem que ser bom. Já trabalhei em lugar que eu não me senti bem? Já! Mas assim, tinha algum objetivo, eu pensava na frente, ou era um estepe pra uma próxima possibilidade [...].”

REALIZAÇÃO PESSOAL	Relacionamento com pessoas	“Mas eu gosto muito disso assim, da relação com pessoas, de ganhar as pessoas pelo relacionamento, pela conversa, pela relação, pelo trabalho. Fazer com que as pessoas gostem do seu ambiente de trabalho, assim como eu gosto também. Isso é bacana. E a empresa aqui, essa empresa aqui especificamente, tudo que a gente pede, a gente consegue. É uma empresa menor, mas a gente conhece os diretores [...]”
	Respeito às individualidades	“A gente não tem que mudar as pessoas, a gente tem que aprender a conviver com os defeitos e o princípio das pessoas né? Ou entender o porquê das pessoas, assim como eu entendi meu pai aquela época, coisa e tal. E a gente tem que ver o todo da pessoa, ver o que ela tem de bom pra empresa né? E, se possível, claro, pra gente também né? Eu vejo assim.”

Quadro 6: Trajetória Profissional de Robson.
Fonte: Elaboração da autora, 2010.

Com relação ao **trabalho na infância e adolescência**, Robson afirma ter incidido obrigatoriedade em determinadas atividades, uma vez que ele e os seus seis irmãos tinham, no armazém dos pais, uma função pré-estabelecida, portanto, executavam um **trabalho na empresa da família**, de acordo com suas idades, o que pode ser compreendido pela fala:

Os meus pais sempre tiveram comércio, então eu nasci numa venda, num armazém [...] desde pequenininho assim, todos nós, éramos sete, todo mundo fazia alguma coisa na venda, meu pai e minha mãe trabalhavam 100% vamos dizer assim, né? E a gente eventualmente fazia alguma coisa. Cada um tinha uma atividade. Eu, por exemplo, cuidava de que, por exemplo, chegava bebida, tinha que bota bebida no gelo. Ia lá e colocava. Chegava fruta eu tinha, botava lá pra dentro de casa, aquela coisa. Depois com o tempo, a gente já vai crescendo um pouquinho já vai podendo atender no balcão também, daqui a pouco já faz 100% do trabalho, desde novo assim, depois dos dez anos já tava no trabalho. E essas eram minhas atividades. [...] E eu criança, aquela coisa toda, meus amigos tudo brincando e eu tinha que trabalhar, mas a gente trabalhava, enfim [...] (ROBSON)

Mesmo antes da criação do Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA o trabalho infantil vem sendo fortemente discutido no Brasil. No entanto, com a criação do ECA, que aconteceu em 1990, às teorizações e discussões se intensificaram e muito material sobre o assunto vem sendo publicado desde então. Com o surgimento desta regulamentação, que proibiu terminantemente o trabalho infantil para menores de quatorze anos, surgiu um novo questionamento: qual a viabilidade desta proibição na vida real? Para Mello (1999) o trabalho infantil está

relacionado às dificuldades financeiras que a maioria das pessoas de classes menos favorecidas em nosso país, acaba tendo que submeter-se. Entretanto, a discussão sobre o ECA, aqui, está relacionada à naturalização do trabalho de crianças e de adolescentes até a criação do presente estatuto. Inclusive Robson, ao contar sobre o seu trabalho na infância menciona: “[...] *não existia aquele papo de trabalho infantil, não tinha nada disso, todo mundo trabalhava ali um pouquinho, ta?*”. Há muito a se discutir sobre o trabalho infantil, as repercussões do ECA e outras relações, no entanto, por questões de objetivos, não cabe aqui tal aprofundamento.

Ainda sobre o trabalho na infância e adolescência, para Faccio (2008) os pais consideram que o trabalho em idade precoce, serve como uma forma de educar os filhos, com o objetivo de ensinar-lhe algum ofício, oferecendo, portanto, maior possibilidade de sucesso no futuro profissional de seus descendentes. Sob esta lógica é possível compreender uma boa intenção por parte dos pais, uma vez que conhecem o mercado de trabalho e, muitos deles, passaram dificuldades ao ingressarem no mesmo.

A partir da naturalização do trabalho durante a infância, conforme descrito acima, e com o passar do tempo, Robson afirma compreender mais das questões relativas a negócios e, em função disso, começa a entrar em um **desacordo de opiniões com os pais**, pois afirma que

[...] chegou uma determinada situação, que a gente começa a tomar consciência de algumas coisas, né? E tu começa a não aceitar algumas coisas. Por exemplo, na época da inflação meu pai comprava um produto por “x” né? E vendia fiado com uma inflação de 100%, vamos dizer assim. Vendia fiado e depois ele pegava na caderneta da pessoa e cobrava o mesmo preço. Eu falei ó, pai isso que tu ta fazendo é jogar dinheiro fora. E ele dizia não filho, eu sempre fiz assim, eu não vou fazer diferente. E a gente começou a ter impacto. [...] Chegou uma hora, um ponto que eu comecei a não querer mais trabalhar com ele.

A partir desta fala de Robson, é possível perceber sua resignificação sobre o trabalho dos pais. Pelo fato de ele ter crescido dentro daquela empresa, poderia ter se apropriado do saber-fazer de seus pais, mas não, o entrevistado conseguiu refletir e distanciar-se daquilo que presenciou e vivenciou durante a infância e, então, percebeu que, de acordo com as lógicas do mercado, algumas atitudes não podem ser concebidas para que se tenha lucro em um estabelecimento comercial. Em sendo assim, Robson vai em **busca por alternativas**, uma vez que,

não concorda com seus pais e, conseqüentemente, não consegue identificar-se com o trabalho dos mesmos, ser comerciante.

Aí, chegou um ponto que eu e meu pai não se acertamos. Eu já tava na escola técnica naquela época, tava me formando já, comecei a estudar à noite. Aí eu: “Pai, aqui não ta dando mais, eu vou ter que fazer outro negócio”. Aí eu abri um negócio lá em Sambaqui lá, lá onde minha mãe tinha um terreninho... Abri um negócio de caldo de cana, um quiosquzinho. Isso com dezesseis, dezessete anos assim [...] Pô e trabalhava pra caramba no verão [...] (ROBSON)

Em função do contexto acima apresentado - trabalho na empresa familiar, o desacordo de opiniões e a busca por alternativas – é possível compreender o princípio dessa construção de Robson, sobre o sentido do trabalho. A partir desse posicionamento, o entrevistado consegue defrontar-se com esta situação e, dessa forma, aceitá-la ou não, haja vista que ele está inserido em uma sociedade, que tem a sua história e, também, sua cultura, as quais influenciam diretamente na constituição das pessoas. Zanella e Andrada (2002) afirmam que “[...] o sujeito se constitui nas relações com outros, via atividade caracteristicamente humana, a qual é necessariamente mediada [...]” (p.127). Neste sentido, é possível entender que os principais mediadores de Robson foram seus pais, uma vez que estes, além de lhe falarem coisas a respeito do trabalho, tais como o negativismo do comércio, o ideal de funcionalismo público etc., também lhe serviram de exemplo por meio de suas atividades diárias, uma vez que o trabalho dos mesmos (o armazém) era, praticamente, dentro da casa onde eles viviam.

Entretanto, apesar da iniciativa de empreender um negócio, Robson relata que aquela “coisa de vender água de coco era legal, mas só no verão”, pois, afirma que o lucro não era suficiente para o ano inteiro e, então, percebeu que aquela ocasião lhe serviu de experiência, mas não era exatamente aquilo que ele gostaria para sua carreira. Robson afirma que, na época em que morou fora de casa, começou a refletir sobre **o trabalho dos pais**, especialmente no que diz respeito ao **comércio como algo negativo**, por que:

[...] eu achava que ele [o pai] não gostava muito do trabalho que ele fazia, porque ele falava muito mal do trabalho: “pô esse trabalho escraviza, é ruim, é complicado.” Sempre tinha esse lado assim de que comércio é ruim, que a gente não deve trabalhar no comércio, se um dia puder vai ser funcionário público, vai ser outra coisa, eles tinham essa visão, realmente falavam isso. (ROBSON)

E a partir disso, o entrevistado começa a refletir sobre seu futuro profissional, pois afirma que tinha **vontade de fazer diferente** de seus pais. Percebe-se que Robson, ao distanciar-se dos pais, consegue perceber que o trabalho não é algo árduo, necessariamente, conforme a origem latina de seu nome: *tripalium*, que significa instrumento de tortura e, pelo que parece, era dessa forma que os pais de Robson o descreviam.

Esta construção da relação de Robson com o trabalho, explicitada por meio desta vontade de dar outro significado ao mesmo, pode ser vista a partir do movimento feito por Robson, quando o mesmo afirma uma **compreensão do trabalho dos pais**. Isso pode ser contextualizado pela fala:

E foi legal essa vivência assim, foi bacana a reflexão e tal, comecei a entender diferente e tal essa relação do trabalho com eles. [...] Ali minha cabeça revirou... Ta, se eu tiver oportunidade eu vou ter que mudar isso né? Daí eu dizia pra eles, o mínimo que eles me deram eu tenho que ser melhor que eles, né? Daí eu fiquei tentando mostrar pra eles que o trabalho também não é tão ruim assim

E a partir dessa reflexão, Robson demonstra certa empatia para com seus pais, evidenciando compreensão, especialmente no que diz respeito às condições de trabalho, visto que o armazém ficava aberto sete dias por semana e, na maioria deles, dezoito horas por dia. A exceção era os domingos, que, eventualmente, eles visitam o avô em Sambaqui. Sendo assim, é possível perceber por parte do entrevistado, seu conhecimento da realidade, e, a partir desse conhecimento, a significação à realidade dada (neste caso a realidade colocada pelo pai e ressignificada por Robson) e, então seu posicionamento de *confrontamento* e *oposição*, possibilidades descritas por Zanella (2004) quando fala sobre as opções das pessoas diante das situações da vida em função de sua cultura e do momento social e histórico. Com relação ao momento histórico é interessante ressaltar o que aparece na fala de Robson quando este menciona que na época da inflação seu pai vendia fiado e não cobrava nada a mais por esse “crédito”. Este foi o exemplo utilizado pelo entrevistado para contextualizar o momento e o porquê das discordâncias. Questiona-se então: será que se, naquela época, a inflação não estivesse com índices tão altos, isso faria diferença na percepção de Robson sobre a competência de seu pai enquanto comerciante? Talvez outros desacordos pudessem lhe saltar aos olhos, ou ainda, talvez pudesse não haver discordância.

Além disso, Robson também conta que seu pai fumava dentro do armazém, mas, naquela época as pessoas fumavam em todos os lugares. Era permitido fumar em ônibus, aviões, supermercados etc. Talvez, como tantas pessoas, o pai de Robson não refletisse a respeito desta atitude tão criticada na atualidade: fumar em locais fechados e públicos, afinal de contas, era normal, ou seja, tal comportamento estava dentro da média de normalidade para a maioria das pessoas daquela época.

Então a diversão que a gente tinha, final de semana, era ir na casa do meu vô. Num carro apertado, aquela coisa toda. O resto era trabalho, trabalho, trabalho, trabalho. Daí ficava difícil pensar que trabalho era uma coisa boa. Mas tudo bem! Sustentava, era um bom, não dava pra reclamar também.
(ROBSON)

No que diz respeito ao **caminho percorrido** por Robson no mundo do trabalho, após da ocasião em que Robson trabalhou como comerciante - primeiramente no quiosque de coco e, depois, auxiliando seu irmão mais velho em negócios semelhantes ao de seu pai – o entrevistado começa a buscar alternativas dentro da sua área de formação técnica, demonstrando, com isso, **anseio** com relação ao seu futuro profissional. Após ter trabalhado, por pouco tempo com seu irmão, Robson começou a estagiar como eletrotécnico em uma empresa de manutenção de copiadoras. Diante disso, o entrevistado demonstra querer algo mais e, embora estivesse, naquele momento, fazendo algo atrelado aos estudos, pretendia, futuramente, mais realizações do que algo meramente operacional. O que pode ser contextualizado pela fala: *“Aí, trabalhei como técnico de manutenção, técnico de manutenção de copiadoras, [...] Aí comecei a fazer isso, comecei a ficar muito bom nisso. Aí eu pensei pô, eu não vou ser isso né? Isso aqui é enquanto ta estudando.”*

Apesar do perfil empreendedor que Robson demonstrou durante toda a entrevista, os valores sobre o mundo do trabalho que o mesmo ouviu durante sua infância e adolescência – a respeito da **crença da família sobre o funcionalismo público** - acabaram balizando sua iniciativa frente às possibilidades da construção de carreira.

Aí me formei e fiz concurso. Aquela história da minha mãe: “faz concurso!”. Aí estudei, fiz concurso. O Primeiro concurso que eu fiz eu passei. Aí fui trabalhar na bendita empresa Y. Outra vida, outro mundo, pensei que tinha ficado rico. (ROBSON)

Para Whitaker (1997) há fatores ocultos que influenciam a escolha profissional dos jovens e, entre eles, encontra-se a “frustração profissional dos pais” (p.54). Para a autora, os pais que não se identificam com suas profissões acabam por ressaltar somente aspectos negativos da mesma e, dessa forma, omitem aos filhos o conhecimento autêntico da profissão. Foi o caso de Robson que, desde muito pequeno ouviu que comércio despende muito tempo e dedicação, que não há tempo para lazer e outras atividades. No entanto, pode-se perceber que os pais do entrevistado assim trabalhavam e, embora não vislumbrassem outras possibilidades, acreditavam que ser comerciante restringia-se apenas à atividade que eles executavam o que, futuramente, o entrevistado esclareceu que não acontecia exatamente assim e, inclusive, passou a identificar-se com a profissão.

Tendo em vista que Robson, desde jovem, apresentava um perfil inquieto e bastante questionador sobre as coisas dadas, chegou então ao tão sonhado (talvez por seus pais) cargo público e teve um **confronto com o inesperado**, ou seja, deparou-se com uma atividade pela qual ele jamais optaria desenvolver.

E eu cheguei lá e achei que ia encontrar muita tecnologia e eu enfrentei um problema. A central telefônica era um negócio parado, tinha vinte técnicos lá dentro e faziam sempre a mesma coisa, [...] Isso não é pra mim. Era muito tempo assim e os caras faziam uma coisa que era muito repetitiva e eu não gostava! (ROBSON)

A partir desta situação, Robson demonstra a necessidade que teve de ir, novamente, em **busca por alternativas**, uma vez que aquele trabalho que fora designado a fazer, não lhe bastava.

Ai comecei a entrar na CIPA, comecei a virar representante da CIPA, [...] Aí fui pra dentro da associação, comecei com esportes, desportivo, a relação com todo mundo, comecei a ir pro SESI, aquela coisa toda. Sabe aquela coisa da atividade extra? Porque pô, aquilo dali não tava me sustentando. (ROBSON)

Para Soares e Sestren (2007) a realidade oferecida pelo serviço público está relacionada às suas condições diferenciadas, tais como salário vitalício, benefícios garantidos pelo Estado, estabilidade, carga horária conveniente, etc. Talvez por isso, muitas pessoas tenham o objetivo de se tornarem funcionárias públicas, pois, a estabilidade tem relação com esta atividade. Esta estabilidade é

apontada por Kovács (2004) como o aspecto mais valorizado no emprego, em função de sua pesquisa sobre os empregos flexíveis, realidade tão constante na atualidade. A mesma autora pontua que esta característica, tão valorizada pelos trabalhadores, tenderá a ser uma exceção nas relações de trabalho, aspecto este que gera ainda mais incertezas frente à reestruturação produtiva tão intensificada nos dias de hoje. Entretanto, há ainda que se pensar que, por vezes, esta estabilidade tem relação, também, com as atividades desenvolvidas, ou seja, mesmo que o cargo de Robson fosse técnico e exigisse um saber-fazer, este era, absolutamente, desvinculado de criatividade, o que não combinava com ele.

Contudo, compreender o funcionalismo público na atualidade como algo que proporciona estabilidade de emprego é, em parte, um equívoco frente à crise que o mundo do trabalho vive. Ora, uma empresa estatal pode ser vendida a qualquer momento e, sendo assim, seus funcionários ficam à mercê do que as novas chefias decidirão e, conseqüentemente o que isso pode acarretar às suas carreiras. Entretanto, é importante lembrar que nem sempre os funcionários públicos estão vinculados à uma empresa, há vínculos de cargos, como, por exemplo juizes e professores, os quais, não dependem da manutenção das empresas como estatais. Coutinho (2009) argumenta sobre a reestruturação produtiva presente no Brasil e no mundo, onde as privatizações de empresas estatais aconteceram de forma maciça, especialmente a partir da década de 90. Dessa forma, as estatais “visavam atender às reformas impostas por políticas neoliberais de organismos financeiros internacionais.” (p.197).

E é sob este cenário que Robson deparou-se com uma **mudança de situação e de opinião**, conseqüentemente. Com a privatização, o entrevistado é realocado para a área comercial da empresa. Embora Robson pudesse significar esta situação como algo negativo, mais uma vez superou sua aflição e aproveitou a situação da melhor forma possível, apropriando-se de um prazer no trabalho comercial até então desconhecido por ele, e também, dando um novo sentido ao que escutara sobre comércio e área comercial durante a infância e adolescência, o que pode ser visto na fala:

[...] Começou a se preparar pra privatizar [...] Houve uma consultoria e começou a traçar o perfil das pessoas que tinha perfil pra área comercial [...] De hoje em diante tu tá aqui agora [...] aí eu comecei a gostar daquelas coisas diferentes também: curso de alto nível, investimento pra caramba em

treinamentos e coisa. Aí eu comecei a gostar da coisa! Pô, comercial é legal! Tudo aquilo que a minha mãe falou sobre comercial esquece, não é nada daquilo. (ROBSON)

Neste sentido é possível remeter à dinamicidade que o ser humano possui, uma vez que, embora Robson tenha ouvido muitas vezes que comércio é negativo, sua experiência com esta realidade fora no armazém dos pais e trabalho com o irmão, mas isso, não permitiu que vislumbrasse todas as possibilidades que comércio pode apresentar. Desta forma, com esta nova experiência, Robson significa positivamente a área comercial.

Todavia, assim como esta nova situação da empresa trouxe a Robson benefícios que lhe permitiram vislumbrar outras possibilidades frente à empresa e ao seu trabalho, esta nova situação também lhe trouxe **situações inesperadas**, o que lhe proporcionou perceber que seu comprometimento e forma de agir correta não lhe garantiam segurança e, assim, Robson depara-se com uma **demissão**, após 17 anos de empresa.

Um dia eu tava visitando um cliente, quando eu voltei a carta de demissão tava na mão. Eu com a meta batida, tudo tranqüilo, tudo bacana e a carta de demissão... Ali meu mundo desabou. Eu disse, caramba, que que eu vou fazer, 17 anos nessa empresa [...] Empurraram a minha vaquinha de cima do morro. A minha vaquinha magrinha... Tava dando leitinho lá, tal. (ROBSON)

A partir da demissão de Robson, é possível relacionar esta situação à pesquisa de Coutinho (2009) a respeito de ex-trabalhadores de uma empresa pública. Para a autora a demissão dos trabalhadores afeta intensamente suas trajetórias profissionais, uma vez que muitos deles apresentam idade avançada para recolocação no mercado de trabalho. Além disso, em sua pesquisa, Coutinho afirma que “os programas de enxugamentos e os desligamento tiveram profundas implicações sobre a vida e a saúde de cada um deles e de suas famílias.” (2009, p.197). Neste sentido é possível refletir a respeito do paradoxo que o funcionalismo público representou para estas pessoas, assim como para Robson, pois, a estabilidade assegurada até então, desconstruiu-se e, isso, afetou, e afetaria ainda hoje, a relação das pessoas com o trabalho.

Porém, assim como a demissão lhe soou como surpresa, outros fatos inesperados aconteceram, tal como o reconhecimento por parte dos amigos e

colegas que conheceu durante os dezessete anos na estatal. Então, a partir dessa **rede de relacionamentos**, em pouco tempo, Robson já estava recolocado no mercado.

[...] Aí fui tal, fiz uma rede de relacionamento [...] Aí, vai e volta, uma empresa que dava consultoria e que dava curso pro pessoal de vendas da empresa que eu trabalhava logo em seguida me convidou pra dar curso pro pessoal da mesma empresa que eu fui demitido [...] (ROBSON)

Desta forma, diante de tantos fatos que abarcaram a história de Robson frente à sua trajetória profissional, é possível perceber uma nova assimilação do sentido do trabalho por ele. Percebe-se que neste momento, após tantos acontecimentos e dificuldades, Robson vislumbra uma **realização pessoal**, uma vez que consegue, de fato, ter a **percepção da utilidade do trabalho**, pois, conforme todo o contexto de sua entrevista, Robson demonstra que aprendeu a refletir sobre o seu querer-fazer e, para fazer algo, este algo precisa fazer sentido, ter utilidade, uma vez que ele afirma:

Eu gosto muito de trabalhar assim, não tenho o que reclamar... Agora, eu gosto de ta fazendo uma coisa que eu acho que é útil, que eu acho bacana... Se eu começar a não gostar assim de vir pro trabalho, cedo ou tarde, ou eu saio, ou eu vou ser saído.

Neste sentido, é possível perceber que para Robson “o trabalho que faz sentido é feito de maneira eficiente e leva a alguma coisa, isto é, é importante que o trabalho esteja organizado e leve à um resultado útil”, assim como apontado por Morin, Tonelli e Pliopas (2007, p. 48) As pesquisas de Morin (2002 apud Morin, Tonelli e Pliopas, 2007) demonstraram freqüência no aspecto utilidade do trabalho, dessa forma, é possível pensar que Robson, assim como outros sujeitos pesquisados pela autora, atribui este sentido ao trabalho, ou seja, sente-se realizado, então, se este trabalho é proveitoso para si e para a sociedade.

Desta forma, é possível compreender que, embora nem sempre Robson tenha trabalhado em atividades que ele considerava úteis, ou ainda, que lhe proporcionavam realização e prazer, estas estavam atreladas a **objetivos futuros**, pois tinha o intuito de adquirir mais experiência ou estar próximo a pessoas que pudessem lhe auxiliar a crescer. O que pode ser contextualizado na seguinte fala: *“Pra mim trabalho, tem que ter prazer, tem que ser gostoso, tem que ser bom. Já*

trabalhei em lugar que eu não me senti bem? Já! Mas assim, tinha algum objetivo, eu pensava na frente, ou era um estepe pra uma próxima possibilidade [...]

Sob a perspectiva de realização pessoal, ainda, Robson afirma que o **relacionamento com pessoas** é um dos fatores no seu trabalho que mais lhe motiva e lhe dá prazer. Pode-se perceber, ao longo de sua história, que embora os pais de Robson idealizassem o funcionalismo público e, apesar do fato de ele mesmo ter buscado esta realidade, o entrevistado apresenta um perfil muito menos estável do que o cargo público pressupõe, ou seja,

[...] eu gosto muito disso assim, da relação com pessoas, de ganhar as pessoas pelo relacionamento, pela conversa, pela relação, pelo trabalho. Fazer com que as pessoas gostem do seu ambiente de trabalho, assim como eu gosto também. Isso é bacana. E a empresa aqui, essa empresa aqui especificamente, tudo que a gente pede, a gente consegue. É uma empresa menor, mas a gente conhece os diretores [...] (ROBSON)

Neste sentido, ainda a partir das idéias de Morin, Tonelli e Pliopas (2007) “o trabalho precisa ser fonte de experiências de relações humanas satisfatórias, ou seja, a construção de laços de afeição.” (p.48) e Robson, também, ressalta esta necessidade.

Contudo, a partir deste posicionamento de Robson, percebe-se que o contato com os colegas e as chefias, além da busca por alternativas e outras atitudes suas, tinham por objetivo satisfazer suas necessidades de trabalho que não eram contempladas no cargo público que ele ocupava. Sendo assim, é possível concluir que, embora o entrevistado não esperasse e nem mesmo seus pais, ele tem perfil muito alinhado com a lógica dos cargos comerciais. Tal característica do perfil de Robson pode ser contextualizada por uma fala sua: *“comercial é legal, não é nada daquilo que minha mãe falou”*, dando, neste momento, um novo sentido à atividade comercial.

Por fim, alinhada as demais características de Robson aqui analisadas, no que tange à trajetória profissional e ao sentido do trabalho, é possível perceber um atributo seu, qual seja: o **respeito às individualidades**, pois, a partir de suas experiências o entrevistado afirma que

A gente não tem que mudar as pessoas, a gente tem que aprender a conviver com os defeitos e o princípio das pessoas né? Ou entender o porquê das pessoas, assim como eu entendi meu pai aquela época, coisa e

tal. E a gente tem que ver o todo da pessoa, ver o que ela tem de bom pra empresa né? E, se possível, claro, pra gente também né? Eu vejo assim. (ROBSON)

Dessa forma, compreende-se uma construção do posicionamento de Robson frente às relações interpessoais inerentes ao trabalho. Assim como ele aprendera a respeitar essas individualidades, ele se fez respeitar também. Apesar de inúmeras dificuldades e momentos difíceis durante sua trajetória profissional, o entrevistado aproveita as dificuldades e contatos estabelecidos durante a sua história e, a partir disso, dá sentido ao seu trabalho e ao seu saber-fazer.

Assim, a partir do conhecimento dos diferentes aspectos que permearam a trajetória profissional de Robson e, então, permitiram que o entrevistado construísse seus sentidos sobre o trabalho, passa-se para a próxima etapa desta análise: centralidade do trabalho, mais um, dos seus possíveis sentidos.

4.3.2 Centralidade do Trabalho

Neste item da pesquisa serão discutidos aspectos relacionados à centralidade do trabalho atribuída por Robson. Para tanto, além da entrevista, utilizou-se a Escala de Valores. O gráfico 3 apresenta os valores atribuídos por Robson para cada temática, a partir das questões da escala por ele respondida.

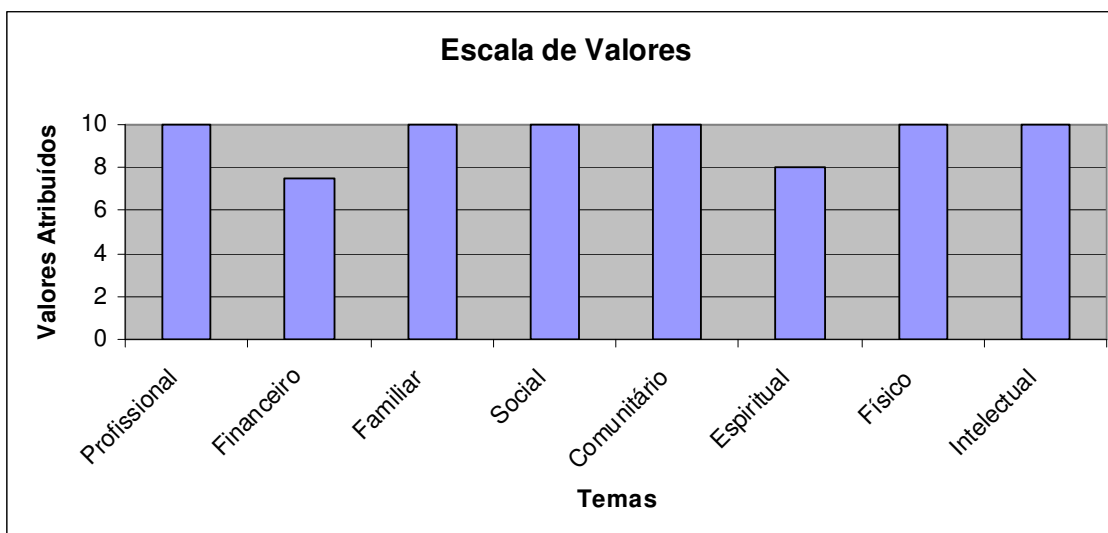


Gráfico 3: Escala de Valores de Robson.
Fonte: elaboração da autora, 2010.

É possível perceber, a partir do gráfico 3, que Robson atribuiu valor máximo, ou seja, 10, para os temas trabalho, família, social, comunitário, físico e intelectual, atribuindo valor 7,5 para a temática financeiro e valor 8 para a temática espiritual. Levando em consideração a escala de 0 à 10, o entrevistado atribuiu valores altos à todas as temáticas abordadas, destacando os menores valores para a questão financeira e espiritual, portanto.

A próxima etapa desta análise de dados acontecerá a partir das falas de Robson no que se refere à centralidade atribuída ao trabalho, para isso, foram estabelecidas seis categorias. Algumas delas se dividem em subcategorias. O quadro 7 apresenta as categorias estabelecidas a partir da análise dos dados da entrevista realizada com Robson, sobre a centralidade atribuída ao trabalho.

Categorias	Subcategorias	Fala do Participante
MUITAS HORAS DE TRABALHO		“Eu devo trabalhar, hoje ta? Já trabalhei mais, bem mais. Mas devo trabalhar em torno de 10 horas por dia, no mínimo. Porque eu nunca saio no horário, às seis horas. Chego aqui 8:30 mais ou menos [...]”
TEMPO COM A FAMÍLIA	Morar perto do trabalho	“[...] Minha casa é próxima... Melhorei a qualidade de vida pra caramba. Vou e como em casa, a não ser... Sexta-feira a gente almoça tudo junto, aí o pessoal sai pra almoçar junto, mas eu procuro almoçar em casa sempre, pra tá presente né? Tá mais presente com a família, tenho filho pequeno ainda, tenho filho de 14 anos, pequeno pra mim né? (risos).”
	Atenção ao casamento	“Sexta-feira eu saio um pouquinho mais cedo, ou seja, no horário normal, porque a gente combinou, eu e a minha esposa saímos só nós dois. É pra cinema, pra alguma coisa, toda a sexta-feira a gente sai, é nosso!”
REAVALIAÇÃO DE ANTIGOS HÁBITOS	Férias e Licenças	“Eu não tirei férias ainda, porque ainda não venceu. Mas nas outras empresas eu tinha problema com isso, eu tinha problema... Eu pegava 15 dias, 10 dias, voltava [...] uma vez tive uma lesão no joelho [...] Era pra ficar 15 dias de folga, eu fiquei 3 dias de folga e voltei e trabalhei direto, ou seja, eu não vou poder ficar.”
	Comprometimento demasiado	“E nas minhas festas, nos meus negócios eu ficava com meu celular... E lá [empresa anterior] era complicado, porque lá era sábado e domingo, os caras ligavam, tinham problema... Era muito enxuta a empresa... Tinha que ta sempre com os caras. Assim ó, lá eu ganhava um pouco mais, mas eu vivia menos. Entendeu? E o que que vale mais? Com certeza agora.”

DINAMISMO	Adaptação à nova demanda e realidade de trabalho	“Mas a vida é assim, [...] não é porque tu trabalha vinte e quatro horas que é assim, tu tem que parar, tu tem que ter tempo, tu tem que ter isso, ter aquilo [...] Então, eu tive muito problema com isso. Até eu me acostumar... Porque eu tava num ritmo... Absurdo, absurdo... Então demorou um pouquinho pra mim entender como é que funcionava essa empresa aqui e pra ver que eu podia ter tempo, que eu podia fazer isso aqui com mais calma. Por exemplo, eu não ia te atender se eu tivesse na outra empresa, porque eu sempre tinha muita coisa pra fazer e prazo pra fazer. Mas é legal assim, esse meio termo assim, to começando a ter outro nível assim né?”
OUTRAS ATIVIDADES		“Mas muito de ver televisão, gosto de cinema, gosto de esporte, gosto de cultura, gosto de ir pra casa dos meus amigos e pra casa dos meus pais, visitar eles, é legal. Final de semana na casa dos meus pais é certo assim, irmãos, família grande, bacana assim.”
IMPOSSIBILIDADE DE VIVER SEM TRABALHAR		“[...] tu diz pra ganhar dinheiro né? Eu acho que eu trabalharia de uma forma diferente pra fazer outras coisas legais assim. “Eu gostaria muito assim, eu tenho a visão que, o dia que eu puder fazer alguma coisa boa, trabalhar em alguma organização sem fins lucrativos, por ex., é legal.”

Quadro 7: Centralidade atribuída ao trabalho por Robson.
Fonte: Elaboração da autora, 2010.

Com relação à centralidade do trabalho atribuída por Robson, percebe-se que esta pode ser compreendida devido às **muitas horas de trabalho** que o entrevistado afirma exercer, o que pode ser visto pela fala: *“Eu devo trabalhar, hoje ta? Já trabalhei mais, bem mais. Mas devo trabalhar em torno de 10 horas por dia, no mínimo. Porque eu nunca saio no horário, às seis horas. Chego aqui 8:30 mais ou menos [...]”*.

Sendo assim, entre as características pelas quais a centralidade do trabalho é abordada, para Robson, a centralidade está atrelada ao fato de que o trabalho é organizador das demais facetas da vida. Ou seja, em função do trabalho é que se organiza o tempo com a família, o tempo de lazer, o tempo para descanso, entre outros. Neste sentido é que o trabalho é central para o entrevistado, pois, conforme Lessa (2002) sua concepção está atrelada à “Centralidade do Trabalho e Vida Cotidiana”, pois, em função do trabalho é que Robson vislumbra seu tempo livre e, então, organiza seu dia-a-dia.

Entretanto, esta situação já foi mais intensa para Robson, pois, o mesmo relata que em algumas empresas anteriores a atual, ele não tinha limites entre o

espaço familiar e o espaço do trabalho. Desta forma, Robson se via em finais de semana e eventos sociais particulares, envolvido com seu trabalho, o que pode ser contextualizado por meio de seu **comprometimento demasiado**, pois:

E nas minhas festas, nos meus negócios eu ficava com meu celular... E lá (empresa anterior) era complicado, porque lá era sábado e domingo, os caras ligavam, tinham problema... Era muito enxuta a empresa... Tinha que ta sempre com os caras. Assim ó, lá eu ganhava um pouco mais, mas eu vivia menos. Entendeu? E o que que vale mais? Com certeza agora. (ROBSON)

Sob este aspecto, pode-se pensar que Robson viveu alienado durante esta fase de sua vida laboral, pois, a partir dessa doação integral aos seus trabalhos anteriores ele submeteu-se à uma exploração que ia além do trabalho para uma única pessoa, ou seja, o entrevistado executava o trabalho que poderia ser feito por duas ou mais pessoas devido à quantidade de atividades. As conclusões sobre a alienação de Robson baseiam-se nas idéias de Codo (1985), nas quais o autor argumenta que o trabalho, no capitalismo, é passível de alienação, pois ao produzir para o capitalista o trabalhador vende a sua força de trabalho e não se apropria do processo como um todo. No caso de Robson, ele identificava-se com o projeto das empresas, mas este projeto não era seu e, por isso, afirma-se a alienação neste caso.

Sendo assim, é possível perceber, inclusive, esta característica em sua fala, uma vez que afirma que “a empresa era enxuta”. Ora, a empresa enxuta – da lógica toyotista - necessita de poucos funcionários que trabalhem muito e, de preferência, alienados, ou seja, que não questionem e executem para produzir mais. E era exatamente o que acontecia com Robson. Além disso, Robson sugere, também, o fenômeno *workaholic* em determinada época de sua carreira. Este fenômeno, na atualidade, aparece como algo positivo para as organizações, uma vez que “os *workaholics* são os “viciados respeitáveis” de nosso século e, portanto, não causa mais estranheza aos nossos olhos alguém que trabalhe 10, 12, 14 horas por dia.” (KILLINGER 1991 apud SERVA; FERREIRA, 2006, p.181). Embora Robson estivesse diante de tal alienação, uma oportunidade de trabalho o fez compreender que para ser um bom profissional, não necessariamente ele precisaria abrir mão de suas demais atividades da vida. A empresa que o entrevistado trabalha atualmente é composta por diretores de outros países, o que pode explicar a cultura da empresa

estar atrelada à maior flexibilidade, especialmente na forma de trabalhar que estes determinam para si e para seus subordinados, pois, conforme Gasparini (1996) a realidade dos países europeus tende à reduzir as jornadas de trabalho, especialmente em função da redução da população ativa, uma vez que há a questão do aumento da idade mínima em alguns países.

Assim, diante da realidade *workaholic*, o entrevistado passou a fazer uma **reavaliação de antigos hábitos**, o que resultou, portanto, em mais qualidade de vida, conforme seu relato, e, conseqüentemente, mais **tempo com a família**.

[...] Minha casa é próxima... Melhorei a qualidade de vida pra caramba. Vou e como em casa, a não ser... Sexta-feira a gente almoça tudo junto, aí o pessoal sai pra almoçar junto, mas eu procuro almoçar em casa sempre, pra ta presente né? Ta mais presente com a família, tenho filho pequeno ainda, tenho filho de 14 anos, pequeno pra mim né? [risos]. (ROBSON)

Esta avaliação de antigos hábitos evidencia o perfil de Robson, uma vez que, desde muito jovem, ele parece defrontar-se com as circunstâncias, contextualizá-las, tentar compreendê-las, posicionar-se e, finalmente, aceitar ou não tais situações. Novamente os aspectos de “aceitação, oposição, confronto, indiferença” descritos por Zanella (2004, p.133) aparecem nas atitudes de Robson.

Além de ter ido **morar perto do trabalho**, o que lhe proporcionou maior convivência com seus filhos e esposa, Robson conta que todas as sextas-feiras, ele e a esposa têm um combinado: a noite é deles e, em função disso, conseguiu dar mais **atenção ao casamento**. O que pode ser compreendido por: *“Sexta-feira eu saio um pouquinho mais cedo, ou seja, no horário normal, porque a gente combinou, eu e a minha esposa saímos só nós dois. É pra cinema, pra alguma coisa, toda a sexta-feira a gente sai, é nosso!”*

Estes aspectos relacionados à necessidade que Robson demonstrou em ter mais tempo livre corroboram com o que Gasparini (1996) argumenta sobre a lógica da tendência de as jornadas de trabalho ser diminuídas em longo prazo e, isso, de forma socialmente aceita, pois,

[...] o tempo livre, em suas diversas formas, adquiriu caráter de momento social não apenas marginal, como era, evidentemente, no início da industrialização, mas, ao contrário, tornou-se importante e potencialmente rico de significado para os trabalhadores e os atores do mundo do trabalho em geral. (p.121)

Neste sentido, se faz possível refletir acerca do significado do trabalho para a sociedade e, conseqüentemente para as pessoas que à ela pertencem. Ou seja, as percepções compartilhadas pela sociedade influenciam diretamente no jeito de ser e pensar de quem trabalha, pois, com o reconhecimento social que o trabalho pode proporcionar, as pessoas sentem-se mais confortáveis se inseridas neste contexto. Como bem aponta Gasparini (1996), no início da industrialização o tempo livre era mal visto, o que não quer dizer que algumas pessoas assim o considerem até hoje. Entretanto, em função dos adoecimentos, níveis altos de estresse e acidentes de trabalho, reflexões acerca da temática “tempo de trabalho e tempo de não trabalho” intensificaram-se. Sendo assim, alguns autores, tal como De Masi (2001), o qual defende que o ócio e o tempo livre podem ser tão produtivos quanto o trabalho.

Dessa forma, a partir da ressignificação do sentido que Robson atribuiu ao trabalho e à sua centralidade discutida acima, foi possível perceber que estas mudanças de concepção, no que diz respeito ao excesso na atividade laboral, lhe trouxeram ganhos, uma vez que, em outros momentos, Robson não conseguia distanciar-se do trabalho, nem mesmo por **férias e licenças**, conforme sua afirmação:

Eu não tirei férias ainda, porque ainda não venceu. Mas nas outras empresas eu tinha problema com isso, eu tinha problema... Eu pegava quinze dias, dez dias, voltava [...] uma vez tive uma lesão no joelho [...] era pra ficar quinze dias de folga, eu fiquei três dias de folga e voltei e trabalhei direto, ou seja, eu não vou poder ficar [parado]. (ROBSON)

Serva e Ferreira (2006) identificam em sua pesquisa a dificuldade em se tirar férias, pois, conforme suas conclusões, os executivos indicam que o volume de trabalho que encontrarão na sua volta será muito maior e, conseqüentemente, mais difícil de resolver. Em média, os participantes da pesquisa de Serva e Ferreira (2006) gozam, no máximo, três férias, de no máximo vinte dias, a cada cinco anos. Além disso, há uma crença (ou fantasia, talvez) de que afastar-se do trabalho pode oportunizar ao substituto direto de quem tira férias, que se mostre tão competente que, ao voltar, o cargo deste executivo poderia ser colocado em questão. Este perfil é muito similar ao que Robson apresentou no passado, pois, com a carga de trabalho muito elevada, ele não se via distante das empresas. Entretanto, com a forma de trabalho apresentada pela atual empresa, Robson tem repensado sobre

esta atitude, apesar de suas primeiras férias ainda não terem vencido no momento da entrevista.

Já com relação às licenças, é possível perceber, por meio da última fala, que Robson as denomina como folgas e, sendo assim, talvez o entrevistado não se permitia afastar-se do trabalho por estar em licença, pois não era com esse significado que o afastamento lhe soava, e sim como uma folga. Poder-se-ia pensar que o entrevistado sentia-se culpado em se ausentar? Isso remete às reflexões de Gasparini (1996) sob as quais se pode concluir que, o trabalhador que trabalha “pouco” ou que tem de se afastar de seu trabalho, é julgado moralmente como descomprometido e, portanto, colocado como marginal.

Entretanto, em função da mudança para a empresa em que trabalha atualmente, Robson depara-se novamente com outra realidade e, em função de sua experiência e amadurecimento frente ao contexto do mundo do trabalho, o entrevistado demonstra-se uma pessoa com certo **dinamismo**, uma vez que conseguiu uma **adaptação à nova demanda e realidade de trabalho**, pois

[...] a vida é assim, [...] não é porque tu trabalha vinte e quatro horas que é assim, tu tem que parar, tu tem que ter tempo, tu tem que ter isso, ter aquilo [...] Então, eu tive muito problema com isso. Até eu me acostumar... Porque eu tava num ritmo... Absurdo, absurdo... Então demorou um pouquinho pra mim entender como é que funcionava essa empresa aqui e pra ver que eu podia ter tempo, que eu podia fazer isso aqui com mais calma. Por exemplo, eu não ia te atender se eu tivesse na outra empresa, porque eu sempre tinha muita coisa pra fazer e prazo pra fazer. Mas é legal assim, esse meio termo assim, to começando a ter outro nível assim né? (ROBSON)

É possível perceber o movimento feito por Robson a partir da apropriação desta nova realidade. Em função da possibilidade de não mais trabalhar tantas horas por dia, de conseguir diminuir o ritmo do trabalho, alcançando, portanto, mais equilíbrio entre trabalho e vida pessoal, o entrevistado consegue perceber que pode fazer **outras atividades**, *“mesmo que seja para não fazer nada”*, conforme ele evidenciou, diversas vezes durante a entrevista, percebendo, portanto a vantagem disso em sua vida. *“Mas muito de ver televisão, gosto de cinema, gosto de esporte, gosto de cultura, gosto de ir pra casa dos meus amigos e pra casa dos meus pais, visitar eles, é legal. Final de semana na casa dos meus pais é certo assim, irmãos, família grande, bacana assim.”*

Gasparini (1996) corrobora a realidade à que Robson expôs aqui, pois, a partir das transformações culturais e estruturais do mercado de trabalho, a flexibilidade tem sido aspecto importante. A ideia sobre as mudanças no que se refere ao tempo de trabalho está relacionada à informatização e grande aumento nas tecnologias, o que proporciona (se for usada para tal) uma facilitação do trabalho propriamente dito. Sendo assim, “[...] em relação ao tempo flexível do trabalho: a soma positiva que dele resulta significa maior eficácia da empresa, satisfação dos trabalhadores e níveis de empregos mais elevados” (DAHRENDORF 1987 apud GASPARINI, 1996, p. 125)

Gasparini (1996) discute, ao longo de seu texto, sobre a questão do tempo de trabalho, que, segundo o autor, tendo a diminuir, haja vista que as empresas, especialmente as européias, tenderão a compreender que se, o tempo de trabalho for diminuído e, conseqüentemente, o tempo livre aumentado, muitos ganhos acontecerão, tanto para os empresários, quanto para os trabalhadores. Levando em consideração que os escritos do autor aqui citado são de 1996 e que isso está há uma distância de quatorze anos da atualidade, é possível pensar que Robson começa a viver essa realidade na empresa que trabalha atualmente. É interessante perceber que Robson compara a sua realidade anterior à atual e, em função desse tempo livre, qualifica a atualidade como positiva, além de preferível.

Por fim, ao ser questionado sobre a possibilidade de viver sem trabalho, Robson destaca a **impossibilidade de viver sem trabalhar**, uma vez que demonstra, inclusive, seu interesse pelo trabalho humano, tanto concreto quanto abstrato. Robson conta que na graduação fez uma pesquisa para o trabalho de conclusão do curso, onde ele buscava os motivos pelos quais as pessoas fazem outras atividades laborais, mas estas não são o trabalho que lhes sustenta financeiramente, não são seus trabalhos abstratos. Ou seja, Robson buscou entender o trabalho de pessoas que participam de organizações sem fins lucrativos, que trabalham em escolas de samba, por exemplo, ou ainda, que fazem associação de clubes, organizações culturais etc. (trabalho concreto). O entrevistado afirma admirar muito este tipo de mobilização e, ao estudar, conheceu e compreendeu ainda mais estas atividades. Neste sentido, Robson nunca se imaginou sem trabalhar, haja vista que ele concebe o trabalho como execução de atividades em busca de um objetivo que, não necessariamente, suprimento das necessidades financeiras, o que pode ser visto a partir de sua fala:

[...] tu diz pra ganhar dinheiro né? Eu acho que eu trabalharia de uma forma diferente pra fazer outras coisas legais assim. Eu gostaria muito assim, eu tenho a visão que, o dia que eu puder fazer alguma coisa boa, trabalhar em alguma organização sem fins lucrativos, por exemplo, é legal. (ROBSON)

A lógica de necessariamente ter um trabalho para que se possa viver está corroborada pelas idéias de Marx (1985), uma vez que somente os seres humanos são capazes de pressupor alguma atividade antes mesmo de sua execução e, desta forma, dar sentido a esta atividade. Ou seja, se os seres humanos planejam uma ação e esta não está vinculada meramente ao suprimento de alguma necessidade básica, estes planejam um trabalho concreto. Isso diferencia os homens dos animais, pois, caso o fizesse instintivamente, não atribuiria sentido a ele e, no exemplo de Robson, a busca por realização no trabalho não aconteceria também.

Sendo assim, os elementos apresentados neste capítulo são aspectos que permeiam a existência de Robson e sua relação com o trabalho. Da mesma forma como no item “trajetória profissional”, é possível perceber uma construção e significação da centralidade do trabalho ao longo da história de Robson. Dessa forma, podemos concluir que a centralidade encontrada por meio desta análise está relacionada à atualidade e, portanto, esta se construirá constantemente, visto a dinamicidade humana presente na relação do homem com seu trabalho e com todas as facetas de sua vida.

4.4 CATARINA – A AÇORIANA DE BEM COM A VIDA

Catarina é descendente de açorianos, tem cinquenta anos, é casada, tem dois filhos, tem Ensino Fundamental completo e é católica não praticante. A entrevistada não tem conhecimento de qual geração da família migrou das Ilhas dos Açores, em Portugal, para o Brasil.

Durante a infância, a entrevistada morava em Jurerê juntamente com os pais e avós maternos. Seu pai trabalhava em Biguaçu e passava a semana toda longe de casa, uma vez que o deslocamento era muito difícil do norte da ilha para o continente. O pai de Catarina trabalhava com manutenção de máquinas navais e motores de lanchas. A mãe de Catarina era dona de casa. Eles moravam em um

sítio, onde os avós da entrevistada plantavam café, melancia etc., além de terem algumas vacas e outros animais. Catarina e seus irmãos brincavam no sítio ao redor das plantações e dos animais.

Além disso, o avô da entrevistada pescava e, por vezes, as crianças da família acompanhavam as pescarias, especialmente na época da tainha.

A avó de Catarina costurava e ela, ao acompanhar a avó costurando, aprendeu a fazê-lo. Atualmente a entrevistada é costureira. Ela trabalha em uma confecção que abriu quando ela tinha dezenove anos, momento em que começou a trabalhar, e Catarina está lá até hoje. Durante alguns momentos de sua vida, ela não esteve trabalhando, mas sempre que voltou a trabalhar, foi nesta empresa.

Atualmente os pais de Catarina moram em Jurerê juntamente com sua avó, que tem cento e quatro anos. Seu avô já faleceu. A convivência familiar é intensa, pois, quase todos os finais de semana, os irmãos, com suas respectivas famílias, se reúnem na praia, na casa dos pais da entrevistada.

4.4.1 Trajetória Profissional

A partir das falas de Catarina, no que se refere à trajetória profissional, foram estabelecidas cinco categorias de análise. O quadro 8 apresenta as categorias estabelecidas, em função da análise dos dados, criadas a partir da entrevista realizada com Catarina. Algumas delas se dividem em subcategorias, sendo todas elas demonstradas por falas literais da entrevistada.

Categorias	Subcategorias	Fala da Participante
	Ausente	"Não, mas assim ó, nós somos em cinco filhos né? E nós nunca fomos crianças de trabalhar. Nós tivemos bastante infância, talvez até por isso que agora eu trabalho o que eu não trabalhei na infância. Minha mãe nunca deixou... nunca precisou que a gente trabalhasse né?"

TRABALHO NA INFÂNCIA	Primeiro contato	“Então eu e meu irmão, a gente era os mais velhos né? Os maiores né? Então meu vô botava meio pote de água, botava um cambão na alça e eu e ele trazíamos, e... Mas aquilo... Tudo aquilo ali era uma diversão pra gente, a gente espalhava, deixava o pote cair, quebrava (risos, muitos risos), apanhava porque fez aquilo (continua rindo) e era tudo assim e era gostoso... E era bem gostoso...”
	Trabalho como brincadeira	“Era praia e castelo... Brincava na praia. O meu vô era pescador, puxavam rede, a época de tainha a gente ia ajudar, trazia peixe. E roça também, que eles tinha sítio, e apanhavam café, plantava cebola e... Era serviço de gente, mas a gente brincava dentro do serviço deles, entendeu?”
PROFISSÃO COMO HERANÇA	Aprendizagem no contexto familiar	“Eu ficava olhando e naquela infância a gente tinha muito, elas faziam muito bonequinha de pano, ensinavam a gente a cortar e ali eu fui aprendendo a cortar, a costurar e... Naquele tempo né? Tudo era brincadeira, assim cozinhar... Ela fazia comida, aqueles fogão de lenha, louça de barro e a gente ficava sempre em cima: “ah vô deixa ver, deixa eu ver como é que tu faz o feijão”. E ali a gente vai aprendendo né? E aí eu... Sou uma dona boa de casa [risos com entusiasmo]. Sou uma boa costureira também, costuro muito.”
	Legado	“E, tipo assim, o trabalho que eu faço hoje eu costuro, eu trabalho numa confecção né? Sei costurar e nunca fiz curso porque talvez eu já herdei da minha avó, da minha bisa, que eram tudo costureira né? E herdei isso que eu sei, isso que eu sei fazer”
ESCOLHA PROFISSIONAL CIRCUNSTANCIAL		“Mas tipo assim, se eu tivesse condições né? Financeiras, que não precisasse eu trabalhar eu seria uma voluntária. De hospital, que eu tenho paixão. Eu tenho loucura... Toda a vida... Faria tudo que fosse preciso. Lavava, cuidava, limpava, entende? Toda a vida eu sonhei... Quando eu era pequena toda a vida eu falava que queria ser enfermeira, e... A gente vai casando... Casa... Cresce e casa e já muda todos os teus planos né?”
CARREIRA UNIDIMENSIONAL		“[...] Eu abri uma confecção com uma amiga minha. Aliás, ela abriu com a cunhada dela né? E não, e só que nenhuma das duas sabia costurar. Ela fazia curso ainda né? De estilista, hoje ela corta, ela dá aula na Universidade. E como eu sabia costurar e eu era prima da sócia dela, aí elas me chamaram e aí eu to até hoje... Já saí, já voltei, mas ainda to lá com elas.”
	Responsabilidade	“Pra mim é importantíssimo trabalhar! Porque uma pessoa que não trabalha ela não tem responsabilidade, ela não tem responsabilidade... Como é que eu vou te dizer? Quem não trabalha não tem como ser nada na vida!”

REALIZAÇÃO PESSOAL	Independência	“Então tu trabalha, tu sabe que é pra adquirir alguma coisa, tu ter o teu dinheiro pra tu comprar, pra tu ter alguma coisa, não depender de ninguém, entende? Então pra mim trabalhar é fundamental.”
---------------------------	----------------------	---

Quadro 8: Sentidos do trabalho para Catarina.

Fonte: Elaboração da autora, 2010.

Para Catarina o **trabalho na infância** se apresentou **ausente**, uma vez que em nenhum momento, embora ela convivesse diariamente com o trabalho da mãe e dos avós, o mesmo apareceu como uma atividade praticada, o que pode ser contextualizado pela fala:

Não mas assim ó, nós somos em cinco filhos né? E nós nunca fomos crianças de trabalhar. Nós tivemos bastante infância, talvez até por isso que agora eu trabalho o que eu não trabalhei na infância. Minha mãe nunca deixou... Nunca precisou que a gente trabalhasse né?

Desta forma, mesmo que as crianças participassem em pequenas atividades, para Catarina este **primeiro contato** não significava para ela um trabalho propriamente dito, já que ela encarava o **trabalho como brincadeira**.

Então eu e meu irmão, a gente era os mais velhos né? Os maiores né? Então meu vô botava meio pote de água, botava um cambão na alça e eu e ele trazíamos, e... Mas aquilo... Tudo aquilo ali era uma diversão pra gente, a gente espalhava, deixava o pote cair, quebrava [muitos risos], apanhava porque fez aquilo [continua rindo] e era tudo assim e era gostoso... E era bem gostoso. (CATARINA)

É possível perceber que, mesmo diante de uma realidade diferente das crianças da atualidade, o brincar de imitar os adultos perpassa gerações, pois, ao ter contato com o trabalho, a criança imagina-se no futuro por meio do “desejo de ser grande” e a materialização deste desejo, pode acontecer, por meio da brincadeira. Catarina, ao falar do trabalho dos adultos, demonstra isso, o que pode ser visto na fala:

Era praia e castelo... Brincava na praia. O meu vô era pescador, puxavam rede, a época de tainha a gente ia ajudar, trazia peixe. E roça também, que eles tinha sítio, e apanhavam café, plantava cebola e... Era serviço de gente, mas a gente brincava dentro do serviço deles, entendeu?

Isso corrobora o que Pasqualini, Garbulho e Schut (2004) afirmam, a partir das idéias de Smirnov (1960), em que argumentam que o ato de brincar proporciona à criança uma assimilação do conteúdo do trabalho dos adultos e, sendo assim, esta também assimila as funções sociais do trabalho bem como as relações sociais da vida real. Ou seja, Catarina quando brincava, com as atividades dos adultos, apropriava-se da forma que este trabalho era realizado, aprendendo, portanto, sua profissão atual. E também, naquele momento, a entrevistada começa a compreender o processo de trabalho, mesmo que minimamente.

Além disso, a presença da avó foi bastante enfatizada por Catarina, dessa forma, é possível compreender que esta fora a principal mediadora no processo de apropriação da realidade por Catarina, pois, conforme Pasqualini, Garbulho e Schut é

Nesse complexo processo de decodificação da realidade pela criança está implicada a atuação do adulto. É por meio da mediação do adulto – que já se apropriou da cultura – que a criança assimila um amplo círculo de conhecimentos adquiridos pelas gerações precedentes, apropria-se de habilidades e formas de conduta elaboradas socialmente. (2004, p.4)

E a partir da infância, Catarina tem o contato tanto com os trabalhos relacionados com a terra, quanto com o mar, mas, além destes, a entrevistada conta que aprendera as atividades domésticas, tais como cozinhar no fogão à lenha, a limpar peixes, a cuidar da casa, o que lhe fez uma ótima dona de casa, conforme suas palavras. Além disso, a entrevistada conta que sempre acompanhou a avó nas costuras e afirma que foi ela quem a ensinou o trabalho que ela adotou para sua vida. Inclusive, Catarina encara sua **profissão como herança**, pois, a **aprendizagem no contexto familiar** lhe faz compreender que ser costureira é algo deixado por sua avó, assim como as atividades domésticas que foram ensinadas tanto pela mãe, quanto pela avó.

Eu ficava olhando e naquela infância a gente tinha muito... Elas faziam muito bonequinha de pano, ensinavam a gente a cortar e ali eu fui aprendendo a cortar, a costurar e... Naquele tempo né? Tudo era brincadeira, assim cozinhar... Ela fazia comida, aqueles fogão de lenha, louça de barro e a gente ficava sempre em cima: “ah vó deixa eu ver, deixa eu ver como é que tu faz o feijão”. E ali a gente vai aprendendo né? E aí eu... Sou uma dona boa de casa [risos com entusiasmo]. Sou uma boa costureira também, costuro muito. (CATARINA)

Dessa forma, Catarina significa o seu saber-fazer como um **legado**, uma vez que ao herdar da avó, conforme sua crença, as habilidades de ser costureira, a entrevistada percebe que sua atividade laboral é algo que ela adquiriu, por meio da experiência, e do fato de sua avó ter deixado a própria profissão para a neta, como se fosse uma doação desse saber-fazer, o que pode ser contextualizado pela fala:

E, tipo assim, o trabalho que eu faço hoje eu costuro, eu trabalho numa confecção né? Sei costurar e nunca fiz curso porque talvez eu já herdei da minha avó, da minha bisa, que eram tudo costureira né? E herdei isso que eu sei, é isso que eu sei fazer.

Esta crença de Catarina a respeito de sua profissão está relacionada ao que Bohoslavsky (1998) argumenta sobre a escolha profissional, ou seja, embora a entrevistada não identifique o fato de ser costureira com uma escolha, esta foi feita a partir das

relações com os outros com os quais se estabelecem *relações primárias* (membros da família, do mesmo ou do outro sexo como, por exemplo, o casal) e aqueles outros com os quais se mantém uma relação de natureza *secundária* (fundamentalmente professores, psicólogos [...]). O futuro implica *desempenhos adultos* e se trata, novamente, de um futuro personificado. (p. 28)

Ou seja, em função do que a avó representava, (seja esta representação uma fantasia ou a realidade) para Catarina, esta mobilizou imagens que foram construídas durante sua vida a partir dessas relações primárias e secundárias, as quais estavam inseridas em um momento histórico, com determinadas características culturais. Assim, pode-se pensar que Catarina não se tornou apenas costureira, mas se tornou costureira como a avó, que possuía determinadas características, as quais, provavelmente, ela admirava.

Entretanto, apesar de Catarina ser costureira há trinta e um anos, ela teve o sonho de ser enfermeira, mas isso não foi possível devido à sua **escolha profissional circunstancial**, uma vez que afirma que, por ter se casado com dezesseis anos e logo ter tido o primeiro filho, isso não foi possível. *"Quando eu era pequena, toda a vida eu falava que queria ser enfermeira, e... A gente vai casando... Casa... Cresce e casa e já muda todos os teus planos né?"* (CATARINA). Inclusive, a

entrevistada demonstra esse desejo, ainda hoje, pois gostaria de fazer alguma atividade relacionada à enfermagem.

Mas tipo assim, se eu tivesse condições né? Financeiras, que não precisasse eu trabalhar eu seria uma voluntária. De hospital, que eu tenho paixão. Eu tenho loucura... Toda a vida... Faria tudo que fosse preciso. Lavava, cuidava, limpava, entende? Toda a vida eu sonhei... (CATARINA)

Provavelmente, esta concepção sobre ser enfermeira também está relacionada às questões refletidas acima, a partir das idéias de Bohoslavsky (1998), ou seja, possivelmente Catarina gostaria de ser enfermeira como determinada pessoa que ela não mencionou na entrevista. Embora aqui no texto, discuta-se sobre a escolha da entrevistada como circunstancial, pode-se pensar que a mesma tinha relações com outras pessoas as quais ela se identificava fortemente e alguma destas poderia ser a enfermeira com a qual a entrevistada se identificara. Sendo assim, como ela mesma afirma não ter podido estudar, acabou direcionando sua carreira para a opção de ser costureira, em função das circunstâncias, do momento que estava passando em sua vida e da representação que sua avó tinha em sua vida naquele momento.

Quando se reflete sobre a carreira de Catarina, é importante levar em consideração sua **carreira unidimensional**, pois, há trinta e um anos ela trabalha no mesmo cargo e na mesma empresa.

[...] Eu abri uma confecção com uma amiga minha. Aliás, ela abriu com a cunhada dela né? E não, e só que nenhuma das duas sabia costurar. Ela fazia curso ainda né? De estilista, hoje ela corta, ela dá aula na Universidade. E, como eu sabia costurar e eu era prima da sócia dela, aí elas me chamaram e aí eu to até hoje... Já saí, já voltei, mas ainda to lá com elas. (CATARINA)

Apesar de a entrevistada apresentar satisfação com sua profissão, é possível pensar que, esta vontade de exercer outras atividades, como estar em contato com algum setor da área da enfermagem, possa estar atrelada ao fato de sua atividade atual ser a sua única experiência laboral em sua vida. Esta constatação pode ser relacionada, também, à escolaridade de Catarina, haja vista que ela completando apenas o ensino Fundamental, não vislumbrou outras possibilidades de trabalho, não ampliou seu leque de escolhas.

Sendo assim, apesar de outras possibilidades, Catarina atribui um sentido de **realização pessoal** ao seu trabalho, uma vez que relaciona a **responsabilidade** que o ato de trabalhar pressupõe a utilidade do trabalho na vida das pessoas. Percebe-se (a partir do posicionamento de Catarina durante toda a entrevista) que responsabilidade, neste caso, está relacionada às atribuições de uma pessoa na sociedade, como se todas as pessoas tivessem a responsabilidade de produzir para contribuir com a sociedade. Sua fala ilustra a relação: *“Pra mim é importantíssimo trabalhar! Porque uma pessoa que não trabalha ela não tem responsabilidade, ela não tem responsabilidade... Como é que eu vou te dizer? Quem não trabalha não tem como ser nada na vida!”*

Neste sentido,

[...] o trabalho deve permitir uma união entre o exercício de atividades e suas conseqüências sociais. Isto contribui à construção da identidade social e protege a dignidade pessoal. Em âmbito de trabalho reconhece o prazer de contribuir para a sociedade. (MORIN, 2001, p.10)

Os resultados das pesquisas trazidas por Morin (2001) corroboram com o sentido atribuído ao trabalho por Catarina, pois, uma vez que o trabalhador possui responsabilidades, ele realiza-se por meio de sua execução.

Além disso, o fato das pessoas trabalharem, para Catarina, está atrelado a uma **independência**, em princípio financeira, mas, de uma forma geral, independência de ambições, ou seja, a pessoa que trabalha, conforme Catarina, é também alguém que pode desejar algo diferente do que os outros desejam, o que pode ser percebido em sua fala: *“Então tu trabalha, tu sabe que é pra adquirir alguma coisa, tu ter o teu dinheiro pra tu comprar, pra tu ter alguma coisa, não depender de ninguém, entende? Então pra mim trabalhar é fundamental.”*

Ainda em Morin (2001), por meio de sua pesquisa sobre os sentidos do trabalho em Quebec, no Canadá, é possível perceber semelhanças nesta necessidade de independência que aparece como necessária para o trabalho realizador, de acordo com Catarina. Um trabalho que tem sentido é um trabalho que garante segurança e autonomia, pois, “Na verdade, geralmente, associamos o salário a elementos de prestígio, enquanto está claro aqui que o salário é associado principalmente aos elementos de segurança e de independência.” (MORIN, 2001, p. 17). Neste sentido é possível compreender a relação realizada a partir da ideia de

independência que Catarina colocou, pois, quando se trabalha, recebe-se um valor por isso e este valor é que garante tal independência e também autonomia.

Assim, os sentidos do trabalho devem ser compreendidos como uma construção que perpassa toda a vida das pessoas. Este sentido é dinâmico, especialmente no que diz respeito às mudanças devido às experiências e vivências. Dessa forma, pode-se perceber que o trabalho, hoje, tem um sentido para Catarina e daqui há alguns anos, este pode ser ressignificado conforme suas experiências.

4.4.2 Centralidade do Trabalho

Neste item da pesquisa serão discutidos aspectos relacionados à centralidade do trabalho atribuída por Catarina. Para tanto, além da entrevista, utilizou-se a Escala de Valores. O gráfico 4 apresenta os valores atribuídos por Catarina para cada temática, a partir das questões da escala por ela respondida.

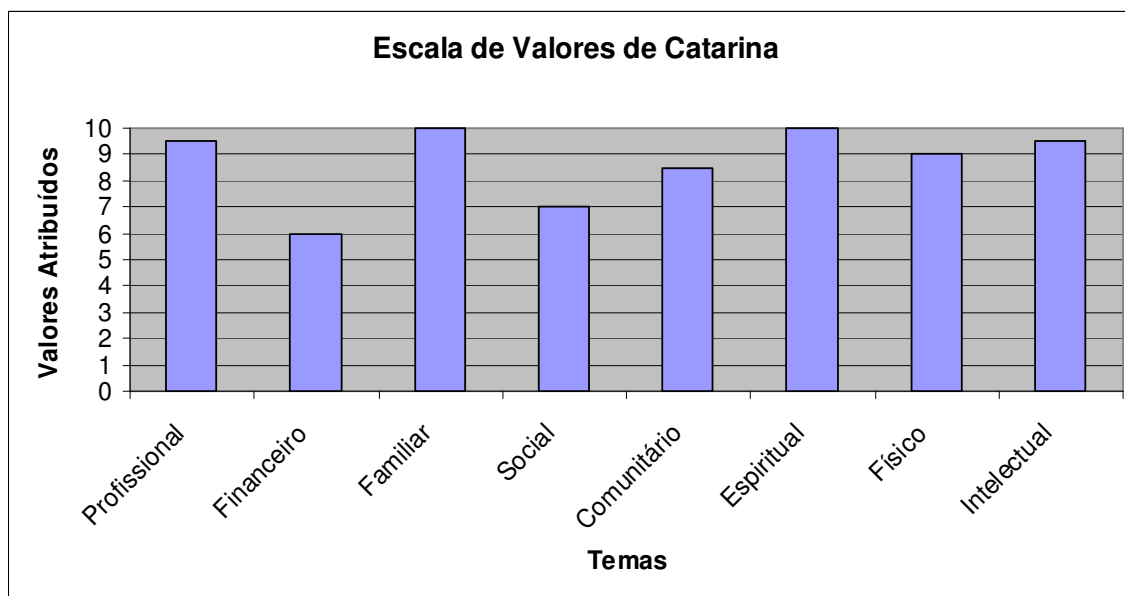


Gráfico 4: Escala de Valores de Catarina.
Fonte: elaboração da autora, 2010.

É possível perceber, a partir do gráfico 4, que Catarina atribui valor máximo, ou seja, 10, para as temáticas família e espiritual. Dentre os entrevistados, Catarina é a única participante que não atribui o maior valor ao trabalho, neste caso,

9,5, que também pode ser entendido como faceta muito importante, uma vez que se aproxima do ápice da escala. Além disso, Catarina também é a única entrevistada que confere valor 6 para o item financeiro e, valor 7 para o item social, valores mais baixos quando comparados aos demais participantes. As demais temáticas são valoradas em: 8,5; 9 e 9,5; para as temáticas comunitário, físico e intelectual, respectivamente, valores altos quando contextualizados a partir da escala de 0 à 10.

A próxima etapa desta análise de dados acontecerá a partir das falas de Catarina no que se refere à centralidade atribuída ao trabalho, para isso, foram estabelecidas duas categorias, sendo elas demonstradas por falas literais da entrevistada. O quadro 9 apresenta as categorias estabelecidas a partir da análise dos dados da entrevista realizada com Catarina sobre a centralidade atribuída ao trabalho.

Categorias	Fala da Participante
LAZER TRABALHANDO	“Eu sempre invento... Faço um tricô, faço um crochê, faço almofada, decoro, invento, sempre. Eu... Nunca fico parada, sempre invento alguma coisa, faxina e... Em casa que eu digo, nada pra fora não... Mas não fico parada! Sempre fico inventando alguma coisa pra não ficar parada. Não consigo! Então o meu lazer é... Trabalhar.”
IMPOSSIBILIDADE DE VIVER SEM TRABALHAR	Olha, se eu não precisasse trabalhar... Só por muito dinheiro... Lógico, se eu tivesse ganho muito dinheiro, muito dinheiro... Mas... Eu não trabalharia fora, mas eu acho que eu não conseguiria ficar parada, como se diz: “à toa”, entende? Não conseguiria... Porque eu gosto de fazer as coisas, eu gosto de trabalhar, eu gosto e... Não gosto, eu acho que é uma perda de tempo dormir. [risos]. Mas eu fazia uma academia, fazia uns esportes legal. Fazia... É... Tipo assim, vamos dizer até que fizesse uns curso, voltasse a estudar, entende? Mas não... Parada de bobeira, não ficaria não. É bom tu viver com gente bacana, tu fazer um trabalho numa comunidade, com gentes bacanas, entende? Eu gosto de fazer esse tipo de coisa.

Quadro 9: Centralidade atribuída ao trabalho por Catarina.

Fonte: Elaboração da autora, 2010.

Catarina, ao ser questionada sobre o que faz em seus horários de folga do trabalho, afirma que seu tem **lazer trabalhando, pois**, nas horas vagas está sempre inventando algo para se ocupar. Afirma que não entende como as pessoas conseguem ficar paradas ou dormindo, o que pode ser visto pela fala:

Eu sempre invento... Faço um tricô, faço um crochê, faço almofada, decoro, invento, sempre. Eu... Nunca fico parada, sempre invento alguma coisa, faxina e... Em casa que eu digo, nada pra fora não... Mas não fico parada! Sempre fico inventando alguma coisa pra não ficar parada. Não consigo! Então o meu lazer é... Trabalhar.

Dessa forma, é possível perceber que a entrevistada compreende que, qualquer ato que lhe proporciona uma modificação da natureza em seu benefício, é um trabalho, conforme contextualizado por Codo (1998). Sendo assim, afirmar que para ter lazer ela trabalha, mesmo que em atividades caseiras, Catarina percebe-se produzindo e, também, atribui centralidade ao ato de trabalhar em sua vida, pois, pode-se perceber que todo o seu tempo é ocupado pelo trabalho, mesmo que este não seja remunerado. Todavia, é importante salientar que Catarina atribui importância ao dinheiro que advém do seu trabalho na confecção, conforme contextualizado no eixo anterior desta pesquisa. Embora para ela o dinheiro não seja seu único objetivo, este é também uma faceta importante em sua vida, assim como outras apontadas pela entrevistada.

Já com relação à **impossibilidade de viver sem trabalhar**, Catarina demonstra a mesma percepção da categoria anterior, pois, se até mesmo o seu lazer é perpassado pelo trabalho, seria inviável não trabalhar. A fala de Catarina contextualiza essa compreensão:

Olha, se eu não precisasse trabalhar... Só por muito dinheiro... Lógico, se eu tivesse ganho muito dinheiro, muito dinheiro... Mas... Eu não trabalharia fora, mas eu acho que eu não conseguiria ficar parada, como se diz: "à toa", entende? Não conseguiria... Porque eu gosto de fazer as coisas, eu gosto de trabalhar, eu gosto e... Não gosto... Eu acho que é uma perda de tempo dormir. [risos]. Mas eu fazia uma academia, fazia uns esportes legal. Fazia... É... Tipo assim, vamos dizer até que fizesse uns curso, voltasse a estudar, entende? Mas não... Parada de bobeira, não ficaria não. É bom tu viver com gente bacana, tu fazer um trabalho numa comunidade, com gentes bacanas, entende? Eu gosto de fazer esse tipo de coisa. (CATARINA)

Este entendimento sobre a inviabilidade de não trabalhar pode ser compreendido a partir das ideias de Natividade (2007), nas quais a autora explicita a diferença entre trabalho e emprego. Tendo em vista que o ser humano jamais conseguirá viver sem trabalhar, uma vez que suas necessidades básicas tais como alimentação e vestuário, por exemplo, nunca deixarão de existir, a autora argumenta que na atualidade trabalho (produtor de valor-de-uso, o trabalho concreto), é confundido muitas vezes com o emprego (produtor de valor-de-troca, o trabalho abstrato). Entretanto, Catarina consegue perceber o seu trabalho concreto e, desta forma, concebê-lo independente do retorno financeiro que este possa representar para ela. Sendo assim, novas ocupações seriam escolhidas por Catarina, ou seja,

ela “*não trabalharia fora*”, mas outras atividades seriam colocadas neste tempo hipoteticamente livre e, dessa forma, o trabalho continuaria central em sua vivência.

4.5 ALEMÃES E AÇORIANOS: EXISTEM DIFERENÇAS?

Nesta etapa da análise dos resultados serão discutidos aspectos a partir de relações entre as etnias. Para tanto, os próximos subcapítulos deste eixo serão divididos em: Fernando e Robson, com o objetivo de relacionar um descendente de alemão e um descendente de açoriano com escolaridade superior e; Salete e Catarina, com o objetivo de relacionar aspectos entre duas pessoas com escolaridade de Ensino Fundamental das etnias alemã e açoriana, respectivamente.

4.5.1 Fernando e Robson

Neste subcapítulo serão apresentadas as relações encontradas a partir das trajetórias profissionais dos entrevistados Fernando e Robson. Em função das trajetórias individuais, estabeleceram-se semelhanças e diferenças nos sentidos e centralidade do trabalho para ambos.

A primeira diferença bastante significativa com relação à trajetória profissional que estes dois entrevistados mencionam diz respeito ao trabalho na infância. Para Fernando ele acontecia, mas de forma não obrigatória e com incentivo aos estudos. Já para Robson o trabalho na infância era obrigatório e, por diversas vezes, este entrevistado relata que seus pais, talvez por serem comerciantes (conforme sua crença) não gostavam do trabalho que faziam.

Com relação ao entendimento sobre o trabalho dos pais, foi possível perceber que os entrevistados apresentaram desacordo em prosseguir com a profissão dos mesmos, o que era possível para ambos. No entanto, para Fernando

isso foi acontecendo gradualmente, ou seja, ao começar seus estudos na área de informática, o entrevistado passou a perceber que, a partir daqueles conhecimentos, soube que não gostaria de seguir nos negócios da família (administrar a granja). Já para Robson esse fato parece ter acontecido desde cedo, quando ainda pré-adolescente o entrevistado demonstrou compreender as lógicas comerciais e, a partir da experiência dos pais, demonstrou não gostar daquela atividade (ser comerciante). Porém, na atualidade, Robson ressignificou esta impressão a respeito da profissão de seus pais e, a partir do conhecimento efetivo de cargos comerciais, além da noção de outras possibilidades em trabalhar nesta área, o entrevistado passa a reconhecê-la como prazerosa e satisfatória

No que diz respeito à escolha profissional dos entrevistados, é possível entender que, embora a influência dos pais seja muito significativa para tal, para Robson esta influência foi direta e bastante explícita, no sentido de seus pais sugerirem o que o filho poderia exercer profissionalmente: ser funcionário público. Já para Fernando, esta influência apareceu de outra forma, mas também explícita, ou seja, por meio do incentivo aos estudos, especificamente na época da graduação, não importava para os pais de Fernando qual curso ele escolheria, o que importava era que ele cursasse a universidade. Além disso, os pais de Fernando o impediram de trocar de curso pela segunda vez, pois, Ciências da Computação já era o segundo curso de Fernando e, então, seus pais solicitaram que ele o concluísse. Além disso, é importante ressaltar que a ideia, tanto de Fernando, quanto de seus pais, era que ele seguisse com a administração dos negócios da família e, dessa forma, não importava qual curso de graduação ele escolheria.

Outro aspecto interessante com relação à trajetória profissional de Fernando e Robson pode ser percebido pelo fato de Fernando, desde muito cedo, ter planejado suas ações, ou seja, ao deparar-se com a realidade da cidade pequena e da empresa que trabalhou ainda como estagiário, passou a refletir constantemente sobre seu futuro e, isso, acontece até a atualidade, uma vez que ele demonstra interesse em planejar sua aposentadoria, por exemplo. Já Robson demonstrou que suas conquistas estiveram relacionadas ao fato de errar e aprender com os erros e, a partir disso refletir e perceber que algumas atitudes suas poderiam ser diferentes. É importante destacar aqui, que não se quer dizer que Fernando não tenha errado, o que se quer dizer é que Fernando antecipa mais os fatos e reflete à respeito das possibilidades antecipadamente, enquanto Robson é mais espontâneo

e demonstra agir de acordo com o que pensa e, se sua atitude o leva à erros, este arca com as consequências e aprende com elas.

Com relação aos sentidos atribuídos ao trabalho, foi possível perceber que tanto Fernando quanto Robson apresentam alguns sentidos em comum, são eles: remuneração, utilidade, relacionamento interpessoal e prazer.

No que diz respeito à centralidade do trabalho, ambos entrevistados apresentam o trabalho como uma das facetas da vida muito importante. Tanto Fernando quanto Robson demonstram que o trabalho é o organizador das demais atividades do cotidiano e, a partir dele, viabilizam o conforto da família, e também, organizam-se para ter tempo com a mesma. Este aspecto pode ser constatado também por meio da Escala de Valores, onde ambos pontuam o valor máximo tanto para o item “profissional” quanto para o item “familiar”. Além disso, os dois entrevistados explicitam a necessidade de fazer outras atividades além do trabalho, tais como esportes. Robson demonstra que entre estas outras atividades está incluída a convivência com amigos e parentes, enquanto que Fernando demonstra a necessidade de prosseguir com os estudos e aperfeiçoamento. Estas constatações a respeito da centralidade do trabalho confirmam que

A existência social, todavia, é muito mais que trabalho. O próprio trabalho é uma categoria social, ou seja, apenas pode existir como partícipe de um complexo composto, no mínimo, por ele, pela fala e pela sociabilidade (o conjunto das relações sociais). As relações dos homens com a natureza requer, com absoluta necessidade, a relação entre os homens. Por isso, além dos atos de trabalho, a vida social contém uma enorme variedade de atividades voltadas para atender às necessidades que brotaram do desenvolvimento das relações dos homens entre si. (LESSA, 2002, p. 27)

Neste sentido, é possível perceber que Fernando e Robson, em função de suas relações sociais e das necessidades que delas surgem, buscam outras atividades além do trabalho e, portanto, voltam a ele para poder viabilizá-las e organizá-las, assim como apontado por Lessa (2002).

Sendo assim, foi possível relacionar os principais aspectos a respeito da relação de Fernando e Robson com seus trabalhos e a centralidade que atribuem a eles e, a partir da discussão presente em toda esta pesquisa, foi também possível constatar, conforme os fundamentos marxistas de trabalho, que somente o ser humano é capaz de trabalhar da forma como trabalha, ou seja, atribuindo sentido às suas atividades e, a partir disso, consegue se reconhecer no mundo enquanto ser

social. Os entrevistados relacionados neste subcapítulo da análise dos resultados demonstram tal característica.

4.5.2 Salete e Catarina

Neste subcapítulo serão apresentadas as relações encontradas a partir das trajetórias profissionais das entrevistadas Salete e Catarina. Em função das trajetórias individuais, estabeleceram-se semelhanças e diferenças nos sentidos e centralidade do trabalho para ambas.

Assim como para os participantes caracterizados no subcapítulo anterior, aparece como aspecto importante na construção dos sentidos do trabalho, tanto para Salete quanto para Catarina terem presenciado o trabalho dos pais na infância. Embora para nenhuma das duas o trabalho na infância tenham sido obrigatório, ambas começaram a aprender suas profissões ainda crianças. É interessante pontuar que Salete e Catarina, diferente de Fernando e Robson, aprenderam o que executam atualmente no contexto familiar. Neste sentido é importante compreender a diferença nas significações de cada uma. Para Catarina sua profissão foi herdada, já para Salete esta não é considerada desta forma, embora tenha aprendido o que ela faz na atualidade ainda na infância e adolescência. Portanto a “herança” de Salete está no aprendizado com os sogros, já que esta saiu muito cedo da casa de seus pais e morou na casa de seu esposo após o casamento.

A partir das características acima discutidas, é possível refletir a respeito da escolaridade dos quatro participantes desta pesquisa. Para os entrevistados que possuem maior nível de escolaridade houve um distanciamento do trabalho aprendido no contexto familiar, já para as participantes que têm Ensino Fundamental, houve a manutenção deste trabalho da infância durante as respectivas trajetórias profissionais. Tal característica pode estar atrelada ao fato de os homens, por terem estudado mais e convivido em um ambiente acadêmico, tiveram maior abrangência nas possibilidades do mercado de trabalho. Ou seja, Salete e Catarina por terem estudado menos, não tiveram esta ampliação de conhecimento, de realidade e da diversidade das possibilidades de atuação. No

entanto, é importante pontuar ainda, que Robson retornou para a área de trabalho de seus pais, a área comercial. Entretanto, este retorno é carregado de ressignificações e, portanto, para poder exercer este trabalho, Robson precisou passar por uma série de acontecimentos e reflexões. Também, há que se pensar, que os pais de Robson tinham um comércio estabelecido e era a este trabalho que os mesmos relacionavam às dificuldades. Entretanto o entrevistado não estabeleceu um comércio, apenas passou a atuar na área comercial das empresas. Portanto, seu trabalho, na atualidade, não é exatamente igual ao dos seus pais, mas uma atividade afim.

No que diz respeito à realidade do mercado de trabalho, para Catarina as compreensões e contatos com o trabalho foram mais regulares, uma vez que ela trabalha na mesma empresa há trinta e um anos e não relatou muitas dificuldades durante sua trajetória profissional. Já Salete saiu de sua cidade natal e enfrentou muitos percalços em seu caminho, tais como dificuldades financeiras e problemas com a produção agrícola por questões climáticas. Embora Salete e Catarina tenham tido contato com a agricultura durante a infância, apenas Salete trabalhou nesta atividade.

Para ambas as entrevistadas o sentido do trabalho em comum foi a remuneração. No entanto, os demais sentidos se diferiram. Para Catarina o trabalho apareceu como uma responsabilidade, além de independência e não apenas financeira. A entrevistada referiu que ao trabalhar pode-se ter mais autonomia para decidir múltiplas questões que não envolvem necessariamente dinheiro. Catarina também relata como sentido o relacionamento interpessoal no trabalho, pontuado por ela como aspecto bastante importante. Já Salete atribui sentido de reconhecimento social por meio do trabalho. A entrevistada relata que por meio de seu capricho e dedicação, sente-se reconhecida. Além disso, Salete refere muitas vezes durante a entrevista que o “jeito alemão” requer dedicação muito intensa ao trabalho, ou seja, a entrevistada atribui o sentido de intensidade ao trabalho, pois, para ela, o mesmo deve ser feito sempre com muita energia, com muita dedicação. Neste momento é possível refletir acerca das diferenças étnicas de Salete e Catarina. Ao longo das entrevistas realizadas com ambas participantes foi possível compreender que Salete relaciona intensamente a questão da centralidade do trabalho em sua vida, já Catarina menciona o trabalho como regulador de outras atividades, todavia, não intensifica esta afirmação, apenas coloca o ato laboral como

importante. Neste sentido, se possível abordar as idéias de Weber (1996), onde o mesmo afirma que, para os luteranos (que é o caso de Salete), o trabalho remete à dignidade.

Portanto, no que diz respeito à centralidade do trabalho, para ambas as entrevistadas o trabalho aparece (assim como para Fernando e Robson) como regulador das demais atividades do cotidiano. No entanto, a diferença para elas está nos cuidados com a casa. Salete e Catarina demonstram que suas horas livres estão atreladas às atividades domésticas, não entendendo que estas sejam trabalho, mas sim um aproveitamento do seu tempo de não trabalho. Além disso, o tempo para ficar com os filhos aparece para Salete como mais um aproveitamento de seu tempo livre. Isto pode estar relacionado ao fato da entrevistada ter filhos pequenos. Há também, no aspecto a respeito do cuidado da casa e dos filhos, um questionamento que pode ser levantado: há uma questão de gênero nessa relação? Para as mulheres esta faceta é mais importante do que para os homens?

Além disso, ambas as entrevistadas demonstram a necessidade de fazer outras atividades além do trabalho, tais como crochê e tricô, por exemplo. Salete, também, demonstra gostar muito de ler e relata que lê muitos livros, e também dá grande importância a aprendizagens com documentários na televisão, embora isso não se confirme em sua Escala de Valores no item “intelectual”. Já Catarina não aponta a questão intelectual como fundamental tanto em sua entrevista, quanto em sua Escala de Valores.

Com relação à espiritualidade, ambas as entrevistadas atribuem valor máximo a esta faceta em suas Escalas de Valores. No entanto, somente Salete reforçou a influência forte da religião luterana em sua vida. Esta característica mostrou-se diferente para os homens e as mulheres desta pesquisa, os primeiros mencionaram a religião, mas não a demarcaram como prioridade em suas vidas, já as mulheres, demarcaram como faceta muito importante. Será a questão espiritual e religiosa uma característica mais intensa entre as mulheres, será uma questão de gênero? Nesta pesquisa se apresentou desta forma.

Por último, um aspecto bastante demarcado durante toda a entrevista de Salete está relacionado ao capricho e cuidado, característica esta que ela atribuiu à cultura alemã e aos costumes que aprendeu em sua infância e adolescência e, pelos quais, se orgulha bastante. Diferente de Catarina, Salete demonstra que ser caprichosa valoriza as pessoas e, por essa característica se conhece a forma de ser

e de trabalhar de cada um. Catarina parece estar menos preocupada com esta dedicação ao trabalho, independente do afinco que as pessoas dedicam a ele, a entrevistada parece não valorizar as pessoas e a si mesma em função desta característica.

Portanto, pode-se refletir sobre o que Lacerda (2003) traz em seu artigo sobre a identidade açoriana. Por meio de um depoimento de um descendente, o autor argumenta a relação dos alemães e açorianos com o trabalho e outros aspectos identitários. O senhor Francisco (autor do depoimento) no que diz respeito ao trabalho, relata os preconceitos que os alemães tinham com os açorianos no início do século XX no estado de Santa Catarina. Em função disso, afirma que algumas pessoas se sentiam inferiorizadas. Mas isso não aparece nas falas de Catarina, pois a mesma não se sente diminuída por não enfatizar o trabalho como modo de reconhecimento social, ao que parece, a entrevistada não reflete sobre isso e, também, isso não lhe incomoda. Catarina, porém, demonstra uma característica demarcada também em tal depoimento: o desconhecimento de sua história. A entrevistada acredita que seus descendentes são de Florianópolis, não relaciona a vinda dos açorianos à sua origem, pois, *“os meus pais, eles são ali de Ratones, minha avó era Jurerê né? E ali eles se criaram, cresceram, casaram e dali veio né?”* (CATARINA).

Já Salete afirma conhecer muito bem sua ascendência, a entrevistada relata que sua avó veio da Alemanha e esta morou com ela durante alguns anos de sua vida. Salete também conviveu com o idioma alemão e, além disso, demonstra seus conhecimentos sobre sua origem. Estes atributos da entrevistada podem ser relacionados ao que Seyferth (2004) concluiu. Por meio de uma coletânea de poemas e prosas escritos por colonos, a autora constrói elementos a partir das crenças e valores dos alemães e seus descendentes, uma vez que

De novo louva-se o trabalho alemão, o colono que constrói sua casa com as próprias mãos, inclusive os móveis, ergue celeiros no quintal, possui jardim cheio de flores; o mel dourado, o pão no armário e outras referências que apontam para a *Wohnkultur* [cultura doméstica], enquanto indicadora de uma condição étnica [...] (SEYFERTH, 2004, p. 169)

Ao longo do artigo de Seyferth (2004) é possível perceber esta crença dos colonos sobre alguma superioridade de sua etnia, especialmente quando se fala em trabalho e dedicação e, da mesma forma, esta característica é contextualizado por

Salete. Além disso, é explicitamente contextualizada pela autora a questão das origens e da necessidade que os alemães tinham de manterem-se ligados à pátria de origem, ou pátria-mãe, como denominada por alguns dos poetas citados. Ao que parece, a característica fortemente demarcada durante a entrevista de Salete é compartilhada por diversos colonos alemães, conforme contextualiza Seyferth (2004).

Sendo assim, foi possível relacionar os principais aspectos a respeito da relação de Salete e Catarina com seus trabalhos e a centralidade que atribuem à eles e, a partir da discussão presente em toda esta pesquisa, foi possível perceber aspectos importantes no que diz respeito a questão cultural e étnica destas participantes. Além disso, mais uma vez pode-se afirmar um dos elementos do conceito marxista de trabalho: somente o homem é capaz de atribuir sentido ao seu trabalho.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo principal relacionar a centralidade atribuída ao trabalho por descendentes de alemães e descendentes de açorianos que residem na região da Grande Florianópolis. Desta forma, levou-se em consideração que a cultura e o aspecto étnico são fatores importantes na construção dos sentidos atribuídos ao trabalho, principalmente no que se refere à centralidade do trabalho.

Considerando o objetivo específico de identificar os sentidos do trabalho, é possível concluir que os quatro sujeitos desta pesquisa atribuíram sentidos semelhantes, são eles: remuneração, utilidade, relacionamentos interpessoais, responsabilidade, independência, prazer, entre outros. Todavia, pode-se perceber diferenças nas significações dos entrevistados. Os dois participantes com Ensino Superior apresentaram similaridades e, também, as duas participantes com Ensino Fundamental apresentaram sentidos semelhantes. Dessa forma, houve maior aproximação no que diz respeito à escolaridade do que à etnia, ou seja, entre Fernando e Robson, alemão e açoriano, respectivamente, ambos com formação de Ensino Superior, apareceu algo peculiar no que diz respeito ao sentido utilidade, talvez pelo fato de os dois trabalharem em empresas e pertencerem à cargos importantes, esta ideia aparece mais claramente para ambos. Já Salete e Catarina, alemã e açoriana, respectivamente, participantes com Ensino Fundamental, relatam em seus sentidos o saber-fazer. A partir da aprendizagem de seus trabalhos no contexto familiar, estas participantes relatam este saber-fazer como característica muito demarcada em suas trajetórias.

Além disso, dentre os quatro participantes, Salete é a única que relaciona fortemente a questão da etnia com o sentido do trabalho, pois, a partir da manutenção dos costumes e valorização da cultura alemã, a entrevistada reforça constantemente sua concepção de trabalho por meio deste. Todavia, Fernando pontua essa relação brevemente quando menciona que, ao enviar currículo para trabalhar na Grande Florianópolis sua origem influenciou, pois,

já de cara assim tive um retorno e, o pessoal daqui sempre mostraram que valorizavam bastante o pessoal que vinha daquela região, o pessoal que vinha às vezes com vontade de trabalhar, que vinham empolgados, o pessoal tinha muita gente que não queria nada com nada, e pessoal de cidade pequena eles tinham uma visão que queria trabalhar [...] (FERNANDO)

Já na entrevista de Catarina, a característica acima descrita não pode ser identificada. Todavia, Robson menciona apenas, que, assim como as pessoas de outras etnias têm preconceito sobre as origens açorianas (garante que muitos pensam que estes não gostam de trabalhar), ele afirma também ter seus pré-conceitos sobre assunto e, neste sentido afirma que o valor das pessoas está no respeito às escolhas individuais de cada uma e não no julgamento do outro a partir da intensidade e forma de trabalhar. Neste momento se faz possível apontar uma oposição entre Salete e Robson, pois, para a primeira, as pessoas (e ela) têm valor porque trabalham, já para o segundo o fato de trabalhar não é somente o que deve ser valorizado nas relações interpessoais.

Embora este aspecto seja oposto entre Salete e Robson, há semelhanças entre eles no que diz respeito ao sentido do trabalho, pois ambos apresentam comprometimento demasiado às atividades que desenvolvem. Neste sentido, é também possível relacionar Catarina e Fernando, os quais apresentam comprometimento, mas com maior equilíbrio entre o tempo de trabalho e o tempo de não trabalho apontado por ambos.

Assim, algumas semelhanças e diferenças entre as duas etnias apareceram na presente pesquisa. Entretanto, foi possível perceber que os sentidos atribuídos ao trabalho pelos participantes do presente estudo, se assemelham aos sentidos identificados em outras pesquisas, as quais não levaram em consideração o aspecto étnico como critério de seleção dos participantes, quais sejam, Coutinho (2009); Coutinho, Diogo e Joaquim (2008), Morin (2001), Tolfo e Piccinini (2007) etc.

Já ao considerar o objetivo específico de compreender a centralidade atribuída ao trabalho é possível identificar, de maneira geral, que todos os participantes atribuem centralidade ao trabalho, pois, para os quatro participantes, este é o regulador das demais atividades do cotidiano.

Foi também possível perceber que o fato de os participantes atribuírem ao trabalho papel central, conforme suas falas, apareceu como uma relação mais

vinculada ao contexto e à trajetória profissional deles, do que propriamente à uma vinculação da descendência étnica. Desta forma, não é possível afirmar que esta centralidade esteja vinculada à questão de etnia por meio desta pesquisa, o que não quer dizer que esta relação não aconteça. Sendo assim, o que se fez possível compreender, aqui, foi qual a centralidade atribuída ao trabalho pelos quatro descendentes participantes desta pesquisa. Embora a relação entre a etnia e a centralidade do trabalho não tenha sido possível, é importante salientar que durante o desenvolvimento desta pesquisa, foram levados em consideração os aspectos históricos e culturais e, portanto, considerando a história de vida do sujeito e também sua etnia, ou seja, entendendo sua cultura como um todo, é possível relacionar suas experiências e, finalmente, os sentidos que atribui ao trabalho.

Ao considerar o objetivo específico de descrever a trajetória profissional dos participantes, foi possível constatar a principal característica que diferenciou os descendentes alemães dos descendentes açorianos, qual seja: o planejamento do caminho percorrido no trabalho. Os alemães, após algumas experiências, parecem refletir mais sobre suas atividades e atitudes vinculadas ao trabalho. Salete, por exemplo, após ter se exposto à intempéries da natureza e, por isso, ter prejudicado sua saúde, decidiu não trabalhar tantos dias na semana, embora haja a possibilidade de ela o fazer. Fernando também é permeado por reflexões em todos os aspectos de seu trabalho. Ao planejar trocar de cidade, o entrevistado estudou outras possibilidades antecipadamente aos fatos. Já Catarina e Robson se demonstram mais espontâneos. O exemplo para Catarina está na escolha da profissão e permanência na mesma durante trinta e um anos, embora a entrevistada tenha demonstrado o desejo de seguir outra profissão. No caso de Robson é possível perceber tal espontaneidade desde sua adolescência, quando, ao trabalhar vendendo água de coco na praia, percebeu que esta não seria a saída para não trabalhar mais com os seus pais, reforçando, portanto, sua característica de aprender por meio de seus erros.

Ainda com relação à trajetória profissional, é possível perceber uma semelhança entre os sujeitos de maior escolaridade, Fernando e Robson, uma vez que estes, por contemplarem outras possibilidades, buscaram trabalhos afora os que aprenderam com seus pais na infância. Em contrapartida, Salete e Catarina mantiveram-se nas atividades que aprenderam em seus contextos familiares.

Outro aspecto possível de perceber nas trajetórias profissionais dos participantes diz respeito às facilidades e dificuldades encontradas neste caminho. Para Salete e Robson os caminhos foram mais tortuosos e repletos de dificuldades. Já para Fernando e Catarina os acontecimentos se apresentaram de forma mais linear, sem muitos percalços.

Além disso, foi possível identificar questões de gênero que permeiam esta pesquisa (vide pg. 116). Embora este aspecto não tenha sido levado em consideração, quando da seleção dos participantes, identificam-se semelhanças entre as mulheres que participaram da pesquisa. Ou seja, apareceram nos resultados, elementos iguais, tais como cuidar da casa e dos filhos, mais evidentes entre Salete e Catarina, embora Fernando tenha pontuado esta característica muito forte em sua realidade atual, que pode estar atrelada ao momento de conclusão da graduação da sua esposa. Ainda sobre as questões de gênero aparecem semelhanças na fala das participantes. Para Salete esta temática apareceu como muito importante e, para Catarina, embora não tenha sido tão enfatizada, a religião demarcou alguns pontos de sua entrevista, diferente dos homens, que apenas a comentaram nos dados de identificação.

Para a ciência psicológica a contribuição se deu no âmbito de reafirmar as teorias sobre a construção dos sentidos do trabalho, uma vez que se constatou, durante o caminho percorrido com esta pesquisa, que as questões históricas e culturais estão diretamente relacionadas aos sentidos individuais. Além disso, também se faz possível relacionar a questão cultural à prática de psicólogos junto à gestão de pessoas nas empresas. Tendo em vista que este fazer psicológico não está mais restrito ao desenvolvimento de atividades burocráticas a serviço apenas das organizações, constrói-se uma nova possibilidade de atuação: a visão estratégica frente aos trabalhadores e à empresa. Ou seja, ao gerir pessoas dentro de uma empresa o psicólogo deve estar atento à saúde de ambas. Para tanto, a cultura organizacional e das pessoas que dela fazem parte tornou-se elemento fundamental para um novo olhar em gestão de pessoas. Sendo assim, conforme Trevisan (2001), as relações humanas no ambiente de uma empresa estão relacionadas à cultura das pessoas que dela fazem parte. Dessa forma, não é a cultura em si que se relaciona, mas as pessoas inseridas nesta cultura e, em função das diferentes formas de agir, sentir, pensar e sonhar de cada um, as expressões de cultura se aplicam nas relações de trabalho, impreterivelmente. Além disso,

conforme Chu e Wood Jr. (2008) para que se possa refletir acerca da cultura organizacional, é preciso antes, refletir acerca da cultura nacional, ou seja, por meio do conhecimento da etnia, da cultura da população e da região a que empresa está colocada, é que se faz possível pensar, então, na cultura da empresa. Neste sentido é importante compreender a importância das pessoas nas organizações, afinal, é por elas estarem lá que o objetivo da empresa pode ser alcançado.

Com relação à metodologia utilizada, é possível refletir sobre algumas possibilidades diferentes das que aqui se utilizou, pois, a partir de alguns resultados pode-se concluir que, se os instrumentos de coleta de dados tivessem outra configuração, mais direcionada para a etnia, poderia ter se aprofundado os dados das relações étnicas. Para a entrevista, as questões que a estruturaram poderiam ter contemplado a questão étnica. Já para a Escala de Valores o cuidado deveria ter sido tomado no momento da aplicação, uma vez que esta foi realizada após a entrevista e isto pode ter influenciado nas respostas dos entrevistados. Percebe-se que isso pode ter ocorrido em função da reflexão acerca do tema trabalho que a entrevista proporcionou. Esta constatação diz respeito aos valores atribuídos pelos participantes, os quais foram muito semelhantes em todas as temáticas abordadas.

Embora os objetivos específicos desta pesquisa tenham sido alcançados, o objetivo geral poderia ter sido explorado mais profundamente, uma vez que não foi levantado nas questões o aspecto da descendência e da compreensão desta pelos participantes.

No que diz respeito às facilidades encontradas durante a execução desta pesquisa é possível pontuar a proximidade da pesquisadora com o tema escolhido, haja vista que o trabalho, sua centralidade e seus sentidos permearam sua graduação desde cedo, embora ela não os conhecesse em profundidade. Além disso, a proximidade da orientadora a respeito da temática trabalho atenuou as dificuldades encontradas neste percurso. Foi também aspecto facilitador deste trabalho a disponibilidade dos participantes desta pesquisa que, por meio da divisão de suas histórias, permitiram à pesquisadora momentos de reflexão e aprendizagem muito intensos. Por último, mas não menos importante, aponta-se a curiosidade da pesquisadora a respeito da história específica do Estado de Santa Catarina, haja vista que a mesma não nasceu neste Estado e, portanto, por meio desta pesquisa, pode conhecê-la com mais profundidade.

Com relação às possibilidades que esta pesquisa permite aprofundar, sugere-se a identificação dos sentidos atribuídos ao trabalho por descendentes de alemães e descendentes de açorianos, por meio de uma amostra maior, onde a questão étnica seja fortemente abordada em seu instrumento de coleta de dados. Além disso, sugere-se a mesma pesquisa para sujeitos de outras etnias, tais como italiana e polonesa, etnias presentes na colonização do estado de Santa Catarina. Também aparece como uma sugestão, para o desdobramento do presente estudo, pesquisas com o mesmo objetivo em estados da região sul do Brasil, tais como Rio Grande do Sul e Paraná, possibilitando, portanto, a comparação entre as colonizações que, em algumas literaturas, apontam-se diferenças no avanço de desenvolvimento mesmo em localidades próximas ao estado de Santa Catarina.

Considerando que a presente pesquisa abordou a centralidade do trabalho entre descendentes de alemães e descendentes de açorianos, a partir da temática centralidade do trabalho, pode-se pensar em outras pesquisas, como, por exemplo, a compreensão dos sentidos do trabalho para gestores de empresas que têm por hábito trabalhar mais de dez horas por dia, ou seja, compreender o trabalho em demasia e o sentido que as pessoas que o fazem atribuem a ele, ou ainda o fenômeno *workaholic*, elemento pouco encontrado em bancos de dados de pesquisas.

Assim, por meio desta pesquisa foi possível observar que o trabalho recebe uma significação central na vida dos sujeitos, pois estes atribuem o sentido de centralidade a ele. Porém, mesmo o trabalho estando no centro de seu cotidiano, os sujeitos aqui pesquisados, por meio de suas experiências, conseguem contemplar outras possibilidades além das vivências profissionais, tais como os esportes, o lazer, o tempo livre, as atividades domésticas, o tempo com a família etc., e, desta forma, o trabalho não se apresenta como a única faceta da vida. Sendo assim, percebe-se que é possível buscar qualidade de vida e prazer no trabalho, mesmo este permanecendo como central e regulador das demais atividades do cotidiano.

Neste sentido, conclui-se, então, que nem todas as pessoas estão entregues à alienação da lógica do sistema capitalista de produção, na qual

Os homens perdem a saúde para juntar dinheiro e depois perdem o dinheiro para recuperá-la. Por pensarem ansiosamente no futuro, esquecem o presente, de tal forma que acabam por nem viver no presente

nem no futuro. Vivem como se nunca fossem morrer e morrem como se não tivessem vivido. (CONFÚCIO, 551 AC - 479 AC).

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Ricardo. Mercado informal, empregabilidade e cooperativismo: as transformações das relações de trabalho no mundo contemporâneo. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, 1999a, v. 2, n. 1, p. 55-72.
- ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do Trabalho**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 1999b.
- AGUIAR, Wanda Maria Junqueira; OZELLA, Sergio. Núcleos de Significação como instrumento para apreensão da constituição dos sentidos. **Psicologia Ciência e Profissão**, Brasília, v. 26, n. 2, p. 222-245, jun. 2006. Disponível em: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-8932006000200006&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 24 ago. 2009.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. Trabalhar pra quê? In _____: **Trabalho em debate**, São Paulo: Moderna, 1997.
- AUGUSTO, André Guimarães. O fim da centralidade do trabalho? **Revista Pesquisa e Debate**, São Paulo, v.9, n. 2, p. 87-104, 1998. Disponível em: http://www.pucsp.br/pos/ecopol/downloads/edicoes/%2814%29andre_augusto.pdf. Acesso em: 12 abr. 2010.
- BENDASSOLLI, Pedro F.. Recomposição da relação sujeito-trabalho nos modelos emergentes de carreira. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 49, n. 4, dez. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-75902009000400003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 03 jun. 2010.
- BOCK, Silvio Duarte e BOCK, Ana Mercês Bahia. Orientação Profissional: uma abordagem sócio-histórica. **Revista Mexicana de Orientación Educativa**, n.5, s/p, mar./jun. 2005. Disponível em: < <http://www.remo.ws/revista/n5/n5-bock-p.htm>>. Acesso em: 24 abr. 2010.
- BOHOSLAVSKY, Rodolfo. O quadro de referência: esboço para a elaboração de um modelo dos problemas vocacionais. In _____: **Orientação Vocacional: a estratégia clínica**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1998. cap. 1. p. 19 – 70.

CARUSO, Mariléia M. Leal e CARUSO, Raimundo C. **Índios, baleeiros e imigrantes: a aventura histórica catarinense**. Tubarão: Editora Unisul, 2000.

CAMPOS, Luiz Fernando de Lara. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Psicologia**. 4. ed. São Paulo: Alínea. 2008.

CHU, Rebeca Alves; WOOD JR., Thomaz. Cultura organizacional brasileira pós-globalização: global ou local?. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 42, n. 5, out. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-76122008000500008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 jun. 2010

CODO, W. **O que é alienação?** 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

CODO, W. Um diagnóstico do trabalho (em busca do prazer). In: TAMAYO, Á., BORGES-ANDRADE, J.E. & CODO, W. (Org.). **Trabalho, Organizações e Cultura**. São Paulo: Cooperativa de Autores Associados, 1998. p. 21-40.

COUTINHO, Maria Chalfin. Sentidos do trabalho contemporâneo: as trajetórias identitárias como estratégias de investigação. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, São Paulo, v.12, n. 2, p. 189-202, 2009.

COUTINHO, Maria Chalfin, DIOGO, Maria Fernanda e JOAQUIM, Emanuelle de Paula. Sentidos do trabalho e saber tácito: estudo de caso em universidade pública. **PSIC - Revista de Psicologia da Vetor Editora**, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 99-108, jan/jun. 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-73142008000100012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 23 mai. 2010.

DAL MAGRO, Márcia Luíza Pit; COUTINHO, Maria Chalfin. Os sentidos do trabalho para sujeitos inseridos em "empreendimentos solidários". **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 13, n. 4, dez. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722008000400008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 23 mai. 2010.

DEJOURS, Christophe. Subjetividade, trabalho e ação. **Revista Produção**, São Paulo, v.14, n.3, p. 27-34, set./out. 2004.

DE MASI, Domenico. O lado ensolarado da rua: o trabalho é um vício recente. In _____. **O Futuro do Trabalho: fadiga e ócio na sociedade pós-industrial**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001, cap 1, p.13.

FACCIO, Sara Raquel Cechetto. **Os sentidos atribuídos ao trabalho de pessoas com menos de quatorze anos em empreendimentos familiares**. 2008. 98 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Universidade do Sul de Santa Catarina, Palhoça, 2008.

GASPARINI, Giovani. Tempo e trabalho no ocidente. In: TÔRRES, Ofélia de Lanna Sette (Org.). **O indivíduo nas organizações: dimensões esquecidas**. São Paulo: Atlas, 1996. p. 111-126.

GIL, Antônio Carlos. Como classificar as pesquisas? In _____: **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2002. cap. 4, p. 45-51.

KOVÁCS, Ilona. Emprego Flexível em Portugal. **Sociologias**. Porto Alegre, n. 12, p. 32-67, jul.-dez. 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-45222004000200003&script=sci_arttext. Acesso em: 28 set. 2009

KUROGI, Márcia Sumire. Qualidade de vida no trabalho e suas diversas abordagens. **Revista de Ciências Gerenciais**, vol. XII, nº 16, ano 2008, p 49-62.

LACERDA, Eugênio. De “praiano-indolente” à “açoriano descendente”. **A emergência da cultura açoriana em Santa Catarina (1940 – 1990)**. 2003. Disponível em: <http://www.nea.ufsc.br/palestras_coloquio/EUGENIO%20LACERDA.pdf>. Acesso em: 24 out. 2009.

LESSA, Sérgio. Centralidade do trabalho: qual centralidade, qual trabalho? In _____: **Mundo dos homens: trabalho e ser social**. 1. Ed. São Paulo: Boitempo, 2002. cap. 1, p. 27-47.

LUNA, Íuri Novaes; BAPTISTA, Lavínia C. Identidade profissional: prazer e sofrimento no mundo do trabalho. **Psicologia Revista** / Faculdade de Psicologia da PUC-SP. São Paulo. v. 12, n.1, p. 39-51, mai. 2001.

MARCONI, Mariana de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Métodos Científicos. In _____: **Metodologia Científica**. 3. Ed. São Paulo: Atlas, 2000. cap. 2, p. 44-98.

MAAR, Wolfgang Leo. A dialética da centralidade do trabalho. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v.58, n.4, dez. 2006. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252006000400014&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 23 setembro. 2009.

MARX, Karl. Processo de Trabalho e processo de produzir mais valia. In _____. **O Capital: crítica da economia política**. São Paulo: Difel, 1985, p. 201-223.

MELLO, Sylvia Leser de. Estatuto da criança e do adolescente: é possível torná-lo uma realidade psicológica?. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 10, n. 2, 1999. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65641999000200010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 24 maio 2010.

MORIN, Estelle M. Os sentidos do trabalho. **Revista de Administração de Empresas**. Jul./Set.2001. São Paulo, v.41 n.3 p.8-19.

MORIN, Estelle; TONELLI, Maria José; PLIOPAS, Ana Luisa Vieira. O trabalho e seus sentidos. **Psicologia e Sociedade**. Porto Alegre, v. 19, Edição Especial 1, p. 47-56, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822007000400008>. Acesso em: 14 ago. 2009.

NATIVIDADE, Michelle Regina. **O trabalho na sociedade contemporânea: os sentidos atribuídos pelas crianças**. 2007. 132 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia)-Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

PASQUALINI, Juliana Campregher, GARBULHO, Norma de Fátima e SCHUT, Tannie. Orientação profissional com crianças: uma contribuição à educação infantil. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**. São Paulo, v. 5, n. 1, p. 71-85, jun 2004. Disponível em: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902004000100007&lng=pt&nrm=iso>.

PEREIRA, Nereu do Vale. **A singularidade açoriana no Brasil meridional**. 2007. Disponível em: <http://www.nea.ufsc.br/palestras_coloquio/NEREU.pdf>. Acesso em: 24 out. 2009.

PERES, Frederico. Saúde, trabalho e ambiente no meio rural brasileiro. **Ciência e saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 6, dez. 2009. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232009000600007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 22 mai. 2010.

PRIEB, Sérgio Alfredo Massen. A tese do fim da centralidade do trabalho: mitos e realidade. **Economia e Desenvolvimento**. UFSM. n. 12, nov. 2000. Disponível em: <http://coralx.ufsm.br/eed/b3_%20ArtigoS%E9rgio.PDF>. Acesso em: 11 Out. 2009.

RAITZ, Tânia Regina. Estudo de alguns indicadores do mercado de trabalho formal na mesorregião da Grande Florianópolis, 2009.

ROBBINS, Stephen P. Valores, atitudes e satisfação no trabalho. In _____: **Comportamento Organizacional**. 8. ed. Rio de Janeiro: LCT, 1999. cap. 4. p. 85-106.

SACHET, Celestino; SACHET, Sérgio. **Santa Catarina: 100 anos de história**. Florianópolis: Século Catarinense, 1997.

SANTOS, Silvana Sidney Costa. Programa de preparação para aposentadoria na política nacional do idoso e participação da enfermeira. **Revista de Enfermagem UFPE Online**, Recife, v. 1, n. 1, p. 88-94, jul. 2007.

SERVA, Maurício; FERREIRA, Joel Lincoln Oliveira. O fenômeno workaholic na gestão de empresas. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 40, n. 2, p. 179-198, abr. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-76122006000200002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 27 mai. 2010.

SEYFERTH, Giralda. A idéia de cultura teuto-brasileira: literatura, identidade e os significados da etnicidade. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 10, n. 22, p. 149-197, dez. 2004. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832004000200007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 24 mai. 2010.

SIGARDO, Angel Pino. A corrente sócio-histórica de psicologia: fundamentos epistemológicos e perspectivas educacionais. **Em Aberto**. Brasília, v.9, n.48, p. 61-67, out-dez, 1990. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302000000200012&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 20 mai. 2010.

SOARES, Dulce Helena Penna; SESTREN, Gisele. Projeto profissional: o redimensionamento da carreira em tempos de privatização. **Psicologia e Sociedade**, Porto Alegre, v. 19, n. spe, mar. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822007000400010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 26 Mai. 2010.

TOLFO, Suzana da Rosa; PICCININI, Valmíria. Sentidos e significados do trabalho: explorando conceitos, variáveis e estudos empíricos brasileiros. **Psicologia e Sociedade**. Porto Alegre, v.19, Edição Especial 1, p.38-46, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822007000400007&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 13 ago. 2009.

TREVISAN, Lino. **Interculturalidade no ambiente empresarial: relações entre brasileiros e estrangeiros na Volkswagen/Audi de São José dos Pinhais – PR**.

2001. 195 f. Dissertação (Mestrado em Tecnologia) – Centro Federal de Educação tecnológica do Paraná, Curitiba, 2001.

VICENTINO, Cláudio. **História Geral**. São Paulo, Scipione, 1997.

ZANELLA, Andréa Vieira. Atividade, Significação e Constituição do Sujeito: considerações à luz da psicologia histórico-cultura. **Psicologia em Estudo**. Maringá, v. 9, n.1, p. 127-135, mar. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-73722004000100016&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em 23 mai. 2010.

ZANELLA, Andréa Vieira; ANDRADA, Edla Grisard Caldeira de. Processos de significação no brincar: problematizando a constituição do sujeito. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 7, n. 2, p. 127-135, dez. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722002000200015&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 26 mai 2010.

WAGNER III, J. A.; HOLLENBECK, J. R. **Comportamento organizacional: criando vantagem competitiva**. São Paulo, 2002, p. 3 – 23.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**; tradução de M. Irene de Q. F. Szmrecsanyi, Tamás J. M. K Szmrecsanyi. 11. Ed. São Paulo: Pioneira. 1996

WHITAKER, Dulce. Fatores (ocultos) que influenciam a escolha da profissão. In _____. **Escolha da Carreira e Globalização**. São Paulo: Ed. Moderna, 1997. cap. 6, p. 52-61.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA COMISSÃO DE ÉTICA EM PESQUISA - CEP UNISUL TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, portador do RG _____, e do telefone () _____, declaro estar ciente da minha participação na pesquisa realizada pela acadêmica Renata Martins, orientada pela Prof^a Michelle Regina da Natividade. A pesquisa em questão tem como objetivo compreender a centralidade do trabalho entre os descendentes de açorianos e descendentes de alemães na região da Grande Florianópolis e justifica-se pelo fato de criar subsídios para futuras intervenções, uma vez que o psicólogo possa atuar criando estratégias que facilitem a convivência intercultural dentro das organizações ou mesmo fora delas.

Estou ciente de que terei que disponibilizar de quarenta a cinqüenta minutos para responder a entrevista que será realizada pela pesquisadora, além de responder a uma escala que terá duração de aproximadamente vinte minutos. Compreendo que a entrevista será gravada e os dados serão transcritos posteriormente. Dessa forma () concordo que a entrevista seja gravada; () não concordo que a entrevista seja gravada.

Fui informado(a) que durante o momento que eu estiver respondendo a escala, serei acompanhado(a) pela acadêmica que estará disponível para retirar possíveis dúvidas durante o preenchimento da escala.

É de minha livre e espontânea vontade responder a todas as perguntas feitas na entrevista e escala. Este procedimento não trará prejuízo para mim e será mantido o anonimato.

Fui informado(a) que as informações coletadas serão utilizadas nesta pesquisa e poderão ser utilizadas em publicações científicas.

Estou ciente de que em caso de desistência da participação da presente pesquisa, deverei entrar em contato com a pesquisadora, a qualquer momento, pelo telefone (48) 99191401.

_____ (SC), ____/____/____.

Assinatura

Renata Martins

APÊNDICE B – Roteiro de Entrevista

Identificação:

Idade:

Sexo:

Estado Civil:

Escolaridade:

Origem étnica:

Geração:

Religião:

1. Com o que seus pais trabalhavam quando você era criança?
2. Qual foi seu primeiro emprego?
3. Com que idade você começou a trabalhar?
4. O que o trabalho significa para você?
5. O que você costuma fazer nos horários em que não está trabalhando?
6. Se você pudesse viver sem trabalhar, você trabalharia? Por quê?
7. O que você pensa que aconteceria se não existisse mais trabalho?

APÊNDICE C – Escala de Valores

O QUE VOCÊ VALORIZA?

A seguir estão 16 itens. Classifique a importância que você atribui a cada um, numa escala de 0 (nada importante) à 10 (muito importante). Escreva o número de 0 a 10 na linha à esquerda de cada item.

Nada Importante

Muito Importante

0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

- () 1. Um emprego agradável, que dê satisfação.
- () 2. Um emprego que pague bem.
- () 3. Um bom casamento.
- () 4. Encontrar pessoas novas; eventos sociais.
- () 5. Envolvimento em atividades da comunidade.
- () 6. Minha religião.
- () 7. Exercícios; praticar esportes.
- () 8. Desenvolvimento intelectual.
- () 9. Uma carreira com oportunidades desafiadoras.
- () 10. Bons carros, roupas, casa e coisas assim.
- () 11. Passar tempo com a família.
- () 12. Ter muitos amigos íntimos.
- () 13. Prestar trabalho voluntário para organizações sem fins lucrativos, como a sociedade do câncer
- () 14. Meditação, um tempo para pensar, rezar e coisas assim.
- () 15. Uma alimentação saudável, equilibrada.
- () 16. Leitura educacional, programas de televisão educativos, de auto aprimoramento.

Transfira os números de cada um dos itens para a coluna apropriada e some os dois de cada coluna.

Profissional	Financeiro	Familiar	Social	Comunitário	Espiritual	Físico	Intelectual
1=	2=	3=	4=	5=	6=	7=	8=
9=	10=	11=	12=	13=	14=	15=	16=
Total:	Total:	Total:	Total:	Total:	Total:	Total:	Total:

Quanto mais alto o valor, maior a importância que você confere àquele conjunto de valores. Quanto mais próximos os números das oito dimensões, maior o equilíbrio.

Adaptado de: Lussier 1993 apud Robbins, 1999.